

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tese de Doutorado

*Escola e Cuidado:
Histórias de Mulheres Idosas.*



Rosemary Modernel Madeira

Verão de 2014

Rosemary Modernel Madeira

Escola e Cuidado: Histórias de Mulheres
Idosas.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientação: Malvina do Amaral Dorneles.

Porto Alegre
2014

CIP - Catalogação na Publicação

MODERNEL MADEIRA, ROSEMARY
ESCOLA E CUIDADO: HISTÓRIAS DE MULHERES IDOSAS /
ROSEMARY MODERNEL MADEIRA. -- 2014.
198 f.

Orientador: MALVINA DO AMARAL DORNELES.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. ESCOLA E MULHERES IDOSAS. 2. HISTÓRIAS DE VIDA
DE MULHERES IDOSAS. 3. CUIDADO ONTOLÓGICO. 4. GESTÃO
DO CUIDADO. I. DO AMARAL DORNELES, MALVINA, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da
UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ROSEMARY MODERNEI MADEIRA

ESCOLA E CUIDADO:
HISTÓRIAS DE MULHERES IDOSAS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2014.

Orientadora: Dra. Malvina do Amaral Dorneles.

Banca Examinadoras:

Profa. Dra. Carolina Moreira da Silva de Fernandes de Sousa
Profa. Dra. Marta Nörnberg
Profa. Dra. Jane Felipe de Sousa

Dedico esta tese à

Diva Ferreira (Mariad)
Nadir Simioni (Marian)

In memoriam

Agradeço...

à Malvina o acolhimento, a dedicação, a amizade, orientação, o carinho... sinônimos do estar-junto.

às minhas informantes, Marian, Mariad, Marialda, Mariana, Mariland, Mariazinha, Mariar, Mariah, Marisol, Maribel e Francisca por me proporcionarem o substrato para a tese.

à professora Carolina que, em Portugal, ao receber-me no seio da Universidade e da sua família, tornou mais profundo o sentido de pertença.

ao meu pequeno grupo de estudos, Vanessa, Antônio e Leonir que caminharam comigo na descoberta do sentido heideggeriano de Cuidado.

à Jane, companheira das longas caminhadas matinais e ouvinte das agruras da escrita.

à Ione, minha irmã que descobri na existência, que, ao estranhar o texto, curou a angústia.

ao grande grupo dos colegas de orientação, pelos *insights* que me proporcionaram nas discussões.

à minha família, na qual meus grandes amigos e amigas estão incluídos, tanto os daqui, quanto os de lá.

às Instituições: UFRGS-FACED-PPGDU e Universidade do Algarve por me acolherem, a CAPES por financiar o sonho, o Centro Municipal de Educação de Trabalhadores Paulo Freire e a Universidade do Algarve para a Terceira Idade por abrirem suas portas à pesquisa.

A vida me ensinou. A dor me ensinou.

(Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 27)

RESUMO

A pesquisa realizou-se no Brasil e em Portugal, a partir de Histórias de Vida de mulheres acima de setenta anos. No Brasil, com exceção de duas depoentes, as participantes são frequentadoras de Educação de Jovens e Adultos e estão em processo de alfabetização. Em Portugal, as entrevistas realizaram-se com frequentadoras da Universidade da Terceira Idade, possuidoras de uma vivência escolar de, no mínimo, doze anos. A tese contempla aspectos filosóficos, tal como o *Cuidado ontológico* heideggeriano, aspectos sociológicos, tal como o *ser-com* maffesoliano, aspectos antropológicos, tal como a *antropologia filosófica* kuschiana, aspectos do processo da *hominização* desde uma perspectiva biológica. A análise das Histórias de Vida privilegia os fatos que, normalmente, são considerados corriqueiros como a convivência, os sonhos, as perdas, os ganhos e mostram a constituição do humano e da Instituição Escola, enquanto lugar onde o *estar-com* e o *cuidado* fundamenta a resiliência em idosos.

Palavras chave: Escola e Mulheres Idosas, Resiliência e Cuidado na gestão escolar, Memórias de Mulheres Idosas.

ABSTRACT

The research was conducted in Brazil and Portugal, from Life Stories of women over seventy years. In Brazil, with the exception of two interviewees, participants are attending the Youth and Adult Education and literacy are in process. In Portugal, the interviews were held with attending the University of the Third Age, possessing a school experience of at least twelve. The thesis includes philosophical, as Heidegger's *ontological Care*, sociological aspects, such as *being-with* Maffesoli's, anthropological aspects, such as Kusch's *philosophical anthropology*, aspects of the process of *hominization* from a biological perspective. Analysis of Life Histories emphasizes the facts that are normally regarded as commonplace living, dreams, losses, gains and show the human constitution and the institution's School as a place where *being-with* and Care underlies the resilience in the elderly.

Keywords: School & Senior Women, Resilience and care in school management, Memoirs of Senior Women.

SUMÁRIO

1	Da Emergência da Intriga ou advertência	13
2	Do Contorno da Intriga ou do método	15
2.1	Da concretude da intriga ou a organização do texto	22
2.2	Do despertar da intriga: as autoras das histórias de vida .	26
2.2.1	Das Histórias de vidas brasileiras	27
2.2.2	Das Histórias de Vida Portuguesas	42
3	Temporalidade ou da consequência inevitável do viver	49
3.1	Daquilo em que da-sein está imerso: temporalidade	50
3.2	Do ser anciã	54
3.3	Das terminologias que definem envelhecer	61
4	Historicidade ou das reminiscências do viver	69
4.1	Daquilo que dá suporte: Historicidade	70
4.2	Daquilo pelo qual a vida inicia: Infância.....	79
4.3	Daquilo para o que a pesquisa remete: A Escola, a primeira.	92
4.4	Daquilo que remete À subsistência: O primeiro emprego.	101
4.5	Do movimento espacial: as migrações	106
5	Mundanidade ou das forças emergentes do viver	113
5.1	Da mundanidade e do ser-com	114
5.2	Da sexualidade: a descoberta de si.....	120
5.3	Da sensualidade: a formação das famílias.....	125
5.4	Da erótica: as relações com os companheiros.....	136

5.5 Da herança genética: ter ou não ter filhos.....	141
6. Ética da Escola enquanto lugar de cuidado.....	150
6.1 Da angústia do viver.....	151
6.2 Da Resiliência.....	160
6.3 Escola e anciãs: o lugar de Cuidado.....	171
7. Abertura.....	189
Bibliografia.....	192
Livros citados	192
Artigos on-line citados	194
E-books citados	195
Teses e dissertações e documentos inéditos citados	195
Artigos e revistas	196
Autores de subsídio ao texto	196
Teses, dissertações e documentos inéditos.....	201
Artigos on-line	201
Sítios da Internet pesquisados:.....	202
Músicas citadas.....	203

1 DA EMERGÊNCIA DA INTRIGA OU ADVERTÊNCIA

Inventa-se um mundo cada vez que se escreve.

(MAFFESOLI, 1996: 17).

Quando comecei meus estudos de doutorado no Programa, apresentei um anteprojeto que continuava os estudos já realizados na minha dissertação, momento em que pesquisei os Aspectos Ambientais na Escola Guarani. Porém, nas discussões dos primeiros Seminários Avançados propiciados pela Universidade, dei-me conta do quanto eu me afastara daquilo que era minha prática: sendo uma professora de jovens e adultos, eu trabalhava formando professores para Educação Infantil e pesquisava a Escola Indígena Guarani. Foi a partir daí que mudei o rumo do anteprojeto e voltei-me à prática pedagógica para investigar aquilo que mais me atraía: os idosos em sala de aula.

Fui então acolhida nessa pretensão pela minha orientadora e, com generosidade, pelas instituições e pelas entrevistadas que me brindaram com suas Histórias de Vida, levando-me a ad-mirar¹ as Memórias que elas guardaram dessa época e suas implicações no ver-o-mundo ao nele ser-lançado (HEIDEGGER, 2002) conduzindo-me a *inventar um mundo* na escrita que agora concluo.

É a isso que se propõe este trabalho, a uma *escuta sensível* desses velhos que se recusam à morte no *estar-junto* (MAFFESOLI, 1999) e no cuidado com o outro que com ele se vê lançado no mundo.

¹ A escrita ad-mirar quer aprofundar o sentido da palavra desde o prefixo **adir** – acrescentar e **mirar**: *fitar, encarar, cravar a vista em, apontar para, cravar como alvo, observar cuidadosamente* (CUNHA, 1986), ou seja, ver-junto-com. O uso da palavra *advertência* na introdução desta tese e *abertura* na finalização é inspirada em Maffesoli (1997).

O estudo da vida escolar para idosos é ainda um assunto em processo. Lembro-me de assistir, há uns quinze anos, uma palestra de um famoso pedagogo espanhol que perorava sobre o fim do analfabetismo na Espanha; criticava os investimentos governamentais feitos somente para a alfabetização de crianças e jovens, citando que os adultos maduros e os velhos não eram contemplados, pois, ao concluir-se o processo de alfabetização populacional, essas pessoas já não mais existiriam. Foi um choque para mim ouvir esse raciocínio que, em princípio, não era do palestrante, mas das políticas que ele apresentava.

Hoje no Brasil, dia a dia, vi crescer a população de idosos que buscam a escola para, finalmente, poder dominar os rudimentos da escrita e da leitura e fico pensando que, se nossas políticas andassem no rumo apontado pelo palestrante, eu teria a oportunidade de escrever a tese que agora concluo. Talvez não, mas sei que as mobilizações e as reivindicações da sociedade organizada muito contribuíram para que idosos tivessem seu espaço em sala de aula.

O texto pauta-se pelas relações, pela convivência, pela importância que ela tem para o ser que se chama *Homo sapiens sapiens* ou *Homo sapiens demens* na ótica de Morin (1973), pois, sendo um ser social por excelência, é ainda um ser individual ao mesmo tempo e há que atentar para o fato que o que há de importante, de fundante, de primordial é o *estar-com*, desde o espaço que se oferece à acolhida das pessoas que fazem viver a Instituição Escola.

2 DO CONTORNO DA INTRIGA OU DO MÉTODO

O contorno da intriga inicia quando eu, professora de Ciências Físicas, Químicas e Biológicas do Ensino Fundamental do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, volto meu olhar para a população de idosos que dia a dia via crescer nas dependências da Escola e que, por anos e anos, continuavam a frequentá-la. Quando alguns desses idosos assomaram às minhas classes de Ciências, comecei a perguntar-me o porquê deles resolutamente retornarem por tanto tempo aos bancos escolares.

Sendo uma escola de Educação de Jovens e Adultos, a “aceleração” ou a “suplência” eram desejadas e, desse modo, alguns alunos conseguiam em tempo *record* seu intento de concluir os estudos fundamentais. Outros nem tanto e alguns, especialmente aqueles portadores de necessidades especiais, demoravam muito mais tempo. Entre eles os idosos.

Como professora de Ciências, entendia bem o porquê do fenômeno, desde que os “óculos”, com os quais eu lesse as suas avaliações, fossem puramente aqueles que a disciplina me oferecia. Por outro lado, negando o que a disciplina de Ciências fechada dizia, a *avaliação emancipatória*, que deveria ser a regra para esse estabelecimento, apontava que, aqueles alunos, poderiam progredir tal como os demais. Infelizmente eu não era a única professora deles. Éramos oito e, desses oito, seis comungavam comigo. Dois não. E pela ótica desses dois, os nossos velhos permaneciam, ano após ano, na mesma Totalidade de Conhecimento.

Intrigada, passei a observar como era a avaliação das minhas colegas alfabetizadoras. Elas também tinham problemas: o primeiro deles eram as dificuldades apresentadas pelo próprio aprender,

representados na insegurança própria dos alunos, nos dedos que se negavam a segurar o lápis de forma correta à escrita, nas constantes faltas por motivo de doenças e, para além disso e no meu entender o mais importante, no medo de enviar essas pessoas para nós, as professoras das Totalidades Finais de Conhecimento, sabendo que nós faríamos com eles o que realmente fazíamos: mantínhamo-los, ano após ano, no mesmo patamar.

Quando comecei o meu doutorado nesta Universidade, pensei que um olhar mais acurado a essas pessoas poderia ajudar-me a entender a persistência com a qual elas mantinham sua disposição de participar e continuar a frequentar aquele espaço.

Num primeiro momento, a Memória de Escola que eles me trariam seria (e continua sendo) o mote principal de minha escrita, mas, associado ao papel da Escola nas suas vidas, a condição de idosos e as explicações de mundo que, no Projeto de Pesquisa, apresentei como Mitos. Durante o percurso da pesquisa, surgiu uma nova categoria de análise, a Resiliência, o que vai me levar para a Universidade do Algarve em Portugal na busca do conhecimento dessa categoria.

Minha experiência europeia mostrou-me uma interessante visão empírica da situação da velhice por aquelas plagas. Miríades de anciãos (e, neste caso, estabeleço o termo desde a observação de seus corpos, ou seja, pessoas que apresentam aparência de anciãos) viajam entre países, são ativos, praticam academia de ginástica. São aposentados e sentem-se livres por isto. Observei-os nas ruas e especialmente em Faro, a cidade em que morei, apresentando-se aos meus olhos como a maioria das pessoas que vi pelas calçadas. Pude observar que alguns se movimentavam com agilidade, faziam *cooper*, jogging, mantinham-se “em forma”. Outros caminhavam com dificuldades pelas calçadas de pedras sabão (diga-se de passagem irregulares) apoiados às suas

bengalas ou empurrando o carrinho de feira que servia de suporte à caminhada na ida ao mercado.

Nas minhas idas e vindas pelo Algarve, observei que a população de idosos é bastante acentuada em contraposição a dos jovens (com os quais, basicamente, somente convivi no âmbito da Universidade) e das crianças que podiam ser observadas em horário de chegada e saída das escolas. Para o evento de minha pesquisa, Portugal foi uma bela escolha!

Quando voltei os olhos para o Brasil, pude observar que a população de velhos tem realmente aumentado, fato comprovado pelo IBGE ao afirmar que, em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos, existiam 24,7 idosos de 65 anos ou mais além de projetar que para 2050, para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172,7 idosos.

Por outro lado, os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população elevam a expectativa de vida ao nascer de 45,5 anos de idade, em 1940, para 72,7 anos, em 2008, ou seja, mais 27,2 anos de vida. O IBGE projeta para 2050 um patamar de 81,29 anos, basicamente o mesmo nível atual da Islândia (81,80), Hong Kong, China (82,20) e Japão (82,60). Há que se perguntar se em 2050 estes lugares (Islândia, Honk Kong, China e Japão) já terão rompido a barreira dos 100 anos enquanto média de expectativa de vida.

Muitos desses anciões retornam à Escola, tanto para aprender as artes da leitura e da escrita, como as artes do fazer algo com as mãos e, nesta categoria, há muito: tricô, crochê, pintura, teatro, coral, bordado, costura, marcenaria... Nesta busca pelo fazer, há o encontro de outros seres, velhos como eles (especialmente nas chamadas Universidades da Terceira Idade) ou jovens buliçosos na Educação de Jovens e Adultos.

Porém, a escola foi pensada para um grupo quase específico de humanos que precisavam ser formados para viver a modernidade sólida; falo daqueles que inicialmente seriam o futuro dos estados-nações, as crianças. Com o tempo, as necessidades mercantis trouxeram para este espaço os adultos e, finalmente, nas pegadas deles, os velhos.

Bauman (1998) muito bem define a ambiguidade dos estranhos que nos chegam: são aqueles que a classificação não consegue estabelecer enquanto “amigos” ou “inimigos” e que apresentam características de ambos, não nos dando a chance de fazer a sistematização necessária. Os anciões, ao chegarem na escola, aparentemente são amigos. Ajudam-nos na educação (aqui no sentido mais escolar possível, aquela que espera que todos, calados, sentados e atentos, ouçam os saberes trazidos pelo professor) dos meninos e meninas que com eles dividem a classe. Essa ação é a ação de um “amigo”, já que há o auxílio. Por outro lado, teima em não aprender aquilo que tão diligentemente nós lhes ensinamos. Aqui a ação do “inimigo”, já que há a angústia de não “cumprirmos nosso papel”. Entre as duas ações, os velhos são ambivalentes, são o outro que nos desacomoda e nos deixa desconfortáveis.

Pois esse “outro” tem histórias: vivendo a *modernidade sólida* no auge da sua vida produtiva, vem desaguar na escola da *modernidade líquida* (BAUMAN, 2001) com suas ofertas incríveis: a informática, os filmes, os passeios, os exercícios, coisas que ele não esperava encontrar, pois, nas suas lembranças e expectativas, a escola era o lugar onde se sentava para ouvir o professor, copiar o quadro e fazer as tarefas de casa. Há um choque na própria chegada: o que esperava encontrar e o que encontrou, e isto lhe gera desconforto.

A Escola, por sua vez, é uma Instituição, uma construção humana que visa à permanência, enquanto cura da angústia

existencial. Heidegger (2001) aponta que a Cura, enquanto aquilo que pertence à presença humana “enquanto vive”, tem um duplo sentido que estabelece “um esforço angustiado”, mas também o “cuidado” e a “dedicação”. A angústia do privilégio de *dasein* ser-para-a-morte estabelece o porvir e a finitude que não diz primordialmente o término, mas um porvir originário e próprio como possibilidade insuperável do nada. E o “esforço angustiado” da permanência se faz na Instituição. Portanto é na Instituição Escola que minha busca pela forma como a Cura-Cuidado perpassa o ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2002) e o estar-junto (MAFFESOLI, 1999).

Durante os nove meses² que em Portugal estive, sob a orientação da Professora Doutora Carolina de Sousa Santos, tive acesso a várias instituições formadas e geridas por idosos, mas escolhi aquela que mais me fazia “sentir em casa”, a Universidade do Algarve para a Terceira Idade, a UATI. Nela fiz um trabalho semelhante àquele que já vinha fazendo aqui em Porto Alegre, qual seja participar no dia-a-dia da instituição.

Para cumprir meu papel de pesquisadora, em primeiro lugar, frequentei aulas e entrevistei mulheres idosas do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, CMET, uma escola específica para Educação de Jovens e Adultos, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e, ao cruzar o oceano, passei a frequentar a Universidade do Algarve para a Terceira Idade, UATI, em Faro, Algarve, Portugal, associando dois públicos de histórias de vida, memórias, vivências e aprendizagens diferentes, mas unidos pela mesmo idioma.

Da frequência às aulas ficou uma relação de afetos em que, às vezes, havia uma cumplicidade entre colegas – eu e os alunos das turmas –, o respeito à pesquisadora e, ainda, o carinho pela ex-

² Meu doutorado sanduíche estendeu-se de setembro de 2012 a maio de 2013.

professora da escola ou pela professora-brasileira que ali estava com o seu sotaque “tão cantado, tão bonito”.

Entre chás com bolos (aqui e lá) e canções, poemas, bolo e chá (lá) realizaram-se as entrevistas gravadas em áudio, nas quais ouvi e registrei as Histórias de Vida daquelas mulheres que escolhi, que foram escolhidas ou que se escolheram para contribuir. Penso ser interessante observar que, num primeiro momento, minha intenção com as conversas era *des-cobrir o ser-velho e o ser-velho-na-escola*; porém, ao introduzir a questão de tese e as suas necessárias explicações na qual propunha que as entrevistadas conversassem comigo sobre suas Histórias de Vida e suas relações com a escola, a maioria delas passou a discorrer e contar com muito afincamento as suas vivências, as suas experiências de vida, os fatos que a elas eram importantes e que mereciam ser registrados. De início, ao ouvir as conversas, pensava eu que, talvez, o material produzido não atenderia as minhas expectativas e tentava conduzir para o que já havia me proposto, mas cada uma das minhas informantes sabia o que queria dizer e o quanto queria dizer. Resultou uma tese que, se não diz o que é ser-velho na perspectiva de quem está nessa idade, diz do viver de pessoas que abriram suas vidas e as colocaram como fundo para análise na tentativa da compreensão do que é viver. Por outro lado, foi-me dada a oportunidade de reviver histórias, desde as palavras por elas proferidas, muito semelhantes às que as próprias entrevistadas contaram-me nas suas reminiscências, no que tange, especialmente, aos costumes de época. Penso que, quando alguém nos conta fatos vivenciados que tangenciam aqueles que também vivemos, é absolutamente impossível não nos identificarmos com aquilo que ouvimos, e é desse modo que o leitor encontrará também minhas próprias reminiscências que acrescentam ou adornam os fatos relatados por minhas informantes.

As longas histórias daqui contaram de crianças que cuidaram de outras crianças, de crianças que viam outras crianças irem à escola e

sonhavam com o dia de irem também, de crianças que casaram, tiveram outras crianças, separaram, conviveram, trabalharam muito, ganharam pouco, construíram suas casas, suas famílias, suas trajetórias e trajetos históricos.

Nas não menos longas histórias de lá, ouvi narrativas de crianças que tiveram uma escola no seu tempo devido, que casaram, viajaram, tiveram seus filhos e a estes lograram enviar à universidade, construíram seus patrimônios, trabalharam muito e ganharam o suficiente.

Dois grupos heterogêneos no *ter*, mas homogêneos no *ser*: mulheres, agora idosas, mas sempre fortes. Para além das entrevistas realizadas ora no espaço escolar, ora na casa das entrevistadas, fiz o registro desses momentos em um Diário de Campo e em fotografias.

Bedin (2005: 20) ao discorrer sobre a forma de atuação e ação do pesquisador diz que

Para conhecer bem e em profundidade, é necessário também que o pesquisador seja conhecido e sentido pelos outros como parte integrante do todo e como parte confiável. Daí, porque, estabelecer vínculos, parcerias, ganhar confiança, participar da vida da escola, tem sido condição de possibilidade para que o ofício de pesquisador possa ser exercido com qualidade.

Disposta a exercer meu ofício de pesquisadora para perceber o porquê dessas mulheres voltarem ou irem pela primeira vez à escola, percorri os caminhos concretos entre as minhas casas (daqui e de lá) e as instituições (de lá e daqui) e, nesse tempo, sentei-me com elas em suas salas de aula, nas suas salas de visita e escritórios, nas suas cozinhas e caminhei pelas ruas em suas companhias nas quais travei agradáveis conversas. Ao mesmo tempo em que percorria os caminhos concretos, percorri os caminhos teóricos proporcionados pelos autores que subsidiam a escrita e que me inspiraram a pensar e traduzir a

percepção dos sentidos que construiu *as narrativas primordiais da consciência* (DAMÁSIO, 2000) no texto que ora apresento.

2.1 DA CONCRETUDE DA INTRIGA OU A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Quando me dispus a trabalhar com idosos, surgiu um primeiro percalço: com que idade se pode dizer que alguém é idoso?

Pela legislação brasileira, à época da escrita do projeto de tese, considerava-se idoso aquele acima de sessenta anos, porém esse limite de idade não me era satisfatório, haja vista a enormidade de pessoas que, com seus sessenta anos, parecem e vivem como jovens de trinta. Na discussão com minha orientadora, concordamos que a idade mínima exigida para a pesquisa seria de sessenta e cinco anos, embora, na pesquisa, não tenha entrevistado ninguém com idade menor de setenta anos.

O segundo ponto estava agora lançado: Quem eu entrevistaria? Ambos os sexos ou um em especial?

A resposta surgiu como um clarão: a ampla maioria frequentadora dos bancos escolares da instituição que eu havia escolhido como campo de pesquisa eram mulheres. Por outro lado, há as estatísticas que apontam para o fato de que as mulheres são maioria entre os idosos e, além disso, há o interesse do resgate das histórias desde os costumes de uma época recente, mas tão distante se observada desde esse prisma. Concluimos então essa etapa: estava decidido que os participantes seriam mulheres com idade acima de sessenta e cinco anos.

O terceiro ponto de restrição do campo surgiu quando pensamos se unicamente nos interessaríamos pelas mulheres frequentadoras do

Centro Municipal ou convidaríamos outras a juntarem-se a elas. Nas conversas concluímos que seria interessante incluirmos algumas que não estivessem na escola, como um contraponto das suas memórias desse estar. Assim, onze mulheres com idade mínima de setenta anos (Mariana - Caderno de Entrevista 6) e, máxima, de 92 anos (Mariad - Caderno de Entrevista 1, 2 e 3) conversaram comigo, abriram suas histórias e contaram suas vidas. Das onze, somente logrei gravar nove entrevistas. Duas perderam-se nos meandros da tecnologia³ não bem entendida e usada, porém para ambas tenho minhas anotações do Diário de Campo e, para uma delas, um livro de contos de sua autoria com o qual ela me brindou para que o usasse como complemento à conversa.

Para que a privacidade das minhas entrevistadas acontecesse, utilizei como identificação o nome Maria, escolhido tanto por significar *a iluminada*, tanto porque mulheres do mundo inteiro têm esse nome nas mais diversas grafias e pronúncias. O nome Maria vem acompanhado de uma letra que necessariamente não é a inicial do nome da citada. Dona Francisca foi a única a ser identificada nesta tese, pelo fato de eu ter usado dados do seu livro que consta nesta Bibliografia e ser de domínio público. Já a outra entrevistada, que não consegui gravar em áudio suas palavras, foi identificada como Mariland.

Para que o texto da tese se concretizasse, foi necessário gravar em torno de 12 horas de áudio, transformadas em onze cadernos, somando cento e quarenta e cinco páginas. Cada uma das transcrições recebeu o nome de Caderno de Entrevista acompanhado de um número e

³ Vale o comentário de Balandier (1997: 258) a respeito da tecnologia dos objetos modernos: *Funcionam sem que suas operações sejam aparentes, tornam-se ainda mais misteriosos na medida em que sua coerência interna se intensifica e a lógica de seus processos fica mais complexa (...). O imaginário técnico comum modifica a identidade destes objetos. Os comentários relativos a seu uso lhes conferem, mais que aos recentes, uma autonomia; parecem inquietantes ou absurdos, capazes de vontade e de hostilidade revelada no momento das panes; são dotados de uma espécie de vida expressa por suas transformações e por seus rápidos envelhecimentos, obedecendo ao ritmo vertiginoso das renovações tecnológicas. Não são jamais plenamente domesticados, o que leva à subtilização de suas possibilidades.*

ordenado cronologicamente desde a primeira até a última gravação. Desse modo, temos o Caderno de Entrevista 1 que se refere à primeira entrevista, realizada em 18 de junho de 2010, até o Caderno de Entrevista 11, com data de 05 de março de 2013.

Paralelamente ao trabalho com as gravações das Histórias de Vida, produzi um Diário de Campo com anotações, reminiscências, observações das aulas, material didático, flores secas, *insights*, observações pessoais das entrevistadas, entre outros materiais. Esta é a minha memória escrita. Já a memória visual foi grafada em fotografias as quais utilizei somente quando do grande grupo das turmas do Centro Municipal de Educação e da Universidade para Terceira Idade do Algarve.

Ao analisar as entrevistas, fundamento-me na perspectiva do *cuidado ontológico*, substanciado em Heidegger, na *sociologia acariciante* fundada em Maffesoli, na *antropologia filosófica* inspirada por Kusch, abarcando perspectivas que passam desde a Biologia fundamentada em autores tais como Pinker, Dawkins ou Ridley (pois sendo uma bióloga, tenho que deixar vir essas explicações), pela Psicologia, desde a resiliência, entre outros. Ao colocar as depoentes para falar sobre, há que retomar o que se apresenta, no sentido de reler o que se foi dito e dar destaque às frases que marcam, tal como se comenta um autor em uma resenha. É desse modo que a metodologia de escrita, por mim escolhida, se fez: retomo os depoimentos, comento-os, associo-os aos autores de fundamento teórico, destaco frases que me impressionaram, refaço os caminhos e relembro as histórias ao longo da escrita.

Da leitura das entrevistas, quatro categorias emergem de maneira inquestionável: a Temporalidade, a Historicidade, a Mundanidade e a Angústia Existencial, todas permeadas pelo Cuidado ontológico. A cada uma delas associei um título que se converterá no *corpus* analítico

teórico associado a cada momento com as verbalizações de minhas entrevistadas nas suas Histórias de Vida. São elas:

Temporalidade ou da consequência do viver: a análise processa-se substanciada nas questões teóricas do viver e envelhecer na sociedade atual, nas mazelas corporais e nas questões de aprendizagem e fundamenta-se filosoficamente na *temporalidade heideggeriana*.

Historicidade ou as reminiscências do viver: substanciada nas reminiscências próprias das entrevistadas, o capítulo vai fundamentar-se na *historicidade heideggeriana* e discorrerá sobre as memórias fundantes do ser de cada uma delas.

Mundanidade ou das forças emergentes do viver: o ser-com pressupõe o ser com o outro, com a espacialidade no qual está inserido e com as relações nesta espacialidade enquanto ser-que-está-lançado. Este capítulo, então, analisará as reminiscências de construção da família, tendo por base o aproximar-se do companheiro, a chegada dos filhos e os costumes de época.

Ética da Escola enquanto lugar de cuidado: a angústia existencial se manifesta na perda, e isso faz do humano ser de cuidado que se constrói na Instituição. Sendo a Escola uma instituição de cuidado, o capítulo analisará as relações das entrevistadas e o *estar-na-escola*.

2.2 DO DESPERTAR DA INTRIGA: AS AUTORAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Onze mulheres atenderam ao meu chamado, sete brasileiras e quatro portuguesas. Das sete mulheres brasileiras, duas não frequentaram ou frequentam o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores, mas pelo seu histórico e Histórias de Vida, pensei serem pertinentes suas inclusões na presente pesquisa.

Há, todavia, uma abissal diferença entre os dois públicos que acolheram minha solicitação e eles são a linha mestra do presente texto. Se no Brasil a maioria das mulheres⁴ que responderam às minhas perguntas estão situadas naquilo que chamamos *classes populares*, as mulheres portuguesas são claramente pessoas de *classe média*. A ampla maioria das mulheres brasileiras está na escola para completar ou iniciar sua alfabetização; já as mulheres portuguesas frequentam uma Universidade da Terceira Idade, contando com, no mínimo, doze anos de formação escolar. As brasileiras tiveram uma infância sofrida, não frequentaram a escola ou se o fizeram foi por um ou dois anos, iniciando as atividades produtivas no mercado de trabalho na mais tenra idade (Mariland aos sete, Mariazianha aos oito; Marialda aos nove; Mariar aos doze anos); já as minhas entrevistadas portuguesas foram donas-de-casa e, na maioria, começaram a trabalhar por sugestão dos maridos. As anciãs brasileiras tiveram de trabalhar durante a vida produtiva (em alguns casos contrariando a vontade do cônjuge) para poder sustentar a família. As anciãs portuguesas não sentiram essa necessidade, pois contavam com o auxílio pecuniário de seus maridos. Todas, no entanto, têm em comum o fato de, em algum momento de suas vidas, terem migrado: no caso das brasileiras, das cidades interioranas para a capital e, no caso das portuguesas, de vilas

⁴ Faço uma ressalva aqui: das mulheres brasileiras entrevistadas, uma é exceção das características apontadas a seguir no texto, aproximando-se em todo o caso com as características das entrevistadas portuguesas. Trata-se de Marian, que era uma mulher de classe média, com formação universitária e professora por toda a vida.

para cidades, de uma região para outra ou mesmo emigração, no caso de Marisol (de Angola a Portugal), e Maribel (de Portugal ao Marrocos e do Marrocos a Portugal).

Passo a apresentá-las enquanto personagens e fundantes da presente tese de duas maneiras: as que foram entrevistadas no Brasil e nas quais se faz a maioria das análises da tese e as que foram entrevistadas em Portugal, como um paralelo e complemento ao que se observa nas entrevistas aqui realizadas.

Os textos a seguir são um breve resumo das Histórias de Vida de cada uma delas e estão distribuídos na ordem cronológica do acontecimento da entrevista.

2.2.1 DAS HISTÓRIAS DE VIDAS BRASILEIRAS

Essas entrevistas ocorreram na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na casa de três das entrevistadas (Marian, Mariad e Mariland) e no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (Mariana, Marialda, Mariar e Mariazinha) no período entre 2010 (Marian e Mariad) e 2012 (Mariland, Mariana, Marialda, Mariar e Mariazinha).

MARIAN

Caderno de Entrevista 1, 2 e 3

Total de 56 páginas

Áudio de 3h34min06s

Marian foi professora toda uma vida e mostrou, no alto dos seus 92 anos⁵, uma lucidez invejável a qualquer pessoa mais jovem. Com formação universitária, lecionou Séries Iniciais, Educação Física e

⁵ As idades aqui constantes são à época da entrevista.

Francês, porém nunca alfabetizou. Ativa na comunidade em que vive, um bairro de classe média da capital, atuava junto à paróquia na distribuição de alimentos e agasalhos para as comunidades carentes.

Marian nasceu numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, no início do século passado, em 1918, e veio a falecer no dia 28 de outubro de 2013, enquanto realizava a escrita desta tese.

Marian foi escolhida por ter a vida dedicada à Educação e, embora não lembrasse com muita clareza do seu passado escolar, ela possuía ricas recordações de seu tempo de aluna universitária e de professora de Educação Física. Formou-se *aluna mestra*, segundo suas próprias palavras, e foi convidada a fazer Educação Física em Porto Alegre. Para cá veio, formou-se e retornou para sua cidade passando a ser professora contratada do Estado: *Como professora eu amei e gosto de ser professora, gosto mesmo, mas o que predominou na minha vida foi a parte cênica, a parte artística* (Caderno de Entrevista 1, pág. 9).

Marian foi uma apaixonada pelo teatro, exercendo sua veia artística no palco e nas radionovelas da Rádio ZYF5 na companhia de Maurício Sirotski Sobrinho⁶. Quando foi direcionada ao magistério sentiu-se triste, mas enfrentou o desafio e, segundo suas próprias palavras, gostou. Tinha um bela voz e cantava em casamentos, festas e outros encontros, mas a perdeu numa tentativa de organizar uma turma de alunos, sob sua responsabilidade, ao final de uma apresentação do Sete de Setembro:

Quando nós voltamos, um aluno imitou a minha voz e disse: fora de forma! Largaram tudo, largaram, largaram tudo que tinham na mão no chão e ó. E eu, burra, em vez de ficar quietinha, porque não adiantava mesmo... Sabe quando arrebenta a boiada? Né? e eu fui gritar querendo... e eu senti assim uma... eu senti uma coisa que subiu na minha garganta e eu botei a mão assim e já não pude falar. Tive distensão das cordas vocais! E,

⁶Maurício Sirotsky Sobrinho (1925 – 1986) foi o fundador do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), conglomerado de comunicação que inclui rede de televisão, rádios, jornais entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Na época em que Marian fazia radionovelas, Sirotsky começava a sua carreira de radialista. Após migraria para Porto Alegre e construiria seu império.

com isso, eu perdi a voz. Perdi a voz e quase morri de desgosto. Chorei dois anos sem parar! (Caderno de Entrevista 1, pág. 7)

Após esse evento, fez Francês na cidade de Porto Alegre e lecionou no antigo Clássico. Era com evidente nostalgia que Marian contou-me sobre sua capacidade de canto: *Cantei muito em italiano, cantei muito em espanhol também. Eu gostava de imitar a Libertad Lamarque. Eu adorava imitar a Libertad cantando Madressilva* (Caderno de Entrevista 2, pág 4).

Na década de cinquenta, realizou uma viagem de barco para a Europa conhecendo cinco países (Portugal, Espanha, Suíça, França e Itália) e, também, seu futuro marido no próprio navio. Aos 35 anos casou-se: *Eu estava nadando de costas, bem faceira, e de repente eu olho assim e estava o rapaz debruçado me olhando. Ai, aquilo me fez um mal tão grande, tão grande! Eu fiquei com uma vergonha!* (Caderno de Entrevista 1, pág. 17). O namoro se deu no navio durante os quatorze dias da travessia. Ao final dela, o rapaz já havia escrito para a família de Marian, comunicando suas sérias intenções e, ao chegar na Itália, apresentou-a para sua própria família: *Descemos do navio e ele me levou para apresentar os pais. Chegou e me apresentou como noiva, menina! Eu quase morri de vergonha!* (Caderno de Entrevista 1, pág. 19).

A viagem de Marian concretizou-se no início da década de 50 e sobre os efeitos causados pela Segunda Guerra na Europa e no Brasil, ficaram algumas recordações: em 1953, ano da sua viagem, pôde ver ainda a devastação causada pela guerra; já do Brasil recorda somente do medo de ataques e da necessidade de apagar as luzes: *Ah, muito devastada, coisa horrível! A gente via ainda resquícios de lugares devastados, principalmente na Espanha. Também se viu muito na Itália, também se viu muito isso* (Caderno de Entrevista 2, pág. 10).

Marian vem morar definitivamente em Porto Alegre após sua aposentadoria e aqui cursa inglês, passando a lecionar as duas

disciplinas. Quando não pôde mais contar com a empregada que a ajudava no cuidado com as crianças, para de trabalhar, só retornando após o falecimento do marido, como auxiliar da paróquia:

Trabalhar eu não queria porque eu já tinha dois filhos, já moços, (...). Não tinha mais tempo. Mas eu sentia muita falta do colégio. (...) Então (...) tirei inglês também, depois comecei a lecionar. Quando eu vim prá cá [o prédio no qual reside], não deu mais, os filhos já estavam na faculdade, (...) perdi uma rica de uma empregada que eu tinha, (...) eu acabei deixando de lecionar... (...) me transformei em empregada doméstica. Foi uma mudança muito brusca em minha vida. (...) eu não me conformava (...) me transformar em empregada doméstica. Depois que eu me casei, a minha vida mudou um pouco. (...). Ele [o marido] era muito ciumento, e eu acostumada a me dar com todo mundo e ele tinha muito ciúmes dessa história de eu trabalhar em teatro (...) Depois que meu marido faleceu, eu comecei novamente a trabalhar. Comecei a trabalhar aqui na igreja. (...). Voltei a ser aquela (...) que eu era antes, quando estacionei um pouco quando me casei, porque meu marido não gostava, não gostava, né? (Caderno de Entrevista 1, pág. 9-10)

Marian, teve dois filhos: uma menina e um menino, e quatro netos.

MARIAD

Caderno de Entrevista 4

Total de 7 páginas

Áudio de 31min35s

Mariad é a segunda mais idosa, com 88 anos à época da entrevista. Operária, de classe popular, moradora de bairro da periferia da Capital, despertou minha atenção pelo fato, segundo suas histórias, de ter tido relações com o movimento da Coluna Prestes⁷. Quando

⁷ A Coluna Prestes foi um movimento revolucionário composto principalmente por capitães e tenentes da classe média, cuja principal liderança foi Luís Carlos Prestes. A Coluna partiu do município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, e deslocou-se pelo interior do país, pregando reformas políticas e sociais, combatendo o governo do então presidente Artur Bernardes e, posteriormente, de Washington Luís, denunciando a pobreza da população e a exploração das camadas mais pobres pelos líderes políticos; percorreu 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil durante dois anos e meio. Apesar dos esforços, a Coluna Prestes não conseguiu a adesão da população, e a longa

conversamos, suas memórias estavam profundamente nebulosas e, além disso, nas duas tentativas que fiz de ouvi-la, toda a vez que o gravador era ligado ela se retraía só voltando a falar quando ele não estava funcionando.

Mariad nasceu em 1922, na cidade de J., interior da Campanha Rio-grandense, mudando-se para a cidade de B. na década de trinta. Filha de uma costureira e de um boiadeiro, acostumou-se desde cedo às lides campeiras e ao trabalho de auxiliar de sua mãe:

Minha mãe era costureira, (...) pregar botão, isto tudo eu fazia. E de noite ela ficava trabalhando até mais tarde e eu ficava junto ajudando. O meu pai era viajante, fazia carga para um lado, levava daqui, trazia de lá. Naquele tempo não era caminhoneiro, era carreteiro. Tinha boi, tinha vaca, tinha tambo de leite. Então eu me levantava de manhã com a minha mãe, até hoje eu me lembro! ...e eu ajudava ela. Botava vaca, quando eu via que ela estava tirando leite, (...), eu apoiava⁸ a vaca porque, quando ela terminava aquela, ela já tinha outra. (Caderno de Entrevista 4, pág. 3)

Segunda filha de seis irmãos, Mariad casou aos dezesseis anos e teve oito filhos, quatro meninas e quatro meninos. O marido, devido a problemas de abuso alcoólico, acabou abandonando a família quando a caçula era bebê de um ano, o que levou Mariad a se empregar numa lavanderia. Foi nessa lavanderia que ela entrou em contato com os revolucionários.

Porque depois ele foi se embora e me deixou e eu trabalhava numa lavanderia. (...) para sustentar meus filhos. (...) a S. não tinha um ano ainda quando o pai foi se embora. É. Ela era bem pequena. Era um bebê, não tinha um ano ainda. (Caderno de Entrevista 4, pág. 4)

Após os filhos terem crescido, Mariad migrou para Porto Alegre. Um de seus filhos foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores

marcha foi concluída em fevereiro de 1927 na Bolívia, sem cumprir seu objetivo de disseminar a revolução no Brasil. O movimento projeta a figura de Luís Carlos Prestes, que posteriormente entra no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Prestes foi chamado por essa marcha de *cavaleiro da esperança* na luta contra os poderes dominadores da burocracia e dos setores elitistas.

⁸ Apoiar a vaca é a retirada do apoio, o leite mais grosso, mais concentrado de gordura, que sai após o primeiro que é mais ralo.

do Rio Grande do Sul e, no final de década de oitenta, elege-se vereador pela legenda.

Hoje Mariad já não mais existe. Partiu serenamente, na Terça feira de Carnaval de 2012, aos noventa anos de idade.

MARIALDA

Caderno de Entrevista 5

43 páginas

Áudio de 1h49min39s

A segunda mais jovem, com 71 anos, foi também a mais bem humorada das minhas entrevistadas. De início começou a entrevista a dizer que “velha era uma cadeira”. Ela não. Vivaz e arguta, tivemos momentos de puro humor nas suas recordações e produziu umas das entrevistas mais intrigantes e ricas.

Marialda nasceu no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de C. ao lado de uma reserva indígena. Filha de trabalhador rural, entre oito irmãos, migrou para Porto Alegre com uma irmã. Empregou-se em casa de família, juntamente com os irmãos, cada um deles em uma casa diferente da mesma família.

Eu nasci em C., no interior de C. (...) bem no meio do mato, assim, muito lindo. (...) O meu pai ele era agregado numa fazenda (...) a mãe teve oito filhos, o primeiro filho não era do meu pai. (...) eu me lembro tão bem, eu tinha oito anos quando meu pai casou com a minha mãe. (...) Teve um certo tempo que a minha irmã mais velha veio para Porto Alegre com o genro da família que a gente era criada. (...), aí ela me trouxe. Eu vim, trabalhei na casa de uma família que era de lá também, (...) a minha irmã, a mais velha, o meu outro irmão e eu viemos para Porto Alegre (...) nós juntamos tudo que foi trocado e (...) nós fomos buscar nossos pais. (...) e fomos morar ali na vila Maria da Conceição que até hoje existe, né, então nós viemos morar ali. Compramos uma casinha ali e fomos morando. (Caderno de Entrevista 5, pág. 2)

Marialda não teve chance de frequentar escola regular, mas foi alfabetizada e, segundo ela, aprendeu a se comportar em sociedade com as pessoas com as quais trabalhou. Aos quinze anos namorou o seu futuro esposo que era músico e metalúrgico, casando aos dezesseis. Teve dois filhos. Quando o primeiro nasceu, o marido disse ir buscar a parteira e só voltou para casa um mês depois. A infidelidade e a indelicadeza eram suas marcas registradas. Descobriu-se, após sua morte, a existência de outra família na qual tinha cinco filhos:

Eram um xerox do Nêgo. Cinco! Eles me adoram, eles gostam de mim (...) é o que eles contam, judiavam muito da mãe e quando ele morreu, a mãe ficou alcoólatra e aí eles foram criados com os tios. (Caderno de Entrevista 5 pág. 43)

Quando suas crianças eram pequenas, Marialda, não suportando a situação e os maus tratos, saiu de casa e foi morar com a mãe. Esta não gostou da ideia e a maltratava também, fazendo com que Marialda, após uma noite insone, saísse na madrugada com seus filhos para buscar um novo lugar onde pudesse viver. Nesse andar descobre uma senhora que lhe perguntou se ela conhecia quem fizesse faxinas. Marialda se prontificou e permaneceu morando na garagem da casa dessa senhora por aproximadamente dez anos nos quais seus filhos estudaram em escola particular paga pelos patrões:

O menino com um ano, um ano e pouco, o meu guri. A minha gurria com oito meses, oito para nove. Eu digo, não, mas eu vou ter que largar este Nêgo. (bebida?) Não! Mulher! Ele era músico! Ele era metalúrgico também, e era músico. ...um dia ele resolveu a querer me bater. Eu me lembro tão bem. Eu estava sentada assim, e eu estava dando mamã para a gurria e ele se agarrou na linha da casa, que era madeira, e disse:

- O quê que tu tens que estar mexendo nos meus gibis⁹, nas minhas coisas? O quê que tu tens que estar mexendo nas minhas coisas? (...) Eu vou te mostrar como a gente faz, agora.

E eu assim, ó, (...) Um guarda-chuva, de ferro, (...). Quando ele disse, eu vou te mostrar (...) ele levantou e eu dei de mão no guarda chuva

⁹ Gibi foi o título de uma revista brasileira de história em quadrinhos, cujo lançamento ocorreu em 1939. Graças a ela, no Brasil o termo gibi tornou-se sinônimo de "revista em quadrinhos" (banda desenhada, em Portugal). Na época, Gibi significava moleque, negrinho, porém, com o tempo a palavra passou a ser associada a revistas em quadrinhos e, desde então, virou uma espécie de "sinônimo".

e pá! A única vez que eu me botei nele! Eu dei, professora, e a perna dele assim, um osso saltou para um lado e o outro saltou para o outro. (...) Sabe que idade eu tinha, professora? Nessas alturas eu tinha dezoito anos. Eu era novinha(...) Deixei ficar assim, meio escurinho, peguei uma trouxinha de roupa, só uma trouxinha, porque era das crianças, peguei os dois e desci para minha mãe. Um frio, um frio, um frio, que nem sei! (...) Ela abriu a porta e disse:

-Ué, o que estás fazendo aqui fora? (...)

- Não, mãe, eu vim para cá, porque eu deixei o T.

- Mas como? Porque tu queres pular, porque não sei o quê que tem, porque nesta idade...

Descarregou e eu fiquei quieta, não disse nada.

- Mãe, vai lá e faz... ele inventou de dar em mim, na minha cara. Onde minha mãe beijou, vagabundo não bota a mão! A senhora nunca bateu na nossa cara! A senhora dava era conselho, mas bater, se botar de coice, o quê que é isso?

(...) Professora, eu me lembro até hoje, ela abriu o guarda roupa assim e tirou um lençol.

- Toma aí, é a coberta que eu te dou para ti!

E assim bate uma fresta da porta e eu me deitei no chão, numa fresta da porta e como eu estava de casacão e eles estavam bem agasalhadinhos, (...) eu botei os dois assim e no peito (...) para eles não chorarem. Eles se mexiam e eu sacudia. (...) Quando eu vi assim que os galos começaram a cantar, lá na Conceição (...) me levantei, pé por pé, juntei os meus dois filhos e aquela sacolinha de roupas deles. Um frio! Enrolei bem enroladinho assim e desci Barão¹⁰ abaixo. (...) Um frio, um frio, não tinha ninguém, ninguém na rua (...). Quando lá em baixo da Barão, na faixa, vinha vindo uma véinha (velhinha). (...) ela chegou e disse assim:

- Filha, tu não sabes quem é que faz faxina?

- Sei.

- Então tu me indicas?

- Não, eu mesmo faço. (...)

- E os teus nenês, onde é que tu vais deixar?

- Olha, eu só preciso de um lugar onde deixá-los. Eles não choram, não incomodam! Se a senhora me deixar...

Ai ela me levou assim... numa... nos fundos tinha uma garagem enorme... (...) trouxe uma caminha, pequeninha, assim, botou um ali (...) trouxe café, fez eu tomar, não é, e eu magrinha, magrinha que nem sei. (...) E o dia clareou e eu lá limpando a casa e ela foi atrás das filhas que moravam tudo perto. Já veio roupa, já veio uma cama. (...) Aí eu fiquei nessa família(...) e sabe onde é que os meus filhos estudaram? Na Rainha do Brasil, paga por eles, pela família e aquela vontade! Mas meus filhos estão e eu não preciso estar. Depois foram para a Sagrada Família, quando eles eram pequeninhos, foram para a Sagrada Família.

A garagem dela tornou-se uma casa, porque uma [filha] me deu o guarda-roupa, uma me deu isso, uma me deu aquilo e eu me ajeitei ali com as crianças. Só tinha dois! E eu tinha que lutar por aquelas crianças,

¹⁰ A Avenida Barão do Amazonas liga o bairro Petrópolis de classe média alta ao bairro Partenon, passando pelo Morro da Conceição, também chamado popularmente de Morro da Maria Degolada, local de moradia de trabalhadores. Quando Marialda diz: “Barão abaixo”, ela está se referindo que abandona a Vila Conceição, localizada no alto do morro e se dirige aos bairros periféricos. Possivelmente ela tenha se deslocado para o Partenon porque se refere: “quando eu chego lá embaixo da Barão, na faixa”. Quando se usa a Barão do Amazonas para dirigir-se a Petrópolis, primeiro desce e depois torna a subir em direção à Avenida Protásio Alves. Quando a direção é contrária, o bairro Partenon, somente desce até a Avenida Bento Gonçalves.

porque Deus não mandou eu botar elas no mundo! Mandou botar no mundo... eu botei no mundo com coisa que ele soube que eu tinha como... segurar essa barra! (Caderno de Entrevista 5, pág. 7-15)

É dessa família que Marialda ganha um terreno no qual constrói sua casa. Hoje, aposentada, está casada com um antigo pretendente que encontrou muitos anos após sua separação do primeiro marido. Frequenta o Centro Municipal de Educação de Trabalhadores Paulo Freire do qual ouviu falar por uma senhora idosa que conheceu no ônibus. Quando a entrevistei estava estudando há quatro meses.

MARILAND

Sem registro de áudio

Embora sendo uma das mais interessantes conversas, não consegui obter o registro de áudio em nenhum dos dois encontros, mesmo utilizando três gravadores na segunda tentativa. A primeira vez que conversei com Mariland, fui recebida em sua casa na qual me aguardava uma farta mesa com bolo, café, pão caseiro, chimias e outros acepipes. Mariland chamou-me atenção em sala de aula pela sua doçura e bom humor. Migrada do interior, juntamente com seus pais, morou inicialmente na Vila Bom Jesus, mas quando tinha sete anos foi requisitada por uma família que terminou de criá-la. Mariland passou então a morar no Centro Histórico de Porto Alegre e a ajudar nos pequenos serviços da casa. É nessa época que frequentou a escola, porém somente aprendeu a escrever o nome. Contou-me que a melhor recordação do período que viveu com essa família, era de subir no muro para roubar as bergamotas do vizinho. Trabalhou depois de adulta como doméstica, casando-se jovem e tendo quatro filhos. Hoje, mora numa casa bem construída juntamente com os filhos que têm suas próprias casas nos fundos do terreno. Alguns registros da conversa com Mariland constam no Diário de Campo, porém por não haver áudio e,

portanto, não ter o material produzido nas entrevistas transcrito, optei por não utilizar o que me ficou na memória das conversas.

MARIANA

Caderno de Entrevista 6

Total de 17 páginas

Áudio de 52min44s

Com 70 anos, foi a minha entrevistada mais tímida e surpreendeu-me, pois, de uma aparente indiferença, voluntariou-se a participar, demonstrando entusiasmo e alegria de estar na pesquisa. Trouxe fotos suas e de seus filhos dos quais falou com orgulho e carinho.

Catarinense, Mariana nasceu em 1942. Por morar na zona rural, nem ela nem seus irmãos foram à escola. Com dezenove anos migrou para Porto Alegre trazida por uma tia e foi trabalhar em casa de família. Por não gostar do serviço doméstico, buscou emprego em uma lavanderia e, pela primeira vez na vida, teve um trabalho com “carteira assinada”, ou seja, com todos os direitos trabalhistas:

Morávamos para fora. Ele [o pai] não podia dar estudo para nós todos. Então ninguém foi no colégio. (...) eu vim com dezenove anos (...) para passear com ela [a tia] e ajudar um pouco ela, não é? Depois ela não precisou mais e aí me arrumou uma casa da cunhada dela, para mim ficar, trabalhar lá e ficar. Mas eu não... eu não dei certo com ela, porque eu nunca gostei de serviço de rotina de casa. Daí eu saí para procurar serviço numa firma. Aí eu consegui numa lavanderia, ali na Azenha. Aí trabalhei quatro, seis anos lá, com carteira assinada, com décimo terceiro, férias, tudo. (Mariana, Caderno de Entrevista 6, pág. 2)

Mariana casou-se com um mecânico que também não teve oportunidade de frequentar a escola, aprendendo a ler quando fez o serviço militar obrigatório às Forças Armadas Brasileiras. O casal teve três filhos, um rapaz e duas moças. Opondo-se ao marido, ela deu

estudo aos três e orgulha-se de, hoje, estarem formados na universidade:

Já que não tive estudos, ele também não teve estudos. Ele sabia um pouquinho ler, mas aprendeu no quartel. Daí foi indo, eu sei que, graças a Deus, eu formei eles tudo, dei estudo, todos fizeram faculdade, Deus me ajudou, eu passei trabalho, mas Deus me ajudou. Eu sempre pedia para Deus não me levar sem os meus filhos terem uma profissão e terem estudo. (Caderno de Entrevista 6, pág. 4)

Mariana tem orgulho também do trabalho de construção da própria moradia, do pátio cheio de plantas, da casa da praia que construiu juntamente com seus filhos.

Depois que ele [o marido] faleceu, a casa estava só no osso. (...) estava nos tijolos. (...) eu consegui terminar, deixar tudo direitinho (...) este ano eu terminei o pátio. Botei bastante flor, plantei um rico de um jardim.
[Casa da praia] todos me ajudaram. Fiz minha casa lá! Tem três quartos, banheiros, uma área, uma garagem e cozinha. Bem grande!
(Caderno de Entrevista 6 pág. 7-8)

Mariana ainda frequenta o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores, sendo fã da Oficina de Leitura na qual lê livros inteiros para sanar suas dificuldades de leitura e escrita. Falou-me com muita felicidade dos seus avanços neste setor e das estratégias usadas pela professora da oficina, bem como dos elogios que a mesma tem lhe dispensado.

MARIAZINHA

Caderno de Entrevista 7

Total de 37 páginas

Áudio de 2h11min53s

Aos 82 anos, foi-me indicada pela professora da turma, embora nas minhas observações tenha me chamado a atenção pelo seu carisma. Participativa, iniciou dizendo que falar da sua vida pregressa era um prazer, pois nem sempre lembrava das coisas triviais do dia-a-

dia, mas a infância estava muito presente na sua memória. Prolixa, ficamos conversando por mais de duas horas. Levou todo o aparato para oferecer-me um chá, com direito a bolo e bolachinhas, nas dependências do CMET Paulo Freire.

Mariazinha nasceu no interior da região da serra, numa casa de torrão. Seu pai era trabalhador rural contratado por temporada e fazia parte de suas memórias a história que ouviu contar de sua quase morte, quando a casa desabara e ela estava no quarto.

Quando criança ainda, Mariazinha mudou-se para C., cidade do interior do Rio Grande do Sul, com a família. Desse local, tem boas recordações das festas promovidas na casa da tia, dos porcos assados que seu pai vendia aos pedaços nas carreiras¹¹, dos namoros infantis.

(...) quando a gente já tinha uns oito anos, eu acho que a minha irmã já tinha quase dez anos, o meu pai gostava de festa e de baile e (...) na casa da tia E. tinha a festa. De noite nós íamos lá para festa, o pai levava, e nós namorávamos, fervia, imagina só com dez anos, o pai nem tava. (...) Dançávamos. Eu tinha o P. e a minha irmã tinha o M. para dançar. A tia fazia, assim, bolachinha com açúcar branco, assim. Fazia uma lata cheia de bolachinha e nós adorávamos. Nós íamos lá mais para isso. Aí nós tomávamos café com bolachinha ou fazia arroz com galinha, porque a galinha criada solta, a galinha caipira como se diz, é gostosa, né? (...) Fazia carreteiro¹² e tinha gasosa¹³ também numas garrafinhas que nós adorávamos. (Caderno de Entrevista 7, pág.5)

Mariazinha perdeu uma irmã, enquanto bebê, por afogamento e seu pai, temendo forças espirituais, mudou-se da região, vindo a adoecer seriamente. Isto fez com que os quatorze filhos fossem deixados em casa de outras famílias. Foi, então, enviada para a casa de um tio, na qual teve seu cabelo, que era longo, raspado. Nesse tempo, sentia muita saudades da família e quando seu pai melhorou foi trazida de volta ao seio familiar:

¹¹ Corridas rurais de cavalo, muito populares no interior do estado.

¹² Arroz de Carreteiro é uma comida típica do Rio Grande do Sul, feita com charque e arroz, tendo cebola e alho como condimentos.

¹³ Gasosa era o nome que se dava aos refrigerantes gaseificados, normalmente de limão.

Aí então começaram a dividir os filhos. O tio, parente do pai, (...). Foi lá em casa e pegou eu. Professora, eu quase morri. Eu fui para lá, mas quase morri lá assim. Eu tinha uma coisa tão ruim...(...) então eu não comia. Só chorava. (...) Aí eles raparam a minha cabeça, cortaram o meu cabelo! E eu: o que será feito da minha mãe? O que será feito do meu pai? Eu chorava! Aí quando foi um dia veio uns rapazes, assim, a cavalo. E eu vi que era os irmãos do pai (...). Aí ele chegou e (...) Chamaram eu. Aí ele disse assim: (...), eu vim te buscar que teu pai já melhorou. Aí que eu chorava mais. Chorava, chorava, chorava naquele desespero. Me lembro como se fosse hoje. Eles amarraram um lenço vermelho na minha cabeça, né, e eu vim embora. Cheguei em casa e me abracei no pai, abracei na mãe e chorava, chorava assim. (...) aí o meu cabelo cresceu de novo e a minha mãe botava azeite com umas gotinhas de... óleo de mocotó com umas gotinhas de querosene, porque antigamente querosene era purinha, não é como agora, umas porcarias, uns lixos que a gente não sabe, né? (Caderno de Entrevista, pág.8)

Tendo morado mais algum tempo com a família, Mariazinha foi requisitada por uma senhora para cuidar de sua filha, uma menina. Não gostou do trabalho e voltou para casa. Mudam-se, então, para A., uma praia lacustre sul rio-grandense, indo morar numa granja. Foi nessa época que conheceu a escola.

Trabalhou nesse tempo em outra casa de família, cuidando crianças, mas voltou para o lar, porque não aguentou a saudade, até o dono da granja em que morava requisitá-la para exercer a função de babá para a filha. Mudou-se então para a cidade: *Aí eu fui prá cuidá, para brincar com a A. Era bom. Eles eram muito legal. Ele era viúvo tinha uns três... quatro filhos. (...) Eram quatro filhos. E com a A. eram cinco. Eu criei a A.* (Caderno de Entrevista 6, pág. 10)

Seu patrão casou-se, e a nova esposa passa a maltratá-la, talvez por ciúmes, já que o marido sempre lhe trazia presentes. Há até um episódio de ele ajudar Mariazinha a vestir um casaco, que é interpretado pela esposa como intimidade indesejada:

Outra vez então ele foi a P. e tinha aquela seda, seda pura, que a gente amassa assim e ela não, né. (...) o que que tu queres de P.? Ah, eu quero uma seda, daqueles bem bonitos, para mim fazer um vestido. E ele então ia trazer para a sobrinha. Ele não perguntou para a sobrinha o que a sobrinha queria. Só chegou comprou e toma aqui, escolhe. Alguém ia fazer isso para uma pessoa negra, assim? Pois ele chegou de lá e mandou eu escolher o tecido e o outro ele deu para a sobrinha. Assim que ele era. Era um paizão! (Caderno de Entrevista, pág. 14)

É nessa casa que Mariazinha, juntamente com as demais crianças e ensinada pela filha mais velha, aprendeu a ler. Não suportando mais o ciúmes da patroa, saiu do emprego e foi costurar sacos para acondicionar arroz. Voltou a estudar numa escola noturna e empregou-se de cozinheira. É nesse período que conhece o rapaz que será o seu futuro marido:

Eu casei em maio, dia 31 de maio. Noivei, teve festa e tudo e depois eu casei. Mas não foi festa, assim grandona, mas... a festa até foi na casa da minha mãe de criação mesmo, e os meus pais já moravam aqui. (Caderno de Entrevista 6, pág. 25)

Após ficar viúva, ainda morou por mais três anos em A., finalmente migrando para Porto Alegre. Aqui trabalhou de faxineira, nos correios e em uma loja. Tentou concretizar o seu grande sonho, que era ser enfermeira, mas tendo de cuidar de um neto, desistiu do estudo.

Hoje, Mariazinha é frequentadora do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire. É uma aluna muito animada e participativa. Adora teatro e viagens.

MARIAR

Caderno de Entrevista 8

Dezessete páginas

Áudio de 1h47min35s

Com idade de oitenta anos, foi indicada para a entrevista pela professora da turma. No primeiro contato, mostrou-se reticente questionado o que eu queria, o porquê eu a queria e para que serviriam suas memórias. Pensei no início que se negaria, mas, após ouvir-me, não só aceitou como conversou com entusiasmo e manteve uma linha de narrativa firme e lógica.

Mariar nasceu no interior de A. G., mas seus pais migraram quase toda sua infância à procura de trabalho até se estabelecerem em P. Quarta filha entre dez irmãos, Mariar se ressentia muito do fato de não ter frequentado a escola, simplesmente aprendendo a desenhar o nome:

Então quando eu tinha que assinar um papel, começava a me dar um nervoso, nervoso, porque a pessoa estava ali perto de mim (...) Eu tremia, tremia! E isso me acompanha até hoje e, bem, eu assinei papéis, para me casar, com dificuldade. (Caderno de Entrevista 8, pág. 3)

Seu primeiro emprego, aos doze anos, foi cuidar uma menina. Sentindo-se muito adulta para o trabalho, empregou-se de cozinheira, mas uma amiga, penalizada, fez-lhe o registro civil, e ela arrumou trabalho em uma firma como costureira: *(...) a primeira vez que eu sento na máquina para coser, cosi este dedo aqui! A agulha quebrou aqui, fincada no dedo.* (Caderno de Entrevista, pág. 5)

É nas idas e voltas do trabalho para casa que conhece seu marido. Casa-se aos quinze anos, tendo o primeiro filho aos dezenove:

(...) quando ia completar quinze anos, sai para me casar. Mas (...) eu achava que ia me casar e que não precisava mais trabalhar. Fui para casa, fiquei lá cuidando da casa, mas aí em um mês eu senti assim: se eu tivesse trabalhando, acho que era melhor. (...) Fui trabalhar. Estava muito bem trabalhando, engravidei, tive que sair do serviço. Mas depois, muito tempo, eu já tinha uma filha com quatorze anos e outra com quinze, (...). Fui lá de novo e consegui trabalhar. (Caderno de Entrevista, pág. 6)

Mariar teve seis filhos, perdeu dois e criou quatro. Quando já estavam grandes, uma moça levou um bebê até sua casa para que ela a orientasse como tratar a tosse da criança, que a mãe suspeitava ser coqueluche. Mariar cuidou do bebê e acabou adotando-o. É o seu filho caçula.

Quando migrou para Porto Alegre, alertada pelo chefe sobre a possibilidade de mudar a categoria de faxineira para telefonista se soubesse ler, começou a ter vontade de voltar a estudar. Quando se aposentou, descobriu o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores, o qual

passou a frequentar em meados da década de noventa. Nesse meio tempo, fez várias cirurgias oculares para corrigir glaucoma e catarata o que a levou a sair e voltar para a escola várias vezes.

Hoje, Mariar ainda frequenta o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, complementando sua alfabetização.

2.2.2 DAS HISTÓRIAS DE VIDA PORTUGUESAS

As entrevistas foram realizadas na cidade de Faro, Portugal, nos períodos entre novembro de 2012 (Mariah) e março de 2013 (Maribel, Marisol e Francisca), nas seguintes dependências: na sede da Universidade do Algarve para a Terceira Idade, Mariah, Maribel e Francisca; em sua casa, Marisol.

MARIAH

Caderno de Entrevista 9

Total 20 páginas

Áudio de 1h05min41s

Setenta e cinco anos, líder da comunidade, uma mulher forte e determinada é minha única entrevistada que optou conscientemente por não ter filhos. Teve uma carreira profissional bem sucedida, casou-se e hoje é viúva e ativa na sociedade em que está inserida. Concedeu-me a entrevista como representante da Universidade do Algarve para a Terceira Idade, subsidiando meu conhecimento da Instituição.

Mariah nasceu perto de S. no norte de Portugal, migrando para Faro com o marido que era algarvio. Trabalhava na Segurança Social, na época, sendo transferida para essa cidade:

... o meu marido quando casamos... não casei logo, mas quando começamos a fazer vida em comum, ele tinha dois filhos, um com nove e outro com dez que vieram juntos e eu tinha dezoito! (Caderno de Entrevista,9, pág. 3)

Guarda muitas memórias da época de escola, especialmente no que tange ao canto e ao teatro:

Fui sempre dos teatros! Desde a instrução primária. Eu na altura cantava muito bem. Como vê, eu sou rouca, estragaram a minha voz com sete, oito anos, porque eu cantava muito bem e cantava tudo e pronto. Não tinha os cuidados necessários para uma voz de criança e eu fiquei rouca. Sou rouca para toda vida. E, portanto, andei sempre fazendo teatros e em festas na instrução primária, na escola básica. Depois passei para a secundária e continuei nas festas. (Caderno de Entrevista 9, pág. 3)

Mariah cursou até o quinto ano do Liceu, voltando a estudar após o Vinte e Cinco de Abril¹⁴ com as mudanças e equivalências ocorridas na Educação até a conclusão no décimo segundo ano. Fez faculdade de Gestão e Administração Pública com especialização em Gestão de Recursos Humanos. Começou a trabalhar nos Recursos Humanos do hospital da cidade, mas aposentou-se para fazer companhia ao marido que, a esta altura, já estava doente:

Aliás, eu julgava que ele iria durar mais uns anos e reformei-me para lhe fazer companhia que ele era mais velho do que eu dezenove anos e já estava reformado. Ainda assim vivemos trinta e oito. Ele ficou muito feliz por me ter, eu também não sabia que ele iria falecer tão cedo, mas hoje nós sabemos. E se eu tivesse continuado tinha progredido na carreira já como técnica superior e não progredi na carreira. Foi pena. (Caderno de Entrevista 9, pág. 5)

Após ficar viúva, foi convidada a trabalhar num departamento governamental destinado ao lazer dos trabalhadores:

Eu fui convidada para ir como coordenadora cultural aqui (...). Tive quatro anos. Gostei muito, foi um trabalho muito interessante, muito interessante. Contatei no Algarve todos os folclóricos, grupos de teatros, grupos de música, escolas de música. Amadores, tudo amadores. (Caderno de Entrevista 9, pág. 5)

¹⁴ Ocorrido a 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos refere-se a um período da história de Portugal resultante de um golpe de Estado militar, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933. É a partir da Revolução dos Cravos que se inicia o processo que culmina com a entrada em vigor da nova Constituição a 25 de abril de 1976 e com a implantação do regime democrático. Para os portugueses, com os quais mantive relações, o **25 de Abril** é um referencial constante e permanente nas conversas. Tem-se a sensação de que, para eles, há uma vida antes e uma depois dessa data.

Incompatibilizou-se com uma colega e passou a lecionar corte e costura numa escola pública para alunos que não acompanhavam o ciclo no qual deveriam estar frequentando. Após lecionou Gestão de Recursos Humanos, Segurança Social e Engenharia e Segurança no Trabalho em um Instituto particular por dois anos. Convidada pelo fundador da Universidade do Algarve para a Terceira Idade para vice-presidente da entidade veio a aceitar. Após o falecimento do fundador passou a ser a presidente da instituição:

Era o Presidente, foi durante dezesseis anos Presidente. Já estava muito doente, pois convidou-me para Vice Presidente. Quando acabou o mandato, convidou-me para Presidente, para ficar na lista que ele tinha que apresentar. Aqui nesta sala eu disse: - Eu não quero, eu não quero ser presidente, não senhor. Duas coisas que eu não quero. Ele estava já muito doente começou assim, quase a choramingar e disse:

- Eu não tenho ninguém de confiança que fique com o cargo.

- Então, pronto, não chores mais que eu fico. Pronto!

E fiquei como presidente e já estou no segundo mandato.

(Caderno de Entrevista 9, pág. 5)

Muito viajada, tem memórias estupendas do Brasil, entre muitos outros países que conheceu. Os poemas que abrem os capítulos da tese foram retirados dessa conversa, declamados pela entrevistada. Todos eles são vencedores ou finalistas do Concurso Jogos Florais que é efetuado todos os anos pela UATI, para todas as Universidades da Terceira Idade portuguesas.

MARISOL

Caderno de Entrevista 10

Dezessete páginas

Áudio de 51min02s

Com setenta e sete anos foi uma amiga que deixei em Faro. Recebeu-me em seu apartamento e, entre goles de chá e fatias de bolo, conversamos por quase duas horas (com gravação de áudio de 51min), mostrando-me fotos e souvenirs dos diversos países que conheceu. Uma das entrevistas

mais fascinantes das que realizei. Fez a indicação e abriu o caminho para as duas seguintes entrevistadas.

Angolana, filha de um engenheiro espanhol com uma nativa, ressentida-se até hoje pelo tratamento recebido em Portugal pelo fato de ser descendente de africanos. Embora não demonstre sentimentos negativos, sempre se referiu a esse fato durante nossa conversa. Uma entre onze irmãos, aos cinco anos emigrou para Portugal para morar com a avó paterna, permanecendo em Lisboa por alguns anos quando retornou a Luanda:

Então [o pai] trouxe a minha irmã mais velha e eu a mais nova para cá. Então a minha educação passou-se cá. Aqui vivi com a avó, depois, entretanto, meu pai pôs casa e teve mais filhos, ao todo fomos onze filhos. Vivi aqui uns anos, depois tive de regressar à África novamente, porque meu pai tinha bens lá e tinha que ver as suas coisas por lá. Estive lá por uns três anos e regressei e depois dei-me mal de saúde, tinha muitos problemas de brônquios e então mandaram-me outra vez [para cá] ... (Caderno de Entrevista 10, pág.2)

Morou mais três anos na África, retornando para Portugal por problemas de saúde. Nesse meio tempo, ficou órfã de pai e foi viver com uma senhora que não lhe repassava a totalidade do dinheiro que lhe era enviado, subtraindo-lhe um tanto. Seu padrão de vida decaiu tanto por isso quanto pela demora dos trâmites judiciais na disposição do legado. Essa senhora, com a qual morou, era cunhada de seu futuro marido. Casou-se aos dezesseis anos:

Era cunhada do meu marido. E não queria... em parte ela acusava por eu ser africana. Eu era africana e tal, pronto. Como eu sofri muito em Lisboa, então resolvemos a viver no M. para fugir à presença dela, constante, não é?

De maneiras que fomos lá para o M. viver, estivemos no M. por cinco anos, nasceram duas filhas lá, depois eu não me dava bem com o frio, porque lá é muito gelado, neva, o M. neva todos os anos, a água era pedra logo de manhã, até nos canos, tinha que se aquecer os canos, de maneira que o meu marido resolve vir para o Algarve. (Caderno de Entrevista 10, pág. 3)

No Algarve vão morar em S. B. do A., e seu marido a incentivou a trabalhar pensando no que lhe ocorreria caso ele viesse a faltar. Esta

invektiva não lhe agradou a princípio, pois não se achava capaz de fazer outro serviço além daquele que já fazia em casa:

Eu não queria. Eu chorava que não queria trabalhar (risos). Eu não queria, eu não sei, eu não sou capaz. E ele: toda a gente é capaz de trabalhar. Então o meu marido arranjou maneira de fazer concurso. É... fui para o sanatório trabalhar, lá mesmo ao pé de casa, para a secretaria. (Caderno de Entrevista 10, pág. 3)

Marisol acaba por descobrir que não só era capaz, mas também passou a gostar do trabalho vindo a aposentar-se após ficar viúva. É por essa época que se descobriu portadora de um câncer de intestino e sofreu uma cirurgia que veio a curá-la, não necessitando submeter-se à quimioterapia, embora ainda tenha constantes cuidados e faça exames periódicos para monitorar um possível reaparecimento da moléstia.

Após aposentar-se, Marisol conheceu uma enfermeira, professora da Escola de Enfermagem e colaboradora da Universidade da Terceira Idade. É esta senhora que lhe apresenta a Universidade:

E ela é que me obrigou a ir para a UATI. Quando eu me reformei¹⁵ ela disse: não ficas em casa, disse-me ela. Nem que eu tenha (risos) de te levar puxada, vais para a UATI (risos). A UATI era na altura, lá em cima, ao pé da estátua de Afonso Henriques, no Museu. E aquele museu, onde davam aulas, era assim muito escuro, sem janelas. (Caderno de Entrevista 10, pág. 9)

Marisol, pelas suas palavras, é feliz ao ir ao encontro das aulas e dos amigos que fez na UATI, embora teça críticas à falta de descanso entre uma aula e outra e também da não abertura à participação dos alunos por parte dos professores. Além da UATI, a sua outra paixão são as viagens internacionais das quais coleciona souvenirs e que me mostrou quando estive em seu apartamento e para as quais sempre faz uma poupança. Contou-me que antes da crise, a qual assola neste momento Portugal, as viagens eram subsidiadas, e isso proporcionou-

¹⁵ A reforma em Portugal é a aposentadoria no Brasil.

lhe conhecer, entre outros países, o nordeste do Brasil, região que os portugueses apreciam muito.

MARIBEL

Caderno de Entrevista 11

11 páginas

Áudio de 50 min.

Maribel aos 77 anos é a simpatia na forma de pessoa. Indicada por Marisol, prestou-se imediatamente a colaborar com a pesquisa. Contou-me que cedo ficou órfã de mãe, juntamente com uma irmã e um irmão. Passou então a morar com a avó.

Mais tarde seu pai tornou a casar, e sua madrasta devotou-se ao cuidado das crianças, especialmente do seu irmão mais novo que era bebê nessa época.

Maribel cursou Comércio no Liceu e foi trabalhar com seu pai na contabilidade da empresa. Mais tarde fez concurso para a Companhia Telefônica Portuguesa e, nesse meio tempo, conheceu o futuro marido. Após o casamento, mudou-se para o Marrocos:

...vim conhecer o meu marido, que residia em Marrocos, era português, mas residia em Marrocos e tinham cá casa e numa festa que se faz na altura da Páscoa em Loulé, que é a Senhora da Piedade, (...). Ele gostou de mim, começamos a trocar correspondências e casamos. Casamos cá em Portugal, na igreja de São Lourenço, em Almancil. (Caderno de Entrevista 10, pág. 2-3)

Foi no Marrocos que nasceu sua única filha e, quando da independência desse país, temendo as represálias, retornaram a Portugal:

...depois deu-se a independência em Marrocos e os meus sogros acharam por bem venderem tudo o que tinham e viemos para Portugal. As

coisas complicavam-se um bocado e havia aquela ideia de que o governo marroquino iria se apropriar das coisas. Então, antes que isso acontecesse, os meus sogros trataram de vender e vendemos. (Caderno de Entrevista 10, pág. 3)

Maribel perdeu uma irmã, portadora de transtornos do humor, por suicídio e há dois anos é viúva. Frequenta a UATI desde a sua aposentadoria e ajuda a filha a cuidar do único neto. Não costuma viajar, pois pensa que deve economizar para cuidar de sua descendência.

FRANCISCA

Sem registo de áudio

Setenta e cinco anos, chamou-me a atenção nas reuniões e aulas da UATI, pela sua postura crítica e participativa. Divorciada e intelectualizada, tivemos um pouco de dificuldade na entrevista, pois apresenta deficiência auditiva. Francisca é autora de um livro com o qual me presenteou, estando escrevendo outro neste momento e vários poemas. Nascida em Selmes, aldeia do concelho de Vidigueira, Portugal, cursou até o quinto ano do Liceu, trabalhando toda a vida na Telecon portuguesa. Aposentada em 1997, passa a frequentar a Universidade do Algarve para a Terceira Idade, onde está até hoje.

3 TEMPORALIDADE OU DA CONSEQUÊNCIA INEVITÁVEL DO VIVER

*É possível que a sociedade,
Seja qual for a idade
Viverá eternamente
Basta ter sabedoria
Para sorrir a cada dia
E envelhecer alegremente*

*Que importa o rosto enrugado
E o cabelo brancado
Quando a vida é um presente
E é esta dádiva divina
Que sabiamente nos ensina
A envelhecer alegremente.*

*Sentindo a paz e a grandeza
Que nos vem da Natureza
Acordar sempre contente
E a cada dia que passa
Receber como graça
Envelhecer alegremente*

*Mar, montanha, rios, marésia
É tudo ver a poesia
Que só o coração sente
Manter ainda viva a esperança,
Eterno sonhos de criança
Para envelhecer alegremente*

*Deixar a tristeza de lado,
Amar e sentir-se amado
E adormecer suavemente
Ao som dessa melodia
A nós lembrar a cada dia
De envelhecer alegremente*



3.1 DAQUILO EM QUE DA-SEIN ESTÁ IMERSO: TEMPORALIDADE

Uma pesquisa que tem por base Histórias de Vida relativas a pessoas que viveram no tempo por uma prolongada extensão, os velhos, há que dispor dele e também com ele analisar as histórias produzidas. A concepção de Tempo pode ser traduzida desde os fenômenos físicos e filosóficos, entre outros. Esta tese firma-se por ser uma Tese em Educação e, deste modo, é pela filosofia que o Tempo passa a ser pensado. Socorro-me em Abbagnano (2000: 944) que propõe três concepções fundamentais a ele:

A primeira, como ordem mensurável do movimento, adotado na antiguidade e nas ciências atuais. A física Newtoniana, por exemplo, trabalha com o tempo relativo e o tempo absoluto, ideias usadas constantemente nas equações que se ensinam nas escolas.

A segunda concepção é a do tempo como movimento intuído, ou seja, uma concepção de tempo como intuição do devir, o que pode reduzir o tempo à consciência. Ao reduzir o tempo à consciência, há que se perguntar sobre ela, e a isso inúmeras teorias propõem-se à explicação. Dorneles (2006), ao discuti-la desde a ótica de Pinker (2002), vai apresentá-la com diferentes sentidos: o autoconhecimento (construção de um modelo interno do eu), o de acesso a informações e, finalmente, o da sensibilidade, enquanto experiência subjetiva, ou seja:

percepção dos fenômenos, sentimentos brutos, primeira pessoa do presente do indicativo, aquilo cujo “como é”, ser ou fazer algo, se você precisa perguntar jamais saberá; aquele no qual a consciência parece um milagre. Esse terceiro sentido não dispõe, até agora, de apoio científico para o seu entendimento. Mas não ter explicação científica para a sensibilidade não equivale a dizer que a sensibilidade não existe. Apesar dos palpites, o mistério da sensibilidade permanece um mistério, como imponderável, um tema não para a Ciência mas para a

É desde a sensibilidade que, ao falar sobre o envelhecer e a memória, Mariazinha trouxe-me a seguinte reflexão *...a gente vai envelhecendo, e o futuro da gente volta para trás, parece que diz assim: tem o futuro, tem o presente e tem o futuro* (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevistas, 7 pág. 2). Quando a ouvi, lembrei-me da afirmação agostiniana, de que é o presente que se projeta ao passado e ao futuro, pois Santo Agostinho (2008) afirma não existirem três tempos, o passado, o presente e o futuro, mas três presentes: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro.

Bergson¹⁶ (2006) alinha-se a ele ao contrapor-se ao conceito científico de tempo, pois o tempo da ciência é o tempo da espacialização e, portanto, não tem nenhuma das características que a consciência lhe atribui. O tempo da ciência é normalmente representado por uma linha imóvel negando a mobilidade temporal, já que a linha está feita, e o tempo é aquilo que se faz. Desse modo, Bergson (1970) considera o tempo vivido (a duração da consciência) como uma corrente fluida na qual é impossível até distinguir estados porque cada instante dela transpõe-se no outro em continuidade ininterrupta, como acontece com as cores do arco-íris. Para Bergson, o tempo como duração apresenta duas características fundamentais: novidade absoluta a cada instante, em virtude do processo de criação e conservação infalível e integral de todo o passado, pois que age como uma bola de neve e continua crescendo à medida que movimenta para o futuro:

Então eu acho assim, o velho não existe, o velho é uma cadeira e assim mesmo se senhora restaurar ela, ela não fica velha. Ela volta a ter

¹⁶ A citação de Bergson (2006; pág. 5) é a seguinte: *Sabíamos (...) que a duração é mediada pela trajetória de um móvel e que o tempo matemático é uma linha: (...) essa operação destoa radicalmente de todas as observações de medida, pois não se exerce sobre um aspecto ou um efeito representativo daquilo que se quer medir, mas sobre algo que o exclui. **A linha que medimos é imóvel, o tempo é mobilidade** (grifo meu).*

Quando Marialda diz que uma cadeira tem potência e que se perde no desgaste, vai atribuir o desgastar a condição de *velho*. Mas, para humanos, esta condição não é dada, ou seja, na atualização temporal, seres humanos não são velhos, pois carregam a potência em si da própria atualização.

A terceira possibilidade de tempo é a apontada por Heidegger (2002) como possibilidade, como projeção na qual o *ser-aí* (*dasein*) se lança. Aproximando-se da perspectiva de Tempo como Relatividade de Einstein, pois dois eventos no tempo podem ser simultâneos desde uma referência, mas não sê-lo desde outra, como, por exemplo, uma pessoa dentro de um ônibus está parada em relação a quem está dentro do ônibus, mas em movimento para quem a observa de fora, Heidegger (2002) dá circularidade ao tempo, pois o que já passou é a perspectiva para o futuro, e a perspectiva para o futuro é o que já passou e, deste modo, não achata no presente todas as determinações de tempo, o que leva o futuro a ser o futuro e o passado a ser o passado. Ao fazer do tempo um movimento circular, há, num primeiro momento, o seu enrijecimento, mas a noção de *possibilidade*, por sua vez, vem retirar o enrijecimento do círculo temporal, pois o passado pode ser entendido como ponto de partida para possibilidades vindouras e o futuro como possibilidades de conservação ou de mudança do passado.

Antecipar-se é característica de *dasein*¹⁷. Como sabe o seu fim, sendo, portanto, ser-para-a-morte, *dasein* projeta-se no futuro, o porvir

¹⁷ É a forma de ser do humano. Heidegger não usa a palavra Homem, pois esta refere-se a uma espécie biológica, o “animal racional” e desconsidera a peculiar compreensão do ser do humano. Desta forma *dasein* (do alemão = da significando aí e sein = ser) é tanto o humano quanto o ser do humano. O *aí* tem o significado de estar-em e iluminar-se a si mesmo. Quando com outros humanos *dasein* é o ser-com. Nesta tese utilizam-se três formas para *dasein*: esta mesma, original da língua alemã, a sua tradução para o português como ser-aí e a utilizada na tradução de Ser e Tempo, por Márcia Cavalcante de Sá, pre-sença.

no qual *dasein* pode ser e, em vivendo neste projetar-se, o *ente*, a morada do ser, a casa na qual *dasein* habita, envelhece¹⁸. Envelhecer é o desígnio e o destino de quem vive, e a morte é o seu fim. Falar e escrever sobre a velhice demanda um enorme esforço, pois há muitas formas em que esse assunto pode ser abordado, porém pode se começar pela afirmação que se vive no tempo e que se o tempo é a *impermanência*, a vida é *possibilidade*¹⁹ (HEIDEGGER, 2001).

Mas os seres humanos, tendo uma crença ou não no futuro *pos-mortem*, costumam projetar a vida mesmo após sua partida. Marian o faz ao projetar o que acontecerá ao seu trabalho que mantém junto à paróquia:

Eu tenho tudo arquivado. O dia que eu morrer tem uma gaveta cheeeiii lá. O pior é que ninguém quer partir... Eu digo: escuta, e agora quando eu morrer, quem é que vai ficar com isso? Ninguém quer se responsabilizar! Ninguém! Eu acho que o dia que eu morrer isso vai acabar, infelizmente vai acabar. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevista 2, pág. 16)

Este é um motivo de sofrimento. Saber que não há alguém para dar continuidade aquilo que ela começou e dedicou-se. A percepção de no dia em que morrer vai acabar é pior que o próprio morrer.

A temporalidade é *ekstatisch*. A temporalidade é o futuro, presente e o passado. O passado é o fato de que nos encontramos lançados no mundo e, por estarmos lançados, temos de fazer algo para nós mesmos. O futuro é a projeção, é o em-função-de-si-mesmo, ou seja, o objetivo, o propósito de da-sein, e o presente, os meios pelo qual da-sein realiza os objetivos. Quando Marian projeta o futuro, o nada assoma-lhe; ela é da-sein.

¹⁸ Bornheim (2001), ao discutir a questão do finitude do ser em Heidegger, observa que a medida que a obra heideggeriana evolui, a vinculação ser ao ente vai se tornando uma grande ausência em seu pensamento, afirmando que, se para Heidegger o ente é pelo ser, o inverso é verdadeiro, o ser só é pelo ente, de onde se conclui que, se o ente é fadado a morte, o ser é fadado ao fim.

¹⁹ Já Bergson (1970, pág. 12 e-book) traduz de outra forma a possibilidade. Se há vida, há futuro e nele reside a esperança, aqui no sentido de possibilidade, de realizarmos os sonhos, às vezes, preferindo este à realidade: *L'idée de l'avenir, grosse d'une infinité de possibles, est donc plus féconde que l'avenir lui-même, et c'est pourquoi l'on trouve plus de charme à l'espérance qu'à la possession, au rêve qu'à la réalité.*

3.2 DO SER ANCIÃ

Na dimensão da matéria há a constância do caos e do cosmos e aquilo que ora se organiza em formas aparentemente indestrutíveis no tempo mudam essa constância de forma assustadoramente rápida. Mesmo o cosmos, com suas estrelas e corpos celestes estão no processo da impermanência, do movimento e da transformação. O equilíbrio necessário à ordem é instável, mas guardadas as proporções matério-temporais que formam o ser em questão, esse equilíbrio perdura por tempos, a nós seres vivos, imemoriais. Daí a sensação da permanência e a busca pela imortalidade.

Os seres vivos, por sua vez, como seres materiais que são, necessitam manterem-se enquanto formas orgânicas de rápido metabolismo e curta duração. A vida orgânica animal dificilmente ultrapassa os cem anos de existência, pois essa organização requer uma complexidade tal, que o seu próprio existir é o caminho para o seu próprio morrer.

A vida, por sua vez, é a constante autoprodução de si mesma, autopoiese²⁰ (MATURANA, 2001a) que mantém o equilíbrio instável em luta constante contra a entropia. Envelhecer, perder as características implícitas da autopoiese é o destino de cada ser vivo.

Seres humanos, seres sociais que são, atribuem um valor implícito ao que ocorre a nível biológico aos seus organismos. A cada ruga, cabelo branco, flacidez, perda da agilidade e outras características típicas de

²⁰ A autopoiese é um termo usado por Maturana (2001a: 32) como a organização do vivo que, buscando no meio ambiente a matéria e a energia necessárias, usa-as para sua própria (auto) produção (poiese), num processo circular de produções moleculares no qual o que se mantém é a circularidade das produções moleculares. Exemplificando: o DNA (Ácido Desoxirribonucleico), o RNA (Ácido Ribonucleico), proteínas estruturais e enzimas interagem formando novas moléculas, semelhantes a si mesmo, mantendo o processo circular de produção e propiciando a vida, tal como conhecemos.

quem viveu o suficiente para observar o fenômeno, novos valores lhes vão sendo atribuídos e, entre eles, o epíteto de *velho*.

Definir com clareza o que é ser velho nas sociedades atuais é um trabalho deveras difícil. Balandier (1997, pág. 71), na sua aguda percepção de mundo, já anunciava que

O homem, fiando-se na experiência individual, não reconhece mais seu percurso de vida e na sua condição biológica os indicadores necessários à sua percepção do tempo: os diferentes graus de idade se tornam fluidos, os estados de saúde ficam na dependência do suporte médico e de suas próteses, o envelhecimento e, com ele, a morte, recuam ou são escamoteados.

Quando Marialda, na sua primeira frase da entrevista, após eu dizer a palavra *velho*, retrucou-me: *velho não existe, o velho é uma cadeira e assim mesmo se senhora restaurar ela, ela não fica velha. Ela volta a ter aquela potência que ela tinha antes* (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 2). Ela remete-me à pergunta: é velho ou é antigo?

A conotação de velho vai pressupor sempre algo que não se presta mais ao uso, haja vista a comparação com a cadeira e mais: *Eu sou tão capaz como uma guria de vinte ou de trinta. Eu sou muito capaz. Eu tenho certeza que eu sou e eu assumo o que eu faço* (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 2), ou seja, ela é capaz de fazer as mesmas coisas que uma jovem de trinta anos e assumir enquanto tal. Saber-se velho, portanto, é algo que está relacionado ao psicológico das pessoas: *Velho é a cabeça das pessoas, não é? A cabeça das pessoas que envelhece*. Marialda, ao afirmar isso, já havia vivido setenta e um anos e não se considera alguém que envelheceu, já que para estar velho é necessário estar *gasto pelo uso, muito usado*.

Então a pergunta retorna: o que é humano velho?

Inúmeras teorias (LEHR & THOMAE, 2003) tentam responder a isso e, entre elas, aponta-se a Mecanicista que estuda, entre outros, os déficits funcionais de Memória e Inteligência, que se fundamentam em dados

quantitativos e apontam para as relações entre a inteligência e o desenvolvimento de tarefas na idade avançada. Já as Teorias Qualitativas (Organicistas, a Humanista e a do Crescimento) vão apontar a outros fatores intrínsecos e extrínsecos que passam desde a “integridade do eu”, às Soluções de Problemas e ao Envelhecimento Específico do Gênero.

As Teorias do Envelhecimento com Êxito, por sua vez, encaminham para três outras possibilidades, sendo elas a Teoria da Atividade em que as atividades de relações com outras pessoas são definidas como fatores positivos, especialmente aquelas não formais (no sentido de ter horário e dia para acontecer) que se estabelecem entre amigos e vizinhos:

Pois agora é ali (na UATI) que eu me dedico, que eu gosto e que espero, enquanto puder e tiver saúde continuar a frequentar sempre a UATI e devo a minha amiga que é professora de saúde, que lutou... ela foi saber quanto eu precisava para ir para a UATI, depois entregou-me: Faz favor, vá te matricular imediatamente. A ela devo isso. (Marisol, 77 anos, Caderno de Entrevista 10, pág. 12)

Incorporando a rotina dos encontros com os amigos em horário preciso – durante as aulas ou em horários alternativos – passeios, encontro nos cafês ou na casa de algum deles, a rotina de Marisol é alterada o suficiente para não se tornar tediosa. Mesmo quando faz as críticas ao cansaço nas aulas monótonas, resta sempre uma ou outra conversa colateral, que faz o tempo ser proveitoso e fugaz.

Já a Teoria da Desvinculação prega que há melhora na qualidade de vida, pois é companheiro da aposentadoria o fim de compromissos agendados e das relações obrigatórias de trabalho. Estes fatos assemelham-se à libertação de um fardo:

No ano que eu aposentei já a Universidade existia e eu encontrava as colegas que diziam: porque que tu não vens para a Universidade? Vem para a Universidade. Já estava o meu cunhado e a minha irmã. Depois no ano seguinte, matriculei-me e achei que isto é muito agradável. (Maribel, 77 anos, Caderno de Entrevista 11, pág. 4)

Desvinculada do trabalho, tal como sua irmã e cunhado, Maribel tem tempo livre para associar-se a outras formas do estar-com e escolhe a Universidade da qual não se afasta mais.

Por último, a Teoria da Continuidade que se refere a uma permanência de atitudes psíquicas, de ideias, de qualidades, de temperamento, de afetividades, de experiências, de capacidades intrínsecas mantendo uma continuidade externa relacionada à “estrutura recordada”, ou seja, às ações com as quais se está familiarizado e com as interações entre familiares, especialmente quando essas situações, estruturas e formas de conduta se experimentam como pertencentes à sua própria identidade. Quando perguntei a Mariana se pretendia casar novamente, após ela ter me contado haver recebido três pedidos de casamentos, ela retrucou-me:

Não, não penso porque eu vou ter que abrir mão da... daí eles vão ficar sozinhos, não é?

R - Mas são adultos, já resolvidos na vida!

Pois é, mas nenhum é casado. (...). Todos são solteiros, todos moram comigo, todos precisam de mim. Eu sei quando eu vou no verão para a praia, que eu vou na frente(...) Aí eu fico um mês, um mês e pouco, porque lá eu faço alguma coisa, limpo meu jardim, eu gosto das coisas bem limpinhas, a minha casa em volta tem um piso, então eu sempre gosto de limpar e cuidar das coisas que eu tenho lá e cuidar das coisas que eu tenho aqui. Eu não posso abrir mão assim e deixar só na mão deles. Porque gurizada, eu sei que... eu estou sempre em cima (risos). (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 9, pág. 13)

A interação familiar com os filhos, agora adultos, alguns casados e com seus próprios filhos é a desculpa de Mariana para não recomeçar a vida com outro companheiro, mesmo tendo três possibilidades de escolha. Pode ser apenas uma desculpa, mas também é possível que o “sentir-se” útil à família seja uma das razões que a faz saudável.

A Teoria do Crescimento, opondo-se às Teorias de Déficit, propõe que, ao entrar na idade avançada, o ser humano se vê frente a novas possibilidades de novas descobertas, sejam elas o sentido da vida, uma relação mais profunda com os outros, pela construção da sabedoria ou

pela própria transcendência. Marian é um exemplo de descoberta de novas aprendizagens e tecnologias:

Fiz curso, com 83 anos eu tirei curso, porque eu queria... o meu marido se aposentou e ele ficava muito tempo parado, então eu disse: vamos comprar um computador para você (...) mas ele como sempre trabalhava com computador, não gostava, né? (...) Então eu disse: ah, eu vou tirar o curso. (...) Tirei a Internet, o Word que eu usei muito e aí eu me dediquei ao computador. É o que eu faço hoje em dia, o meu trabalho com os pobres eu, tudo no computador. Faço os relatórios, tudo eu faço no computador. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevista 2, pág. 6)

Mariar embora não tenha condições financeiras para arriscar a compra e as aulas necessárias ao manejo, vai conhecer a tecnologia na escola e sente que uma nova aprendizagem que lhe acrescenta sabedoria e possibilidades de aprendizagem:

Outra coisa que eu gostei muito foi do computador, porque aí nós fazíamos os nossos textos todos no computador. Esse ano eu não sei como é, os computadores estão todos ali, não sei se estão funcionando, mas lá, por essa época assim, nós estávamos apurando com os textos. Eu tenho lá os textos que a gente fazia. Está tudo lá, os textos que a gente fazia tudo guardadinho. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 13)

Independentemente das inúmeras teorias pelas quais podemos navegar, uma verdade é crucial: à medida que a idade avança, a fragilidade do corpo a acompanha. Doll (1999: 120) vai afirmar que, embora envelhecer não seja sinônimo de adoecer, há uma correlação entre o aumento do risco de doenças e idade: *9% da faixa etária de 65-69 anos têm sete ou mais doenças ou problemas se saúde, enquanto esta porcentagem aumenta para mais de 30% na faixa das pessoas com mais de 80 anos.* Isso não significa necessariamente uma avaliação insatisfação com a vida, pois, segundo o autor,

Reestruturando cognitivamente suas metas e condições de vida, as pessoas idosas podem avaliar subjetivamente sua situação pessoal relativamente independente das condições objetivas de vida. A respeito da satisfação de vida, é importante diferenciar entre estado subjetivo e estado objetivo de saúde. Enquanto o estado objetivo é constatado através do diagnóstico do médico, o estado

subjetivo de saúde significa a percepção e avaliação do estado de saúde pela própria pessoa. (DOLL, 1999 pág. 121)

Marian, aos 92 anos, época em que conversamos, contou-me o seguinte:

...eu quebrei aqui a coluna e fiquei um mês e meio deitada assim, espichada sem me mexer para poder cicatrizar, né, e o que aconteceu por eu ter ficado esse tempo todo parada, o pulmão sufocado, apertado, eu tive uma embolia pulmonar. Eu não sei como é que eu não morri. Eu sei que eu estava boa... quando eu pensei que estava boa, estava feliz da vida, estava saindo, ia ali assistir os almoços aí na igreja e tudo mais né, me deu essa embolia pulmonar que quase me levou. Uma embolia mata pessoas de trinta e poucos anos, imagina eu nessa idade. Mas eu me salvei dessa também! Depois eu estava... há dois anos que eu estou sofrendo. Eu fiquei boa, depois me deu aquela coisa que sai... como é? Herpes zoster no rosto. Quase morri minha filha! Fiquei deformada aqui desse lado, fiquei deformada. [e dói...] Dói, dói, nem queira saber o que eu passei com isso. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevista 1, pág. 11)

Quando a entrevistei, Marian, já recuperada dessas desventuras, era a própria *vontade de viver* e continuava com o trabalho realizado na paróquia e as relações com as amigas. Nos três anos subsequentes, entre a entrevista e a escrita da tese, outros problemas a afligiram, incluindo um acidente vascular-cerebral no qual perdeu a capacidade da fala, mas conseguiu recuperar-se e, mesmo assim, havia um brilho no seu olhar que denunciava a satisfação com a vida, apesar da doença. A última vez que a visitei, estava com um dos braços quebrado pela segunda vez e, após a recuperação desse último acidente, foi atacada por um câncer que acabou por levá-la.

Marian, no seu depoimento, fez-me lembrar a narrativa de Beauvoir (1999) sobre a cegueira e velhice na Idade Média e na Antiguidade. O mito predizia que a cegueira era o exílio para o qual as pessoas que viviam demasiado eram enviadas e, sendo cortadas do convívio com os outros humanos, a solidão na qual mergulhavam traziam-lhes a possibilidade da clarividência. Para Balandier (1996: 17), o mito tem por função dar sentido, propor uma justificativa moral e apresentar uma visão de mundo. Na relação entre o discurso mítico e o discurso científico, o primeiro traz em si

as possibilidades de revisão e reelaboração, já o discurso mítico, *uma vez estabelecido, (...) mantém suas aparências e sua forma; inscreve-se em uma tradição, enraíza-se, e só a migração provoca mudança*. Podemos dizer que se o discurso científico traduz uma possibilidade de desordem desde a sua revisão, o mito é a ordem estabelecida.

Vivendo a desordem e a dor na possibilidade da cegueira, Mariar não chegou a perder a visão, mas passou por momentos de pura agonia durante o processo:

Eu fui, fui para a escola, então um dia... porque eu já vinha sentindo uma cerração nos olhos, uma cerração, mas perto eu enxergava (...). Mas a situação foi apertando, foi apertando e eu cada vez pior, cada vez pior. Quando foi um dia eu saí do colégio em desespero! Porque eu já não enxergava mais nada. (...) Aí ele [o médico] operou as duas e fiquei bem! (...) Operei uma e depois operei a outra, mas dessa aqui eu não enxergo muito bem dela, enxergo uma nuvem, mas a outra está bem. Mas quando ela está incomodando, aquela nuvem, aquela nuvem, eu baixo a cabeça. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 12)

Hoje ela ainda está na escola e se aventura nos meandros da leitura, porém, quando lhe pergunto se tem vontade ou se espera avançar para as Totalidades Finais, responde-me:

Ah, eu pensava, mas agora eu estou me sentindo meio coroa demais, não é, mas eu vou tentando, não é, para ver o que dá para fazer. Porque agora, quando eu terminar... porque eu estava dizendo para a S., “agora no fim do mês eu tenho que passar, não é?” se eu passar agora eu ia para a T-4. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 18)

É um misto de esperança (*agora no fim do mês, eu tenho que passar, não é?*) associado à resignação do *Ah, eu pensava, mas agora estou me sentindo meio coroa demais*. Há a percepção de que está envelhecida *meio coroa demais*, porém ela sabe o quanto se esforça para chegar ao final do curso para, finalmente, ter o reconhecimento do seu esforço para isso.

Velho, na concepção vulgar, sempre está associado a algo que não tem utilidade, a algo imprestável, haja vista a reação de Marialda ao ouvir a palavra proferindo a frase já comentada (*Velho é uma cadeira e, assim mesmo, se a senhora restaurar ela volta a ter aquela potência que ela tinha*

antes). Ao jogar para o objeto a velhice, ou o epíteto de velho, Marialda retira de si a inutilidade dada ao objeto velho e acrescenta que, se o restaurarmos, volta a ter potência. Minha pergunta: por que essa antipatia ao termo? Desde que momento a palavra *velho* vem se revestir dessa conotação? Por que chamar alguém de *velho* pode ser uma forma de ofensa?

Para tentar responder a essas questões, é interessante observar a etimologia e a construção do conceito de *velho*, desde as terminologias que se definem os seres humanos que chegaram àquilo que chamamos velhice.

3.3 DAS TERMINOLOGIAS QUE DEFINEM ENVELHECER

Para iniciar, há que buscar desde que momento a palavra *velho* reveste-se do caráter pejorativo que ora a acompanha. Buscando a etimologia da palavra em Cunha (1986: 813), tenho: **Velho** *adj.sm.* ‘remoto, antigo, idoso, antiquado, gasto pelo uso’ XII. Do lat. *vētūlus*, dim. de *vētū – ěris*. É daí que origina o termo *veterano*, aqui associado ao serviço militar, enquanto *muito velho*. Já o dicionário Aurélio (1948: 1275) vai definir velho como:

Velho, *adj.* Muito idoso; antigo; com muito tempo de existência; aventalhado; gasto pelo uso; muito usado; que há muito possui certa qualidade ou exerce certa profissão; desusado; antiquado; s.m. homem idoso; (Bras.): o modo pelo qual os filhos costumam designar o pai, em sua ausência.

Do radical que determinava os homens que exerciam a carreira militar desde muito tempo, os *veteranos*, a designação de *gasto pelo uso, muito usado*, a palavra *velho*, pela sua própria origem vem ao encontro daquilo que Marialda definiu como *velha é uma cadeira*.

Quando procuro a origem da palavra *idoso*, o dicionário etimológico remete à *idade*. Buscando idade tenho o seguinte:

idade sf. 'número de anos de alguém ou de alguma coisa' 'época da vida, época histórica, tempo' | XIV, ydade XII, jdade XIII etc. | do latim aetās - tātis || **idoso** | idioso XIV | Forma haplológica de *idadoso < idad (e + -oso (CUNHA, 1986: 422)).

Já Ferreira (1948: 670) vai definir *idoso* como o *que tem bastante idade; velho*. A palavra *idoso*, mesmo como sinônimo de *velho* em Ferreira, remete a idade, a tempo histórico, a alguém que viveu uma determinada época na contração de um prefixo *id* mais o sufixo *oso* e não mais ao sentido de *muito usado, gasto pelo uso*, isto aplicado a coisas, tal como o exemplo da cadeira utilizado por Marialda, que, mesmo assim, guarda uma potência.

O uso da palavra *velho* no Brasil para designar o pai ou *velha* para designar a mãe, já vai revesti-la de uma característica mais de sentimento, como aqueles que vieram antes e que nos geraram, portanto tem mais idade, estão mais velhos.

Buscando uma análise mais detalhada da ótica depreciativa que a palavra em questão se reveste, Peixoto (in MORAES, 1998) analisa a situação de penúria dos velhos trabalhadores do final do século XIX e observa que nos documentos oficiais da época são usados os termos *velho* ou *velhote*, muito raramente utilizando o termo *idoso*. O termo *velho* passa a se revestir de um caráter pejorativo, pois “velho” tem assim uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio. Indo além, estuda os textos oficiais brasileiros da atualidade e demonstra que o termo *velho* é retirado, sendo substituído quase na integralidade pelo termo *idoso*.

Se o termo *velho* tornou-se insultuoso, surge um novo para designar os humanos idosos e ativos como aqueles pertencentes à *terceira idade*, normalmente referindo-se ao jovem aposentado, ainda dinâmico e, em torno dele, faz-se todo um mercado de serviços e lazer. O termo *terceira idade*, portanto, contrasta com o termo *idoso* e, embora este último

simbolize pessoas velhas “mais respeitadas”, também designa os velhos já alquebrados pela vida. O termo *terceira idade* designa especialmente os “jovens velhos”, ou seja, aqueles que chegaram há pouco na aposentadoria, visto que o aposentar-se está associado ao envelhecer. É este último tipo de velhos que são retratados nos outdoors e propagandas de produtos para a *terceira idade*: é muito comum imagens dos jovens idosos sozinhos ou em casais fazendo turismo ou atividades físicas, associados à prótese dentárias, funerárias, medicações das mais diversas, fraldas e casas geriátricas, ou seja, utiliza-se da imagem do jovem velho ativo para vender produtos relacionados exclusivamente com a decrepitude e o fim, como se jovens e adultos jamais viessem a necessitar de tais produtos.

Embora as imagens de velhos maiores de oitenta anos ou alquebrados não sejam usadas para vender produtos, são usadas para sensibilizar a população das mais diversas formas, especialmente quando se necessita de uma imagem comovente do desamparo e da fragilidade humana. Dessa forma, essas imagens estão sempre associadas ao mau atendimento do setor público na saúde, no amparo social, na segurança pública, na moradia e em outros.

Se a *terceira idade* diz respeito ao “velho cheio de vida”, há aqueles que ultrapassam os limiares cronológicos das expectativas de vida, indo aos noventa, cem anos. Alguns ainda são plenamente capazes de se autogerirem, mas a ampla maioria necessita de cuidados especiais e acompanhamento diário. É aqui que uma nova nomenclatura começa a surgir: a *quarta idade*²¹ e isso se deve aos avanços consideráveis nas pesquisas sobre longevidade e conservação do corpo e, segundo a mais recente projeção populacional da ONU, o número de centenários deve saltar quase 2.000% na primeira metade deste século, passando de cerca de cerca de 167 mil estimados em 2000 para 3,3 milhões em 2050. No Brasil, a projeção se baseia em números

²¹ O termo quarta idade surge no final dos anos 90, quando a expressão terceira idade, cunhada na década de 40, para classificar sexagenários, ficou defasada devido ao aumento considerável dos centenários na população mundial.

desatualizados – a ONU atribui ao país cerca de 1.700 centenários em 2000, bem abaixo dos 24.576 registrados pelo IBGE há pouco mais de três anos. No país, de 1991 a 2000, o número de habitantes com 100 anos ou mais aumentou 77%, enquanto a população total cresceu 15,6%, sendo que a maioria dessa população é composta por mulheres que, no Brasil, representam quase 58%.

Ao pensar os anciãos enquanto pessoas que vivem em plenitude, Beauvoir (1990) discute a sexualidade na velhice e critica o olhar moralista que faz uma apologia à velhice como a idade ideal em que o corpo deixa de ser tão exigente, o que favorece ao espírito:

a purificação de que falam os moralistas reside essencialmente, para eles, na extinção dos desejos sexuais: felicitam o homem idoso por escapar a essa escravidão e adquirir, assim, a serenidade (BEAUVOIR, 1990, p.389).

Beauvoir chama a isto de indecentes tolices espiritualistas, pois, se observarmos as reais condições da população de velhos, veremos a fome, o frio e a doença e, em alguns casos, o abandono, que não são acompanhados de nenhum benefício moral, mas de mazelas comuns às populações chamadas de *risco*. Explicitamente sobre a sexualidade na velhice, muito pouco se comentou nas minhas entrevistas, embora a pergunta pela possibilidade de um novo casamento tivesse sido feita. Mariana trouxe a seguinte resposta:

(Respondeu bem baixinho) Apareceu três casamentos para mim. [R - Hein?] Apareceu três casamentos para mim. Como é que eu ia deixar os meus filhos? Não eram formados, deixar dentro de uma casa os três, quatro crianças, para ir atrás de um homem. Não quis. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 13)

Insisti em saber se naquele momento ela não queria ainda casar, ao que ela responde: *Não, não penso porque eu vou ter que abrir mão da... daí eles vão ficar sozinhos* (Caderno de Entrevista, pág. 14). Eles, no caso, são os filhos, já adultos e senhores de si. Do que Mariana teme *abrir mão*? Posso pensar em várias alternativas, entre elas a liberdade.

Mariazinha, quando questionada sobre o mesmo assunto, responde-me:

Eu nunca mais ia casar, porque eu não queria ter mais filhos, né, e eu já tinha tirado o aparelho e ainda tinha... ganhava mais meia dúzia ou mais até do que isso, aí eu disse: ah, eu vou... eu me dediquei aos meus filhos! Se eu vou botar um homem para dentro de casa, eu tenho duas filhas mulher e dois filhos homem, né, então não vai dar. Não quero mesmo e não quis mesmo. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 29)

De início o impedimento foi o medo de engravidar novamente, pois ao ficar viúva escolheu retirar o DIU, talvez como forma de dizer que era fiel à memória do marido. Após o medo de *botar homem para dentro de casa* tendo duas filhas e dois filhos. Não quis e afirma *não quero mesmo*. Escolha? Talvez, mas é bem mais comum observar um viúvo reorganizar sua vida em torno de uma nova família do que uma viúva²². Esta, no meu pequeno universo de pesquisa, decide dedicar-se aos filhos.

Maribel possivelmente seja a mais bela entre as minhas entrevistadas. Observei, durante o tempo em que frequentei a classe na UATI, que ela tinha um admirador fiel. Todos os dias ele esperava por ela e sentava-se ao seu lado. Não vi qualquer movimento dela em afastá-lo ou dar-lhe esperanças, porém vi o movimento dele de não se afastar dela. Questionei-a sobre um possível casamento; eis a resposta:

Não, não. Nunca pensei.

R – E a solidão não te dói?

Sobretudo à noite. Durante o dia eu tenho a ocupação da casa, vai a compras e aquilo tudo. À tarde venho para aqui(...). E passo assim e não sinto. À noite é que se sente mais. Se eu estou sozinha, aquela coisa de ver um filme na televisão ou ler uma coisa no jornal e comentar com o meu marido... mas... Ele morreu, fez agora um ano e seis meses. É recente. (...)

²² DaMatta (1997: 123), ao analisar a obra de Jorge Amado, Dona Flor e seus Dois maridos, comenta a situação da viúva na sociedade brasileira nos seguintes termos: *...a viuvez coloca a mulher numa terra de ninguém. Não é mais moça, porque não é mais virgem; mas não sendo mais virgem, não pode sair à rua, porque não tem marido e pode ficar falada. Quer dizer, a viúva, (...), tem as desvantagens da moça solteira e da mulher casada*. Pode-se afirmar que nos dias de hoje a análise do autor possivelmente esteja datada e superada devido às mudanças radicais ocorridas no domínio das relações sociais e do comportamento da população brasileira. Mas há que se lembrar que as memórias de minhas entrevistadas ocorrem numa época em que essa afirmação era plenamente verdade. Penso que a afirmação de DaMatta mereceria uma pesquisa detalhada na atualidade em que vivemos.

gostava de ficar em casa sozinha. Gostava. E, portanto, não me sinto mal sozinha. É, é, dá vontade de deitar e não precisa dar satisfações a ninguém. (Maribel, 77 anos, Caderno de Entrevista 11, pág.8)

E não precisa dar satisfações a ninguém. Eis porque suponho que Mariana não quis abrir mão da liberdade ao não assumir um novo compromisso e, como Mariazinha, preferiu dedicar-se aos filhos.

Marialda, a única que casou novamente, teve também seu tempo de negação de uma nova relação: *Eu não queria, não queria, porque eu estava cansada de homem. Não queria saber de homem. Eu queria era passear, dançar e era o que eu fazia depois.* (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 24)

Cansada de homem. Esta afirmativa lembra uma história que ouvi, de uma conhecida que, após o enterro do sogro, a viúva ao chegar em casa, senta-se, tira os sapatos e após um profundo suspiro, diz: “cumpri minha obrigação”. Quanto tempo ela cumpriu essa obrigação? Até onde a obrigação referia-se ao fardo de carregar um casamento ou, simplesmente, a referência se dava na obrigação de levar o marido até sua última morada? Perguntas que não posso responder.

Já Marialda naquele momento de sua vida sentia-se cansada das obrigações do matrimônio, porém conseguiu superá-las e encontra a sua outra metade do seguinte modo:

Eu casei. Depois. Casei. Vê como é do destino, né? Eu conhecia ele. Ele era militar. Passei tudo que eu tinha que passar, ele casou, teve a família dele, depois de uns anos para cá eu comecei... aí eu trabalhava ali no Bom Fim, aqui no Bom Fim e ele era bombeiro, e um dia nós não se encontramos? Bombeiro e músico também. Eu tenho sorte com músico. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 24)

Abrir mão da liberdade, dedicar-se aos filhos, cumprir a obrigação, são alternativas escolhidas por mulheres que se veem frente à perda do companheiro pelo falecimento. Algumas tentam uma nova relação. A maioria não. No meu reduzido universo empírico, das onze mulheres que participaram das entrevistas, tenho uma divorciada e sozinha, uma ainda

casada com o primeiro marido, uma que recomeçou uma relação após a viuvez e nove viúvas, sendo que, destas, somente Maribel ficou sozinha recentemente.

Do movimento em pinça, de um lado a aposentadoria, a liberação da obrigação do trabalho e, de outro, a “extinção dos desejos”, a liberação da tirania do corpo, o humano finalmente tem o direito ao descanso das obrigações. Resta aproveitar o tempo de vida da melhor forma possível; isto é descrito como a idade melhor, a *melhor idade*, que faz um trocadilho com a maior idade, sonho de todo adolescente, pois, ao atingi-la, imagina fugir do controle paterno.

Se o envelhecimento é a *melhor idade*, há controvérsias, mas envelhecer não significa desistir de viver. Marialda, neste ponto, dá uma lição:

Eu faço de manhã, todos os dias, todos os dias eu faço academia! E final de semana, quando não está chovendo ou ele está trabalhando, ou ele não está, a senhora me vê no Gasômetro, ó! (Correndo?) Sim! Mas barbaridade! (...) E tudo isso aí, de uns três anos para cá que eu comecei a fazer tudo isso.

R- Tu vais longe, tu vais aos noventa e tanto!

Será professora? Porque a minha família morre muito tarde. Tem outra, uma coisa que eu me cuido muito: a alimentação. E isso eu aprendi com ele. Se a senhora vê ele [o companheiro], a senhora não diz que ele tem oitenta e oito anos. A senhora não diz. Ele é um Nêgo inteiro! Os rapazes lá da academia são apaixonados por ele. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista, pág. 39)

Apaixonada pelo seu *Nêgo*, vai à academia, corre no Gasômetro, cuida da alimentação e frequenta a escola para aprender aquilo que no seu tempo hábil não teve oportunidade.

Ser velho, idoso ou ancião, independentemente da nomenclatura que se escolha, é um ser que vive, que tem aspirações, vontades, desejos e projeta a vida para um futuro, vivendo a vida tal como diz a bela música *Jovens e Velhos* de Arnaldo Antunes e Péricles Cavalcante:

*Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aqui*

*No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
E estamos todos a sós
No meio do caminho dessa vida
E estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no início ou no fim
Antes de mim
Vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aí*

*Estamos todos no meio, os que vieram antes e os que virão depois,
no meio do caminho, estamos todos aí. Nem início, nem fim.*

4 HISTORICIDADE OU DAS REMINISCÊNCIAS DO VIVER



*Uma vida que parece,
Não queres deixar de lutar,
Enquanto tudo envelhece,
Gira o mundo sem parar.*

*O corpo vai se curvando,
O tom de voz já é rouco,
O coração tropeçando,
Mas sempre e sempre mais louco.*

*Louco para ir ao passado
E suas lembranças buscar
Não percebe que está cansado,
Pois ao invés de melhorar.*

*Porque lembrar traz saudades,
E se torna um sufoco
Sua falsa felicidade
Fica pior, pouco a pouco*²³.

²³ Explicação de Mariah para o soneto: Este senhor é da Benedita, lá para cima, ao pé de Caldas da Rainha. Pronto, este foi o segundo lugar, também [quadra obrigada a glosa]: “Gira o mundo sem parar, mas sempre e sempre, mais louco, pois ao invés de melhorar, fica pior pouco a pouco”.

4.1 DAQUILO QUE DÁ SUPORTE: HISTORICIDADE

Será que a pre-sença só se torna histórica, enredando-se em circunstâncias e dados? (HEIDEGGER, 2002, pág.184)

Trabalhar com Histórias de Vida pressupõe um tempo e um espaço no qual elas se dão e, além disso, contar uma história pressupõe um viver que se traduz em palavras, desde a reminiscência que essa estabelece.

Eu nasci em I7, Repara só, né. Tu vê, naquela época, uma criança de quatro anos, subir no palco e dizer um versinho [mil novecentos e vinte e um] é... foi uma coisa extraordinária! (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevista I, pág.3)

(...) eu nasci em J. Agora (...) é uma cidade, não é? (...) era um deserto. É, era um deserto. Eu era pequena, mas eu me lembro. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevista 4, pág. 2)

Então eu vou começar assim, da minha infância mesmo. Quando a gente era pequeno, a gente morava no meio do mato. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 2)

Eu nasci numa cidadezinha lá do interior que eu nem me lembro direito o nome da cidade. Eu sei que era, parece, município de A. G. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 2)

Quatro depoimentos foram escolhidos para mostrar que uma história começa em um espaço e em um tempo. Todas minhas entrevistadas, em algum momento, referiram-se ao seu espaço e ao seu tempo de abrir os olhos ao mundo e dele perceber-se, seja pelo fato da surpresa que causou aos quatro anos dizendo versos, seja pelo fato de terem nascido no meio do deserto.

As Histórias de Vida de minhas entrevistadas têm uma organização estabelecida por elas, na maioria dos casos e, excetuando-se algumas, a ampla maioria delas contou-a à sua maneira, quase sem intervenções de minha parte, aquilo que julgou importante. Ao ler essas histórias, observo alguns padrões: lugar e tempo do nascimento, as histórias de infância, a primeira escola e o primeiro emprego, as relações pessoais (pai e mãe, filhos, companheiros, amigos e colegas)

fazendo parte de uma vasta memória que condensou em algumas palavras gravadas, transcritas e agora analisadas, desde uma ótica que, se foi linear no contar, não o foi na análise.

Histórias de Vida, existencialmente, pressupõem uma historicidade. Apoio-me em Heidegger (2002) para estabelecer a condição existencial da historicidade. O autor, ao desvendar a ambiguidade do termo história, apresenta os dois termos com os quais a compreensão vulgar se confunde: história e histórico e, na tentativa de afastar a história da ciência histórica, recorre aos seus quatro primados: o primeiro, o passado, que, pertencendo a um tempo anterior, é um dado de hoje, como por exemplo, um templo romano em ruínas nos dias atuais; o segundo, como conjunto de acontecimentos e influências que atravessam o presente, o passado e o futuro, ou seja, o passado interferindo no presente; o terceiro, como as transformações e destino dos humanos, grupo de humanos e suas culturas; e, por fim, o último, aquele que é legado na tradição, donde conclui que a

História é o acontecer específico da pre-sença existente que se dá no tempo. É esse acontecer que vale, como história, em sentido forte, tanto o “passado” com também o “legado”, que ainda influi na convivência (HEIDEGGER, 2000, pág. 184).

Já a ciência histórica, a historiografia, é questionada por Heidegger (2002), a partir da questão: *Como a História é possível e o que possibilita humanos estudá-la?* Afirma, então, que

(...) a historicidade própria de um tempo também não se comprova pelo interesse historiográfico altamente diferenciado, que abrange até mesmo culturas mais primitivas e distantes. Ter aparecido o problema do “historicismo” é o sinal mais claro de que a historiografia pretende alienar a pre-sença de sua historicidade própria. Esta não precisa, necessariamente, da historiografia. Épocas sem historiografia não são, em si mesmas sem história. (HEIDEGGER, 2002, pág. 203).

Heidegger (2002) utiliza o termo *historicidade própria*, já que o ser do humano, *dasein*, é seu passado e o passado de sua geração, e sua historicidade se comprova como a elaboração concreta de sua temporalidade e a finitude desta, pois sendo *dasein* o ser-para-morte em seu sentido próprio, a historicidade é fundamento velado da presença.

A historiografia oficial, aquela que aprendemos nos livros de História, é basicamente feita das grandes lutas, revoluções e guerras travadas entre humanos e, normalmente, contada pelo vencedor. Kusch (2000) vai chamar de *pequena história* a esses eventos. O autor faz uma divisão entre a *grande história*, aquela que nos fala desde as *carapaças dos Gliptodontes* e a *pequena história*, aquela contada na perspectiva europeia de *ser alguém*. Diz o autor:

La diferencia entre ambas historias se hace irremediable a veces, porque la historia grande, la del hacha de piedra a la del gliptodonte, responde a una simple y muy profunda vivencia humana que persiste aún hoy en día en las tribos del Amazonas y también en las masas de nuestras grandes ciudades. Ella comprende el episodio total de ser hombre, como especie biológica, que se debate en la tierra sin encontrar mayor significado en su quehacer diario que la simple sobrevivencia, en el plano elemental del estar aquí. (KUSCH, 2000, pág. 154, t. II)

A grande história é a subterrânea, a que perpassa o povo, aquela que conjura o mundo desde um estar-aqui; a pequena história é a aquela que se centra na ação humana, desde a dinâmica da cultura urbana.

Quando questiono minhas entrevistadas sobre suas reminiscências das grandes convulsões sociais, tais como a Segunda Guerra Mundial ou mesmo a Resistência ao golpe militar de 1964, pois foi um tempo vivido na sua totalidade por elas, as respostas dão conta

do seu viver no dia-a-dia, aquilo que Heidegger vai chamar de *dis-tração*²⁴,

Eu só me lembro, vagamente, que houve revoluções aqui, né, e eu me lembro que houve uma noite que a mamãe disse assim... porque o meu pai era capitão da Brigada e não estava em casa, sabe, andava também às voltas com a revolução, né, e ele não estava pousando em casa e eu me lembro tão bem... eu era menina, mas eu me lembro que a mamãe mandou que a gente forrasse assim nas paredes porque era perigoso, porque iriam entrar, não sei quem iria entrar, eu não me lembro mais que é que entrava na cidade, então é que a gente deitasse no chão, eu me lembro que ela botou as cobertas todas no chão, não é, para a gente deitar e botou colchões ao redor da... engraçado, e aquilo, naquela época eu achava uma brincadeira aquilo, mas eu não posso me lembrar o que é que foi. Depois mais tarde, muito mais tarde, (...) eu não sei o que aconteceu aqui em Porto Alegre, não sei se foi no tempo do Brizola, engraçado é que eu procuro me lembrar, mas certas coisas eu não me lembro. Eu não sei se foi no tempo do Brizola, eu não lembro, vocês não se lembram? Que houve um levante aqui em Porto Alegre? (...) em 64, eu já era casada, as crianças eram pequenas... Eu sei que lá em P.F. disseram para a gente se resguardar que iriam atacar P.F. também! Foi uma... Eu me lembro tão bem! Isto eu me lembro. Não me lembro que foi no tempo do Brizola. Será que foi no tempo do Brizola? Eu me lembro disso: Disseram que iriam atacar P.F. também. Então que nós nos resguardássemos disso. Era noite isso, e foi uma noite de angústia, a mamãe... e nós também. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 11)

Marian não recorda a historiografia do fato, sabe que houve uma revolução em que os colchões foram colocados nas paredes e isso foi uma brincadeira. A memória foi ativada desde este fato: *naquela época eu achava uma brincadeira aquilo, mas eu não posso me lembrar o que é que foi*. É a brincadeira, nesse caso, o fato mais marcante do passado pela revolução que Marian não sabe mais definir qual foi e, embora já adulta e mãe de filhos, lembra da resistência ao golpe militar de 1964, comandada pelo governador do estado do Rio Grande do Sul à época, Leonel de Moura Brizola, da noite de angústia na qual passou juntamente com sua mãe (*Disseram que iriam atacar P.F. também. Então que nós nos resguardássemos disso. Era noite isso, e foi uma noite de*

²⁴ Dis-tração ou das forças emergentes do viver: dis-trair para Heidegger (2002) é a forma como *dasein* convive com a certeza do fim e da morte. Ao distrair-se, *dasein* entra em de-cadência, na sua compreensão imprópria, ou seja, ocupa-se. Este ocupar-se relaciona-se a tudo aquilo que *dasein* efetua no viver que vai desde o trabalho até as suas relações com os entes-intramundo.

angústia, a mamãe... e nós também). Observa-se aqui a profundidade das sensações (prazer pela brincadeira, angústia do ataque, medo...) que marcaram o acontecimento que poderia estar associado ao evento histórico, mas que Marian guarda somente enquanto sensações.

Heidegger (2002) analisa a historicidade de *dasein* não porque este ente é temporal por se encontrar na história, mas sim porque ele existe e só pode existir historicamente porque é temporal. A historicidade de *dasein* não vai afirmar que é histórico o sujeito sem mundo, mas sim o ente que existe como *ser-no-mundo*²⁵, pois o acontecer da história é o acontecer do *ser-no-mundo*.

Quando Mariad começou a trabalhar para sustentar sua já numerosa família, envolveu-se com um grupo de revolucionários da resistência ao golpe militar. Foi presa nessa época e conta o fato da seguinte forma:

Eu sei lá o que andavam fazendo que prendiam. E eu sai com outro que trabalhava comigo, nós íamos para o mesmo lugar e nos prenderam e nos levaram para um lugar deserto e era tarde e nós lá, presos, até que depois teve aquela moça e nós fomos soltos (por que prenderam?). Pois eu não sei o que era isso que andavam fazendo, eu só sei que era assim. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevista 4, pág. 5)

Retirado o fato de que a memória recente de Mariad estava já bem prejudicada na época da entrevista, o fato de ter sido presa e de não saber o porquê, deve ter sido algo muito marcante na sua vida. Insisti bastante para que me contasse o fato. Fiz muitas perguntas, mas as respostas foram quase monossilábicas, sem ligação aparente. Na realidade, quase não pude estabelecer do que realmente Mariad falava. Penso que, pelo tempo cronológico do acontecimento calculado ali, durante a entrevista, era da resistência à ditadura militar.

²⁵ *Ser-no-mundo* é a relação que *dasein* estabelece quando na mundanidade, que tanto podem ser as relações com os entes que não são *dasein*: os manuais (artefatos) ou o *ser-simplesmente-dado*, ou as relação com *dasein*, o *ser-com*. *Dasein* (*ser-ai*) é no mundo desde um conjunto de fatores relacionados aos fatos, à história, às relações, à onticidade, etc. Desse modo, o *ser* é lançado no mundo desde esses fatores, em que o *fazer* é um nele projetar-se.

...eles nos prenderam de noite, quando nós saímos para casa. Nós morávamos na mesma vila e então a gente saía junto de noite. Eu sempre ficava até mais tarde trabalhando. Trabalhava numa máquina de passar, e ele trabalhava também e aí nos prenderam, nos pegaram e nos levaram.

R - Eles queriam saber do bilhete?

É, o que é que eu tinha feito, para quem é que eu levava.

R - E quem lhe pedia para levar?

Era ele.

R - Esse seu amigo?

Não, amigo não, porque a gente assim trabalhando e ele mandava a levar o bilhete...

R - Seu colega?

Não, não era colega, era chefe lá da lavanderia, sei lá o que ele era.

R - A senhora levava para uma mulher?

É, a mulher dele.

R - Ela estava onde?

Naquelas vilas, sei que era longe.

R - Escondida ou morando?

Ela estava escondida.

R - Aí a polícia descobriu e lhe prendeu?

É, eu e um amigo meu, o Manuel. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevistas 7, pág.4)

Embora por toda a vida tenha contado aos filhos sobre sua inserção nos fatos políticos marcantes da resistência no país, já idosa lembra daquilo que marcou o seu dia-a-dia, dos fatos que relatou como muito significantes, o abandono do esposo, as reuniões políticas que participou e a singeleza da vida no campo. Porém Mariad não esquece a rebeldia. Mesmo já no final da vida, há que espontaneamente fazer a seguinte afirmativa:

Agora vou te dizer, eu gosto até hoje dos comunistas (O tom de voz fica mais alto e animado).

R - Por quê?

Não sei por que. É coisa que vem de dentro. Sei que eu gosto.

R - A senhora votava neles?

É, eu votava. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevistas 7, pág.4)

Mariazinha, enquanto operária de uma malharia, também tem suas recordações de uma época mais recente,

Tinha aqueles negócios de políticas, aquelas coisas assim, que faziam greve, que agora fazem pouca greve, mas antigamente faziam muita greve. Então a nossa malharia era ali na Azenha. Então fechou a malharia e fomos fazer greve. E eu ia junto para lá, discutir também. As gurias: te candidata para ser uma vereadora, ou isso assim aquilo... eu digo: não, isso é muito trabalho para mim. Mas eu falava. Eu falava e eles

Pelos cálculos do tempo em que esse fato ocorre, localizei-o no final dos anos oitenta, época em que os trabalhadores, após mais de vinte anos de ditadura militar, começaram a ter o livre direito de protesto e reivindicação. Mariazinha começou nesse momento a se politizar e, na relação de troca de aprendizagens com seus colegas, também se manifestava e fazia discursos reivindicatórios e se sentia feliz por ser aplaudida e incentivada a concorrer a vereança. Porém, não se manifestava de maneira mais *engajada* quando diz: *Tinha aqueles negócios de políticas, aquelas coisas assim, que faziam greve, que agora fazem pouca greve, mas antigamente faziam muita greve.* O momento em que fazia seus discursos era de pura luta pelos direitos perdidos, mas Mariazinha se deslumbrava pelo fato de falar, de ser ouvida e de ser admirada por isso.

Desde a análise dos depoimentos, depreende-se que há uma história que é própria do ser que se lançou ao mundo, mas que desconhece a versão historiográfica na qual a sua versão estaria incluída. Existe, para cada uma delas, uma ventura de ter vivido o que viveu e conta a história vivida como fato que marcou desde uma brincadeira, uma angústia, um medo ou vaidade.

Se o passado influencia o presente, as depoentes sofreram as influências do passado nas suas vidas vividas: uma de classe média, urbana, filha de professora e de militar, permaneceu em seu patamar e também desenvolveu uma vida dentro desses parâmetros; as outras, nascidas no meio rural, filha de costureira e de “carreteiro”²⁶ ou de

²⁶ É a forma popular com que se tratam, mesmo nos dias de hoje, os trabalhadores que usam transporte puxado a boi. Diferente da carroça puxada a cavalo (neste caso são chamado carroceiros), o transporte puxado a boi é mais rústico e é chamado de carreta. Serve para fardos pesados e grosseiros. O carreteiro, normalmente, anda a pé e guia os bois através de uma longa vara em cuja ponta há um estilete com o qual espicaça o boi.

trabalhador rural, tornaram-se operárias e empregadas domésticas ou faxineiras para poderem se sustentar. Todas elas viveram os acontecimentos históricos, mas não sabem relatar ou associar a que eles se referiam. O que sobrou foram as sensações que eles produziram.

É interessante aqui também trazer uma perspectiva sociológica do fato. Maffesoli (2001a) cunha para isso o termo *homem sem qualidades*, no qual discute o *duplo jogo*, ou seja, a forma como as massas reagem às imposições do *dever-ser* enquanto valores impostos, pois estes valores não são contestados abertamente, mas sim contornados quando se configuram como obstáculos. A reação do povo é, aparentemente, de aceitação ou de submissão à nova ordem, mas, se observarmos mais de perto, veremos o *corpo mole*, o *jeitinho*, o deboche, o ignorar a imposição. A isso Maffesoli (2001b) vai denominar o *senso comum*. Para o autor a “reserva” popular sabe desenvolver uma tradição de desconfiança, ironia e humor a todas as formas de poder, “reserva” que tanto pode manifestar-se na forma de rebeliões sangrentas, quanto na forma de indiferença, de *abstenção astuta*.

Os príncipes mudam; já o princípio da dominação permanece constante; daí a elaboração através das gerações dessa estratégia de duplicidade que desvia a atenção dos poderosos a fim de perpetuar-se no ser (MAFESSOLI, 1997, pág. 115).

Se a historiografia oficial dá o tom das causas e consequências do que foi e do que será em advento, dasein se lança ao mundo e nele é, sem, no entanto, se dispor a perceber a imposição que vem de fora na sua forma de ser e, desse modo, faz, no *estar-junto*, a resistência do *senso comum*, seu refúgio.

Heidegger (2002) nos fala do *clamor*, ou seja, a imperiosidade de ser-no-mundo das ocupações e no ser-com os outros. O clamor sempre está associado ao débito. Mas que débito nos fala Heidegger? Segundo ele, a compreensão vulgar de débito pode ser o sentido de *ter dívidas junto a* ou no sentido de *ser responsável por*, que, ao misturarem-se, podem levar ao *se fazer culpado*. Segundo o autor,

O conceito formal de estar em débito no sentido de tornar-se culpado em relação a outrem deixa-se formular do seguinte modo: ser-fundamento da falta da presença de um outro, de tal maneira que esse próprio ser-fundamento determina-se como “faltosos” a partir de seu para quê. Esta falta está em não se satisfazer uma exigência do ser-com os outros existente (HEIDEGGER, 2002, pág. 69. V.2).

Marialda escolheu a não-submissão ao poder masculino, nesse caso representado pelo marido, segundo sua própria descrição:

Lindo, lindo, lindo que nem sei. Nêgo muito bonito, Nêgo bem pretinho, bem alto! Eu sempre digo, professora, se a senhora olhasse para ele, e ele estava de marrom, a senhora podia tirar toda a roupa dele e ele estava de marrom, desde a cueca. Caprichosíssimo! Cabelo sempre bem apanhado, unhas bem apanhadas, sempre! Nêgo! Nêgo da noite mesmo! (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 8)

E saiu de casa com dois bebês. Essas crianças eram sua responsabilidade e é de notar como a ênfase com que afirma sua responsabilidade com seus filhos: *Só tinha dois! E eu tinha que lutar por aquelas crianças, porque Deus não mandou eu botar elas no mundo!* Na época era uma menina com duas crianças que dela dependiam. Porém Marialda é *responsável por e*, por sentir-se assim, *é cura, é cuidado*. Foi então em busca do auxílio materno que lhe foi rechaçado. No primeiro momento foge, buscando sua vida longe das pessoas mais próximas, se lançando ao mundo. Agora, mais vivida e superados os problemas advindos da decisão que a lançou, faz o seguinte raciocínio:

Se ela me acolhesse como é que eu ia ser hoje em dia? Analfabeta, João-ninguém, sem conhecer ninguém ia ser até uma ladrona, hoje em dia. (...) a minha mãe não tinha estrutura para ter os filhos tudo em roda dela. Cada um ela botou numa casa. Todos nós estávamos em casa de família, os nossos irmãos. Só o mais velho que não! (Marialda, 71 anos, Cadernos de Entrevistas 5, pág. 27)

Há, todavia, um perpassar que se situa na projeção de um futuro não promissor, desde um aprender como o outro: *Se ela me acolhesse como é que eu ia ser hoje em dia? Analfabeta, João-ninguém, sem conhecer ninguém ia ser até uma ladrona.* Por que Marialda faz esse raciocínio?

Talvez por sua mãe não ter estrutura *para ter os filhos tudo em roda dela*. Cada um ela botou numa casa, ou, talvez por fazer as observações de famílias que se desestruturaram desde um acolhimento que não leva a crescer enquanto ser que se lança. Ao ficar sob a proteção, não há o amadurecer.

4.2 DAQUILO PELO QUAL A VIDA INICIA: INFÂNCIA

Cada uma das minhas entrevistadas começa sua história por aquilo que elas chamaram *o princípio* ou *o início*. Este iniciar, principiar, dar-se conta, perceber-se, ser-com é a infância. É nela que a História de Vida começa e nela que se esperam as primeiras ações de aprendizagem do ser-com. Mariar, logo após minha explanação sobre o porquê da entrevista, a questão da escola, deu-me o seguinte depoimento:

Então de manhã eu levantava, porque a gente já tinha aquele hábito de levantar cedo e eu ficava na frente olhando o movimento do local lá, da vila. Era uma vilinha, mas era uma vila para fora. Eu dizia para a minha mãe assim:

- Bah mãe! Me bota no colégio!

No tempo da sainha azul marinho, empregueadinha, blusinha branca... eu achava muito lindo aquilo. Tinha uma vontade de estudar! A memória bem!!! Louca para pegar um livro e estudar, escrever, aquela coisa toda! Mas ela disse:

- O quê! Uma mulher não precisa estudar. Estudo é para homem. Mulher não precisa estudar. E ela ainda falou mais: É, mulher aprende a ler e a escrever vai escrever bilhetinho para os namorados.

E aquilo... eu me criei com aquela revolta. Não era uma revolta, era um certo trauma. Já naquele tempo eu via a pobreza assim dentro de casa, nem o meu pai, nem a minha mãe não sabiam ler, não sabiam nem assinar o nome deles e eu pensava assim: se eu pudesse aprender a ler e a escrever! Então eu me criei com aquele pequeno trauma! (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 3)

A criança na porta de casa a olhar as outras crianças *de sainha azul marinho, empregueadinha, blusinha branca* vendo toda a beleza de ir à escola, achando *muito lindo aquilo*, toda a vontade de estar lá, de estar-junto-com e a *vontade de estudar* num tempo ainda que a (*sic*) *memória estava bem. Louca para pegar um livro e estudar, escrever,*

aquela coisa toda, vê seu sonho desfeito por um: O quê! Uma mulher não precisa estudar. Estudo é para homem. Mulher não precisa estudar.

Possivelmente, a mãe de Mariar também esteve um dia na porta a olhar as outras crianças que iam à escola e aprendeu que *uma mulher não precisa estudar* e que uma mulher, se aprende a ler escrever, *vai escrever bilhetinhos para os namorados*, se não isso, qual a outra razão para que uma mulher saiba ler ou escrever, se a sua vida era gerar outras vidas e alimentá-las? Esse era o papel que se esperava de uma mulher. Sendo a mãe de Mariar uma atriz do jogo social, o papel que esperava da filha e incentivava o seu desempenhar, é aquele definido por Louro (1997):

Papéis²⁷ seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, [considera-se] adequado ou inadequado para um homem ou uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 1997: 24).

Ora, se a mãe de Mariar não tendo questionado o seu papel ou a adequação do fato de saber ler ou escrever a ele, tenta impor à sua filha o mesmo. Esta, por sua vez, realiza o questionamento desde a *vontade* que, não sendo satisfeita, produz aquilo que ela vai chamar de *pequeno trauma*. Nem tão pequeno, pois acompanhou-a por toda uma vida e até hoje ela o carrega, conforme contou-me no seu depoimento. A vontade que vem desde observar o pai, a mãe, a pobreza em que viviam e a dor que a levava a pensar *se eu pudesse aprender a ler e a escrever!*

²⁷ A autora faz essa referência enquanto critica o uso de *gênero* para determinar o *papel masculino* ou *feminino*, já que aquele se relaciona à *identidade do sujeito*. Louro (1997: 24) afirma que *discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter à análise para indivíduos e para as relações interpessoais* e é desde esta ótica de *relações interpessoais*, que utilizo aqui o conceito criticado pela autora, pois parece-me uma forma de tentar entender o porquê a mãe de Mariar a submete àquilo a que foi submetida ao aprender que *mulheres não precisam estudar*.

Bergson (1999: 57), ao analisar a afecção e a percepção, descreve a dor, enquanto afecção, da seguinte forma:

Toda dor consiste, portanto, num esforço impotente. Toda dor é esforço local, e esse próprio isolamento do esforço é a causa de sua impotência, porque o organismo em razão da solidariedade de suas partes, não está apto senão para os efeitos de conjuntos. É também por ser local que a dor é absolutamente desproporcional ao perigo que corre o ser vivo: o perigo pode ser mortal e a dor pequena; a dor pode ser insuportável (como uma dor de dentes) e o perigo insignificante.

Para o autor, a dor é um esforço para repor as coisas no lugar, e a necessidade da afecção decorre da própria percepção; esta, tal como a entendemos, mede a ação das coisas sobre nós e de nós sobre as coisas.

Se a mim mesma eu tivesse dirigido a pergunta sobre memórias da primeira escola, surgiriam imediatamente o sabor de plástico impregnado no café com leite, já frio, que trazia na minha lancheira cor de rosa, o cheiro recendendo a suor de minha primeira professora, a imagem da bola desenhada e mimeografada no papel em que respondi a meu exame de fim de ano e a ação de um colega, o único que minha memória gravou, que cortava o dedo com a lâmina de barbear com a qual fazia a ponta do lápis. Tendo eu a percepção dolorosa do corte que feria a mão, a cada vez que a lâmina escorregava do lápis, era-me muito doloroso observar o menino a descascar o seu indicador, retirando somente a pele grossa, como uma forma de fazer-se notar no grupo. Colocar-me no lugar do outro, na dor do outro, desde os meus seis anos, gravou uma memória tão profunda que, mesmo após cinquenta anos, sinto-a como se estivesse lá, em outro tempo, em outro espaço.

É desde as afecções que as sensações, boas ou nem tanto, que, possivelmente, a memória “grave” o intelecto, pois se a angústia existencial é se saber para a morte ou o *ser-para-a-morte* (HEIDEGGER, 2002), é interessante expor duas reminiscências espontâneas, surgidas

quase ao acaso no meio da conversa com duas de minhas entrevistadas, Mariad e Mariazinha:

Eu era pequena, mas eu me lembro. Me lembro que os meus pais moravam assim e a minha vó morava lá em cima. A gente para ir [lá] era pelo meio da chirca tinha uma estradinha e... a minha tia teve lá uma manhã e me levou para lá, não é, para a casa da minha avó. De tarde a minha mãe foi lá me buscar e aí vinha comigo, mas a minha vó ficou na porta, olhando, [a mãe disse] e agora tu vais para casa, porque eu vou voltar lá para prender os terneiros e eu caminhei um pouquinho e dobrei para baixo, direito à ponte, era um rio, né? E a minha vó cuidando, na porta onde ela estava (...) e disse: olha, a P. pensa que ela foi para casa e ela não foi, foi direto ao rio. E eu juntando as florzinhas, as chircas que eu sempre gostei. Quando cheguei na beira do rio, me sentei catando as florzinhas e aí a minha vó mandou a minha tia: vai lá, que aquela pode se atirar... aí a minha tia foi lá. Mas quando a minha tia foi lá, a minha mãe chegou em casa e eu não estava em casa e aí ela dá volta para trás para me procurar e encontra com a minha tia que já ia comigo de volta. (Entrevista Mariad, 88 anos, Caderno 4, pág. 2)

Aí a minha mãe estava sentada fora da casa, assim no sol, aí eu estava dormindo. Aí eu comecei a chorar. Aí a minha mãe disse: vai lá e traz [ela] para cá. Aí a minha irmã pegou e me levou no colo. No que eu saí do quarto... a casa era assim de oitão e era de torrão e ela brrrrrrr, caiu tudo em cima da cama. Se eu tivesse dormindo, talvez até... talvez não me matasse, mas machucava, né? Aí a minha mãe ficou nervosa. Depois o pai chegou em casa, o pai sabia fazer tudo assim, arrumou, pegou um pau e botou lá passando as coisas. Antigamente morava para fora e era mesmo que casa de índio: aqui era tijolo e lá era torrão. Fazia aqueles quadros de torrão e botava um em cima do outro. E depois então o meu pai fechava lá em cima, como é que se diz, o canto assim, que tem um nome que a gente fala, agora não me lembro. E depois então o meu pai barreava, fazia barro e cimento assim e barreava, bem barreadinho e deixava assim, né. E era quente, não era frio e a cobertura da casa era de capim. Capim! Não tinha nem zinco, nem telha, nem nada. Capim! E o chão, chão mesmo. E nós vivia assim, tão feliz! (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pag. 3)

Ambas reminiscências são de um tempo muito inicial. Se Mariad não sabia ir sozinha para a casa e acabava dirigindo-se ao rio, Mariazinha, por sua vez, era um bebê. Talvez as duas lembrem-se daquilo que lhes foi contado por aqueles que viveram o fato e tinham compreensão do perigo que ambas passaram, tal como Bosi (1994, p. 407) afirma:

É preciso reconhecer que muitas das nossas lembranças, ou mesmo nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do

tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossa que ficaríamos surpresos se nos dissessem o ponto exato de entrada em nossa vida.

Bosi reafirma a função do grupo ao manter as memórias, bem como de alterá-las no contar e recontar as diversas anedotas familiares ou sociais, pois *muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente foram relatadas por nossos parentes.* Lembradas como vivência própria ou incorporadas desde as histórias de outros, o que há em comum entre as duas memórias é que cada uma delas, uma pela água e a outra pelo esmagamento, sofreram perigo de vida, o que nos mostra a importância dada aos eventos, pois que nos relatos brotaram na espontaneidade da conversa.

Há que se notar também que as imagens se formam na lembrança de cada acontecimento: para Mariad são as amarelas flores das chircas, a estradinha que ligava sua casa à casa da avó e o rio, no qual sentou na margem; para Mariazinha a lembrança se fez na imagem da casa de torrão e do pai a prepará-la e repará-la.

Saber que a memória é imagem parece ser uma antiga evidência. Santo Agostinho, falando da memória nas Confissões, Livro XI, faz um belíssimo verso para apresentá-la,

Deslocam-se os homens para admirar as alturas dos montes, e as ondas alterosas do mar, e os cursos larguíssimos dos rios, e a imensidão do oceano, e as órbitas dos astros, e não prestam atenção a si mesmos nem se admiram de que, quando eu dizia todas essas coisas, não as via com os olhos, e todavia não as diria, se interiormente não visse na minha memória, em espaços tão vastos, como se os visse fora de mim, os montes, e as ondas, e os rios, e os astros que vi, e o oceano a que dei crédito. E, todavia, vendo essas coisas, não as absorvi, quando as vi com os olhos, e não são essas coisas que estão em mim, mas sim as suas imagens, e sei a partir de que sentido do corpo cada coisa foi impressa em mim (Santo Agostinho, e-book, 2008, pág. 56).

É a imagem das coisas que se imprime a partir dos sentidos em Santo Agostinho. Mas em cada imagem impressa subjaz a presença dos sentimentos por ela trazidos. Mesmo que as lembranças de minhas depoentes não sejam primariamente suas, baseada na idade em que os fatos aconteceram, na lembrança de outros nas quais elas protagonizaram o evento, levam-nas a contá-las como se elas realmente a lembrassem e trouxessem nesse bojo as vivências da casa, do rio e das flores, tal como o poeta²⁸ canta nos seguintes versos:

*Azul quase inexistente,
Azul que não há.
Azul que é pura memória
De algum lugar*

Azul é a cor da memória existente, branco a cor da ausência. A imagem gravada numa tela, na medida em que é exposta à luz, perde, pouco a pouco, as cores, restando finalmente os azuis e suas tonalidades. Do mesmo modo, uma imagem projetada numa tela, ao adquirir excesso de brilho e pouco contraste, torna-se branca. Por muito tempo, estacionada em algum ponto e depois evocada, a imagem mnemônica é azulada, porém quando ansiosamente a procuramos e ela nos falta, é branca.

Quando questionei Marian sobre suas lembranças de escola, num primeiro momento respondeu-me: *Engraçado, eu não me lembro muito bem do primário, sabe? Interessante, não me lembro muito bem do primário, eu me lembro mais do secundário, quando eu entrei...* Após algum tempo de conversa, subitamente, tal como se um filme na memória tivesse sido ativado, contou-me:

Aí eu me lembro que eu era bem pequena, me lembro. Quando eu estava tirando o primário, né, a professora... usavam palmatória, menina, (...) usavam palmatória, imagina tu né, me lembro tão bem... a professora de matemática, a professora era muito amiga da mamãe, né, imagina se não fosse! (risos). Eu errei lá uma coisa que ela me perguntou em

²⁸ Caetano Veloso, disco Cores e Nomes, música Trem das Cores. VER BIBLIOGRAFIA

matemática, mas levei, levei menina, uma palmatória na mão. Dói! Doía...
(Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 1, pág. 12)

Foi a dor a maior motivação da recordação do erro matemático, da professora amiga da mãe (*imagina se não fosse!*) que reativou a imagem-filme que recontou a história naquele momento, quase oitenta anos após o fato ter acontecido quando nem escola, nem palmatória, nem professora mais existiam: a dor (*Dói!*), ou a memória dela (*Doía*), persistiram na recordação de Marian.

Das nebulosas memórias de Mariad, a infância fez-se presente no seguinte relato:

Eu me lembro. E depois nós vínhamos de lá, de J. para B., viagem de carreta, de noite nós dormíamos dentro das carretas. Demora para vir de lá (...) não me lembro quantos dias levava para ir para B. Eu sei que demora. Aí, nós chegamos e fomos morar numa casinha lá, que ele [o pai] alugou, mas tinha uma coisa, que até hoje eu me lembro, não sei por que, era sem sorte para as coisas. Moravam nesta casa. Tinha fogão à lenha, naquele tempo era fogão à lenha. Não sei como sim, ou como não, incendiou a cozinha. É, eu me lembro, eu era pequena ainda, mas eu me lembro. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevista 4, pág.4)

Das viagens de carreta ficou o estar dos dias na estrada (*Demora para vir de lá; eu sei que demora*) e sabe porque sentiu na pele cada dia passado na estrada durante uma viagem que, nos dias de hoje, com a tecnologia do automóvel, se faz em questão de duas horas. Mas a imagem-filme parece que se projeta quando fala da casinha na qual foi morar com a família. O horror do incêndio (*não sei por que era sem sorte para as coisas*), iniciado pelo fogão à lenha fez brotar na conversa esse lembrar.

Provocada por uma sensação, essas memórias se imiscuem no consciente tal como uma projeção de um momento que se gravou na retina; porém, quando tentamos firmar o olhar para retê-la, a imagem se esfumaça, e outras sensações se tornam mais fortes (sons, cheiros, texturas...). A cada tentativa de evocação para uma única sensação, há o fenômeno do esfumaçamento, o que faz da perspectiva da imagem-

filme uma metáfora mesmo. Nossos sentidos não podem mais apreender o acontecido, tal como a visão o faz, ou seja, como uma gravação na retina da reflexão luminosa, pois a percepção do filme, sendo um fenômeno natural da visão, pode ser revista tantas vezes quanto se quiser sem que a sensação de esfumaçamento se manifeste, enquanto que memória se faz desde a percepção de afectos sensoriais, o que provoca uma imagem-filme desfocada e fundada mais em percepções do que em realidade.

Damásio (1996) afirma que o conhecimento dos fatos necessários ao raciocínio e para a tomada de decisões chega à mente sob a forma de imagens: as imagens perceptivas são aquelas gravadas desde modalidades sensoriais diversas, e as imagens evocativas, que são pensamentos constituídos por imagens, as quais se associam formas, cores, momentos, sons, palavras ditas ou não ditas e outros. Quando utilizamos as memórias evocativas, podemos estar pensando sobre algo que realmente aconteceu ou sobre algo que planejamos fazer, pois, ao planejar, o cérebro constrói imagens de como esperamos que aquilo que foi planejado seja concretizado e, assim, podemos ter imagens evocativas de um futuro possível e não do passado que já foi e, desse modo, afirma que *Não sabemos, e é improvável que alguma vez venhamos a saber o que é realidade “absoluta”* (DAMÁSIO, 1996: 124).

Marisol, falando de sua infância, evoca a casa paterna e a rigidez dos costumes de então:

(...) o meu pai, como filho de espanhóis, também era muito rígido. Nós éramos daquele gênero das horas de refeição sempre certas e quando chegávamos à mesa era tudo à volta da mesa à espera que ele chegasse. E ele sentava-se e sentávamos todos, à volta da mesa, tinham os empregados para servir. Era naquele tempo tinham os empregados para servir a mesa. E então, eu achava graça, porque a mesa era grande e no centro havia aqueles centros de mesa com flor. E então uma puxava uma gavinha a mais que era para ver se não me viam. (Marisol, Caderno de Entrevista 10, pág. 18)

Essa imagem de se esconder por trás do centro de mesa para não ser vista é uma recordação própria, tão vívida que, quando me contou essa história, pude quase ver as crianças de pé ao lado da cadeira à espera do pai para iniciarem a refeição, e Marisol menina a esconder-se por trás das flores.

Das minhas memórias das refeições, lembro do quase desespero famélico em que chegava em casa para o almoço na vinda da escola, mas, ao mesmo tempo, recordo das dificuldades encontradas pela família para alimentar meu irmão mais novo, já que nada daquilo que era servido o agradava. Não havia uma rigidez de costumes tal como aponta minha informante, mas a presença da família em torno da mesa da sala de jantar, e não na cozinha, era uma obrigação. Para Marisol, a rigidez dos costumes impunha ao seu corpo uma ação que não estava em consonância com os seus desejos corpóreos, ou seja, o de simplesmente alimentar-se. Era preciso todo um ritual para que ele acontecesse, o que leva a menina, que ela era, a querer a invisibilidade para poder apreciar a refeição. Se para mim as evocações são desde minha fome de criança em crescimento e a falta de apetite de meu irmão, para Marisol é a vontade da invisibilidade que faz a retenção das memórias das refeições em família.

Evocação e retenção tem sido a perspectiva filosófica de memória desde os tempos platônicos, o qual veio a chamá-los de conservação das sensações e reminiscências. Aristóteles²⁹ agrupa-se a Platão e propõe a questão de como se pode lembrar algo que não está presente e não se vê e responde que o que se lembra é tanto a marca que o lembrado deixou quanto o próprio lembrado, embora a recordação seja um silogismo, pois quem recorda deduz que já ouviu ou percebeu aquilo que se lembra, sendo uma espécie de busca. Ora, desse modo, a recordação é

²⁹ “Da Memória e Reminiscência”, capítulo do livro *Parva Naturalia*. Pela dificuldade de acesso ao livro, busquei on-line o próprio capítulo na tradução para o inglês de J. I. Beare, conforme bibliografia.

uma escolha ativa enquanto a retenção é uma ação passiva e natural dos seres vivos.

A infância é um repositório de memórias que levamos e que nos influencia na vida toda. Quatro de minhas informantes lembram de outros tempos e de outros locais para começar suas histórias:

Mariazinha

Quando a gente era pequeno, a gente morava no meio do mato. Não era cidade. Era na serra. (...) Então a gente nem sabia onde é que o pai trabalhava. (...) O meu pai trabalhava de trator, (...) de semear o arroz e ficava com as mãos todas furadinhas. Depois tinha o adubo para semear. A mãe então fazia comida para o pai e nós iamos levar lá naquela lagoa. Só aquela poeirinha e aquele trator lá, trabalhando, e o pai sozinho. Nós botava um chapeuzinho na cabeça, umas tamanquinhas e ia. Nosso sapato era tamanca, né, e ia para lá, para o pai. Aí chegava lá, o pai sentava e ficava comendo. Ele comia e nós ficava lá, brincando, por lá e tudo e depois o pai dizia: - Vão minhas filhas, vão para casa. Vão para a casa da tua mãe. Voltem de novo. E ele continuava trabalhando, trabalhando, trabalhando. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7 pág. 2-4)

Mariar

Eu nasci numa cidadezinha lá do interior que eu nem me lembro direito o nome da cidade. (...) Lá a minha mãe parece que conheceu o meu pai lá e namoraram, casaram e ficaram morando por ali. E lá, depois de algum tempo... a situação lá não era muito boa eles mudaram de lugar para lugar, moraram em muitos lugares. Quando eu vim para P., eu vim com, mais ou menos, oito anos. Mais ou menos, eu me lembro quando a gente veio para cá, sofreu muito no início, (...), até se acostumarem com o clima, de trabalho, de moradia, de tudo, né, a gente sofreu um bocado. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 2)

Marisol

Eu nasci em África, em Luanda. Meu pai era filho de espanhóis, meu avô era engenheiro e depois foram para África e meu pai nasceu lá, mas meu pai veio depois para Portugal, para estudar. Esteve internado em um colégio de padres, até tirar o curso de engenheiro também. Depois foi para a África e ali como todos os colonos de antigamente... eu sou filha de uma pessoa negra e de um homem branco. Meu pai... pois naqueles tempos faziam filhos assim, ele que vivia com os pais também e era aquela empregada que foi da casa e era uma mulher, creio, uma rapariga de quinze anos, que era muito bonita e ele teve nove filhos. Nove filhos. Mas educou todos, tomou conta de todos e educou. (Marisol, 77 anos, Caderno de Entrevista 10, pág. 2)

Maribel

Vou começar pela minha infância que foi uma infância marcada pelo falecimento prematuro da minha mãe. Éramos três irmãos e de momento só somos dois. E ela faleceu com a doença que havia em Portugal que era tuberculose. Ela cuidou de uma irmã e contraiu a doença. Nós éramos todos pequenos, meu irmão tinha um ano e meio, eu tinha cinco anos e minha irmã, seis. Nós ficamos entregues a uma avó materna e

(...) não nos faltava um bocadinho do meu pai que era uma pessoa muito dedicada à família(...). Vivemos com o ordenado do meu pai que, na altura, a vida era mais econômica, as pessoas viviam todas em conjunto, era só o ordenado do meu pai, mas, graças a Deus, nunca passamos dificuldades. (Maribel, 77 anos, Caderno de Entrevista II, pág. 2)

Duas mulheres com histórias semelhantes, porém duas de histórias bem diferentes. Mariazinha e Mariar são brasileiras e gaúchas; Marisol e Maribel são portuguesas. As duas primeiras migrantes do campo, a terceira imigrante angolana e a última órfã de mãe. Marisol não entra em detalhes sobre sua mãe, referindo-se a ela somente nesse momento, como uma empregada da casa, com a qual o pai teve nove filhos. Maribel sente a dor da perda da mãe, morta por tuberculose, desde a afirmação: *foi infância marcada pelo falecimento prematuro de minha mãe*. Esses depoimentos são o início da conversa para essas quatro mulheres, ou seja, assim que liguei o gravador, essas foram suas escolhas para começar nossa conversa. Fica a pergunta: por que iniciar sua infância desde essas memórias?

Segundo Bergson (1999), o corpo, sendo sempre orientado para ação, tem por função essencial limitar, em vista da ação, a vida do espírito, selecionando as representações, nas quais ele é somente instrumento de seleção, não podendo engendrar nem ocasionar um estado intelectual. O corpo, pelo local que ocupa a todo instante no universo, marca as partes e os aspectos da matéria sobre os quais teríamos a ação e a percepção que medem nossa ação virtual sobre as coisas e limita-se aos objetos que influenciam nossos órgãos preparando a ação. Em relação à memória, o papel do corpo não é o de armazenar lembranças, mas de limitar-se a escolher e a trazer à consciência lembranças úteis ou aquela que complementar e esclarecerá a situação presente.

Já Platão e Aristóteles, ao discutir a memória, atribuíam-lhe o papel de base física da recordação como conservação ou movimento conservado e é, pois, da escolha consciente das quatro depoentes, esse início de conversa.

Mariazinha, morando no meio do mato, ressentindo-se da ausência paterna diz que *a gente nem sabia onde é que o pai trabalhava*, pois sendo

um trabalhador rural, passava dias fora de casa na faina da sementeira e *ficava com as mãos todas furadinhas. Depois tinha o adubo para semear.* Mais tarde, já maior, juntamente com a irmã, vai levar a comida ao pai e vê ao longe a poeira levantada pelo trator. Lembra-se das brincadeiras e da recomendação paterna para que voltassem para casa.

Três das minhas depoentes iniciam suas histórias pelo espaço que ocupavam: *a gente morava no meio do mato; eu nasci numa cidadezinha lá do interior; eu nasci em África, Luanda* e todas três migraram nas suas infâncias; uma escolhe a dor da perda, pois o espaço já estava dado, visto que ocupava naquele momento a sua cidade natal. Heidegger (2002), ao discutir a *espacialidade* da pre-sença, afirma que a pre-sença introjecta, no sentido literal, o espaço e só pode ser espacial como cura, ou seja, existindo de fato e na de-cadência.

A pre-sença enquanto está-no-mundo, ela é-no-mundo. Por isso é importante discutir os conceitos de ser e estar: enquanto o ser é pleno de movimento e vontade, o estar é influenciado pelas circunstâncias que lhe oferece o meio em que se está. Esta advertência nos é apontada por Kusch ao discutir o *dasein* heideggeriano. O ser-aí de Heidegger é o ser que está no mundo e nele se lança circundado pela mundanidade, ou seja, se é, sendo em algum lugar, logo se está no lugar. Kusch (2000) vai estabelecer o conceito de *mero-estar*, ou seja, o ser lançado no mundo (*yecto*) está em consonância com este lançar-se, portanto está no mundo desde as intervenções que o próprio mundo produz no seu ser.

Desde o ser, Heidegger (2002, p. 95) vai afirmar que, pelo fato do ser-no-mundo pertencer ontologicamente à pre-sença (*dasein*), o seu ser para o mundo é, essencialmente, **ocupação**. Ao ocupar-se a pre-sença (*dasein*) de-cai, onde de-cair não representa um fato negativo, mas trata-se de um termo remissivo à estrutura ontológica existencial, não sendo uma qualidade ou uma conotação moral, mas uma tranquilização da angústia do existir. *O ser-no-mundo da de-cadência é, em si mesmo, tanto tentador como tranquilizante* (HEIDEGGER, 2002, p. 239). Ser-no-mundo é ocupar-

se e o falatório abre para a pre-sença (dasein) o seu ser para o seu mundo, para os outros e para consigo mesmo. Diz ainda:

A espacialidade da presença também não deve ser interpretada como imperfeição que pesa sobre a existência devido a fatal “ligação do espírito ao corpo”. Ao contrário, somente porque a pre-sença é “espiritual” e somente por isso é que ela pode, de algum modo, ser espacial (HEIDEGGER, 2002, p.170. v.2)

Ora, retomando Kusch (2000), temos que estar-aí é uma manifestação do dasein (ser-aí) heideggeriano em que meramente se é, ou seja, o mero-estar no mundo.

Mariar, assim como Mariazinha, também é da zona periférica de uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul, mas enfatiza o fato de terem migrado para uma cidade maior, assim como o trabalho e o sofrimento que tiveram para se adaptar e viver no novo sítio. Já Marisol e Maribel apresentam o problema da mãe, uma por ser filha da empregada da casa, a outra pela prematuridade de sua perda.

As quatro mulheres escolheram essas lembranças para apresentarem-se. Todas mostram alguma forma de perda: a primeira, embora trate do passeio, das roupas para o passeio e das brincadeiras, vai falar do pai ausente. A segunda, das migrações que a família fez para poder sobreviver: a perda do lugar. A terceira, da diferença abismal entre o pai engenheiro, filho de engenheiros e da mãe, empregada doméstica na casa do próprio pai, e a última, da mãe que foi vítima da tuberculose. Cada uma dessas lembranças vai afetar a história que elas contam no seu decorrer. Tanto que Maribel afirma a seguir:

O meu pai entendeu que deveria refazer a vida dele, encontrou uma senhora e deu-nos uma segunda mãe, uma madrastra, que foi sensacional, sobretudo para o meu irmão que era o mais pequeno. E ela dedicou-se a ele mais do que a nós duas que éramos mais crescidas e um bocadinho mais rebeldes e não aceitávamos tão bem aquela pessoa que entrou de repente na nossa vida. Com o meu irmão era uma adoração como se fosse um filho. Ela estava ainda a ter filhos, mas não quis ter filhos, justamente para não haver conflito entre os filhos que ela pudesse vir a ter e nós. (Maribel, Caderno de Entrevista 11, pág. 2)

A madrasta *sensacional, sobretudo para o meu irmão*, o pequeno, ao qual a nova companheira do pai se apegou porque as maiores *mais crescidas e um bocadinho rebeldes* não a aceitavam. A doação dessa pessoa à nova família é tão grande, que resolve não ter os seus filhos para poder cuidar daqueles que o marido trouxe. Eis a conclusão de Maribel. Mas, mesmo assim, a primeira escolha nas suas memórias é a perda da mãe na tenra idade.

4.3 DAQUILO PARA O QUE A PESQUISA REMETE: A ESCOLA, A PRIMEIRA.

Quando perguntei às minhas entrevistadas pelas lembranças de escola, cada uma delas trouxe contribuições interessantes, mesmo aquelas que, num primeiro momento, não lembravam de suas vivências nos bancos escolares. Mariad contou-me o seguinte:

Se queixavam das professoras [o castigo]: eles isolavam a gente num canto. Hoje é tudo muito diferente. Ah, hoje é tudo muito diferente. Agora eram brabas [as professoras]! Eram brabas e tinha crianças que apanhavam, davam nas mãos com aquelas... [palmatórias] É! (risos) É, se a gente ficava conversando quando a professora falava, não faziam caso, mandava escrever no quadro e eles não faziam... apanhavam nas mãos. Muito pai reclamava. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevistas 4, pág.6)

No depoimento não se pode ter claro se ela chegou a sofrer o castigo ou não, mas a memória do castigo persiste. A escola do tempo de ontem não é mais modelo para o agora, embora Mariad ainda se ressinta do fato: *Hoje é tudo muito diferente. Ah, hoje é tudo muito diferente.* Independentemente do fato de se ressentir da diferença, percebe que havia queixa da forma como as professoras tratavam seus alunos.

Marialda e Mariazinha, que não cursaram a escola quando crianças, mas aprenderam as primeiras lições com os patrões, têm outra visão desse aprendizado:

...e esses familiares que ensinaram nós a ler, digamos assim, os filhos dos patrões. Eles que nos ensinaram a ler, eles que nos ensinaram a respeitar o ser humano, porque eles eram umas crianças estudadas, tudo, não é. Então eles que fizeram. E essa patroa que eu trabalhava, a filha dela era professora. Quando eu não estava trabalhando, ela me botava numa salinha e nós íamos estudar. Naquela época eu tinha quinze anos, já. Eu comecei a estudar com quinze anos, mas quando eu comecei a trabalhar eu tinha nove anos de idade. (Marialda, 71 anos, Cadernos de Entrevistas 5, pág. 3)

Eu estudava com a E., só que eu não gostava de contas, mas em português, essas coisas assim, eu avançava mais. E o M. não gostava de português, então o que fazia? O M. fazia as contas para mim, saía lá cozinha da mãe dela, porque era na casa da Dona N. que nós estudávamos. Aí o M. fazia as contas para mim e eu fazia o português do M. Escrevia tudo, fazia tudo e quando a Noemi chegava de lá...

- Daí? Já fizeram, já?

- Já!

- Ai que bom!

Ela não conhecia nem a minha letra, nem a letra do Mauro. (risos) e depois a gente dava risada. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 13)

Se Marialda apresenta um sentimento de gratidão pela presença dos patrões na sua vida (*Eles que nos ensinaram a ler, eles que nos ensinaram a respeitar o ser humano, porque eles eram umas crianças estudadas*) e em outras passagens do depoimento retorna a esse fato, para Mariazinha, a escola improvisada da patroa era uma brincadeira. Trocando de caderno com o menino, filho dos patrões, realizavam as tarefas que lhe eram fáceis e enganavam a “professora” e riam de suas travessuras.

Do imprevisto da casa dos patrões, Mariazinha vai pela primeira vez à instituição escola já com seus dez anos. Guarda de importante desse fato a seguinte história:

Eu tinha uns dez anos quando eu fui para o colégio e a minha irmã doze. (...) nós ia para o colégio, aqueles dias gelados, frios, nós ia de pé descalço, para não cair das tamancas, para não molhar as tamancas e levava um paninho. Quando chegava na frente do colégio, assim, nós pegava e limpava os pé e botava as tamancas, o paninho a gente dobrava e botava não sei aonde, mas a gente trazia para casa o paninho de novo. Assim que nós fazia, eu e a minha irmã. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista, pág. 6)

Mariazinha não conta dos cadernos, da professora ou dos colegas, mas sim do fato de ir de pés descalços até a escola e na porta limpar os pés para pôr os tamancos e se mostrar apresentável ao grupo com o qual interagiria. Pergunto-me: essa preocupação vai desde a sociabilidade ou da socialidade?

Recorro a Michel Maffesoli (1999) que, ao tratar desse tema, começa por estabelecer a diferença entre *sociabilidade*, que diz respeito à polidez, aos rituais, à civilidade, às vizinhanças, ou seja, a forma como lidamos no dia-a-dia com os nossos semelhantes nos aglomerados humanos em que vivemos; a *socialidade* é mais complexa e se refere a uma memória coletiva, simbólica e do imaginário social. Ora, Mariazinha estava frequentando pela primeira vez a Escola e esta instituição sempre é parte e componente do imaginário social e da memória que se diz coletiva, comprovado nas conversas que mantive: cada uma das minhas entrevistadas, mesmo que não fosse uma entrevista para falar sobre esse assunto, em algum momento trazia à baila a palavra Escola.

Maffesoli continua na sua análise da socialidade a partir daquilo que a epiderme mostra – a roupa – e não hesita em afirmar que *as roupas são “máquinas de comunicar”*. Posso, nesse momento, enquanto professora e componente da instituição Escola, dar meu depoimento na relação que há entre aqueles que frequentam esse ambiente e a forma como se dá a apresentação desde a vestimenta: enquanto professora do Centro Municipal dos Trabalhadores Paulo Freire, mantínhamos um convênio com a Escola Municipal Porto Alegre. Esta atendia a meninos e meninas moradores de rua que, após terem assimilado o ambiente escolar e suas regras de convivência e estarem alfabetizados, eram-nos encaminhados para que completassem seus estudo fundamental.

Os meninos e meninas, para frequentarem a escola, tanto a nossa quanto a Porto Alegre, tinham roupas limpas e apresentáveis que

ficavam guardadas nos armários da própria instituição. Quando chegavam ao ambiente escolar, tomavam banho, trocavam as vestimentas e assistiam às aulas. No final do período, voltavam a vestir as roupas usuais para irem embora.

Quando, finalmente, começavam a frequentar nossa instituição, em poucos meses, os meninos e meninas desistiam e, voltando para a Escola Municipal Porto Alegre, queixavam-se de que o “CMET era uma escola para *mauricinhos*³⁰”, e isso baseado na forma como nossos estudantes se vestiam. Ora, o CMET Paulo Freire é uma escola municipal, gratuita e para pessoas de baixa renda e seus alunos não são, de modo algum, pessoas de posse, os *mauricinhos* apregoados pelos meninos e pelas meninas moradores de rua. As *máquinas de comunicar* entraram em ação, levando a garotada a ir embora do ambiente no qual, aparentemente, não eram bem vindos, desde a forma como se vestiam.

Mariazinha, após ser alfabetizada na casa dos patrões, retorna aos bancos escolares da seguinte forma:

Tinha aqueles colégios de noite que o Brizola botou aquelas escolinhas e em A. tinha um colégio que agora eu não me lembro o nome. (...). Era dos fazendeiros. Aquilo ali era coisa deles, né? Era muito bom o colégio, era bem grande. Aos quinze anos eu não estudava, estava em casa... mas já sabia ler, muito pouco, mas sabia. Quando apareceu aquele colégio de noite, que eu não me lembro o nome que eles davam assim, pro colégio, que davam aula de noite pros grandes, para as pessoas grandes. Então eu comecei a estudar de noite no colégio. (Mariazinha, 82 anos Caderno de Entrevista 6, pág. 17)

É nessa época que vai conhecer seu futuro marido. Após o falecimento deste, novamente retorna, agora num projeto de alfabetização patrocinado pela ex-vereadora Clênia Maranhão.

³⁰ Segundo a Wikipédia, o termo tem o seguinte significado: *Os termos betinho, queque (português europeu) ou mauricinho (português brasileiro), almofadinha, engomadinho são gírias que remetem a um homem, normalmente jovem, que é bem-posicionado financeiramente (isto é, pode ser rico, mas não o é necessariamente) e é considerado exageradamente "arrumado" pela forma combinada de se vestir, com o objetivo de chamar a atenção em lugares como festas e casas noturnas. Os mauricinhos também são considerados como uma tribo urbana.*

Eu entrei para o colégio da Clênia Maranhão, aquela que foi vereadora, né. Fiquemo lá, acho que uns quatro anos, eu e outras amigas que tinha lá, né, e eu era sempre a mais adiantada que as outras e aprendi bastante coisas. A gente estudava de manhã e na Clênia Maranhão era bom também, porque a gente ganhava uma sacola de comida também, por mês. Todas nós ganhava. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 32)

Esse projeto termina e Mariazinha corre atrás do seu sonho: ser enfermeira, porém não tendo êxito termina por optar em estar no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire onde a encontro para ouvir dela a seguinte afirmação:

Eu sou uma, como se diz, uma eletrola, especialmente do passado, não é, do passado a gente não esquece nunca, professora, não esquece nunca! É uma coisa muito interessante. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 2)

O passado a gente nunca esquece. Por quê? – pergunto eu. Esse passado que nunca esquecemos é real ou é uma construção coletiva, baseada na recordação das pessoas que viveram o momento?

Muito se tem escrito sobre a memória. Filósofos e cientistas debatem-se na sua procura e, talvez por isso, Ramachandran vem afirmar que

A memória tem sido legitimamente chamada de o Santo Graal da neurociência. Embora tenham sido descrito muitos tratados volumosos sobre este tópico, na verdade pouco sabemos a respeito (RAMACHANDRAN, 2004: 193).

É dele a afirmativa de que a maioria dos trabalhos realizados sobre a memória situa-se em duas categorias: a que trabalha as questões entre sinapses e cascatas químicas dentro das células nervosas, buscando o rastro da memória, e a outra em pacientes que tiveram o hipocampo removido cirurgicamente e que não são mais capazes de criar novas memórias após a cirurgia. Os estudos com estes últimos pacientes deram algumas visões de como os novos traços de memória são formados, mas são falhos em explorar seus aspectos

narrativos e construtivos. Santo Graal ou não da neurociência, minhas entrevistadas têm recordações muito vívidas do seu viver criança, adolescentes ou adultas e, entre os vários depoimentos, Marian conta-me o seguinte:

Eu lecionei em escola de irmãs, de freiras, como professora de educação física, (...). Menina, era um sacrifício, porque, lógico, nós usávamos aqui um... como se diz? ...um calçãozinho... e as irmãs não queriam, não é? Então as coitadas das gurias saíam com um calção até aqui não é? E aí eu saía com elas... Às vezes não dava [para dar aula] no pátio, não é? Então, nós saíamos para fora, para dar [aula] no campo, então aí elas... todo mundo erguia... (risos). Todo mundo puxava o calçãozinho para cima. Então quando chegava perto do colégio, elas baixavam todas, porque as irmãs não queriam (risos). Elas não deixavam: o calção tinha de ser pelo joelho para a educação física. E as gurias... e eu... elas não reclamavam de mim, não. O meu já era por aqui, não é? Não era tão, como agora. Eu já tirei o curso de Educação Física com o calção por aqui, não é? Não era por aqui como agora. Agora é demais. O nosso era pela metade da perna. A mim elas respeitavam, não falavam nada, mas as alunas não. E as coitadas viam o meu e queriam fazer igual. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 8)

Neste caso é no prosaico ou no fútil, no uso dos calções, que Marian gravou suas memórias. Talvez pelo fato de ser diferente, usar algo que era proibido e ser imitada pelas alunas ou talvez pelo fato de sentir-se subjugada pela proibição no trato do próprio corpo, as memórias-imagens vem à tona. Vindo de um mundo – o espaço do culto ao corpo –, a Faculdade de Educação Física aprendeu a não se envergonhar dele e, tendo isso, mais à vontade das adolescentes de mostrar, exhibir as suas formas que as fazem, contra a vontade de suas preceptoras, puxar o *calçãozinho para cima. Então quando chegava perto do colégio, elas baixavam todas, porque as irmãs não queriam.* As “máquinas” comunicar (MAFFESOLI 1999: 149), as roupas, desde sempre, comunicam e criam uma estética de grupo, de aceitação ou de rejeição na forma com a qual se apresentam, naquilo que, segundo o autor, *há uma erótica dos corpos, isto é, eles, na perspectiva de uma estética generalizada, são fatores de união, criam comunidade e, no caso contado por Marian, também criaram cumplicidade, um fator de coesão grupal.*

Ao buscar o conceito de memória para poder discutir cada um dos depoimentos, cito Pinker (2002:81) que afirma que *a memória é como um quadro de avisos no qual se colocam os comunicados*. Cada comunicado que está no quadro de avisos tem, por sua vez, uma ligação com aquilo que Ramachandran (2004: 289) vai chamar de *qualia*. Os *qualias* seriam as impressões cruas e toscas de sensações subjetivas. É através dos *qualias*, conectados à mente, e a memória, conectada ao cérebro, que se coloca uma ponte sobre aquilo que pensou ser um fosso, ou seja, a capacidade de uma percepção pura e simples e o que está gravado nas sinapses químicas do tecido nervoso.

Se a memória é um *quadro de avisos*, o ambiente no qual vivemos é o local privilegiado no guardar esses avisos. Depreende-se disso que as pessoas idosas estabelecem a memória desde o espaço em que vivem mais do que qualquer um mais jovem. Faço essa afirmação substanciada na minha própria experiência de pessoa que envelhece e que observa como os outros de mesma idade ou maiores agem para manterem e reterem informações que necessitam da memória de curto prazo. Lehr & Thomaе (2003) me dão sustentação teórica quando afirmam que a idade de um indivíduo não repercute diretamente sobre o rendimento da memória, mas sim sobre as suas convenções e que os velhos praticam estratégias externas para auxiliar a memória de curto prazo com mais eficiência que os jovens:

...tales ayudas externas consisten en colocar objetos en lugares bien visibles y en las marcas en calendarios de pared o de mesa y en hacer anotaciones en papeles. Esto sucede especialmente en la conducta cotidiana. En las investigaciones de laboratorio, las personas de mayor edad no utilizan espontaneamente estrategia, aunque a veces éstas llega incluso a mencionarse como lícitas en las instrucciones que se dan. (LEHR & THOMAE, 2003, pág. 148)

A ocupação do espaço com signos de suporte à memória faz com que os idosos se tornem pessoas de hábitos. Lembrar a cada momento

onde colocou os óculos ou as chaves faz com que, a cada vez que as guarde, o faça de forma rigidamente metódica, em um mesmo lugar. Os hábitos, então, são uma das características da velhice, pois

O velho, mais que qualquer outro, atribui valor à poesia do hábito: confundindo passado, presente e futuro, aquela o subtrai ao tempo, que é seu inimigo, e lhe confere aquela eternidade que ele não encontra mais no instante. (...) O velho teme a mudança porque, temendo não saber mais adaptar-se ao futuro, não vê nele uma abertura, mas apenas uma ruptura com o passado (BEAUVOIR 1990, pág. 574).

Marian quando fala sobre memória tem duas colocações. A primeira delas é referente ao guardar:

Não guarda, não conserva, a juventude não tem noção de nada... como nós fazíamos: guardávamos tudo, tenho retratos, retratos, retratos...então é uma maravilha... a gente recorda. A gente começa a recordar. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 3, pág. 5)

A segunda refere-se aos exercícios que faz para que a memória não lhe traia:

Eu sei que eu fiz muita palavra cruzada. Mas como eu fiz muita palavra cruzada, que desenvolve muito mesmo, mas muito mesmo. Que te obriga a pensar, não é? A pesquisar também, não é? Eu acho maravilhoso. Eu deixei de fazer palavras cruzadas depois que comecei com o computador em casa, acabei deixando, mas eu gostava muito das palavras cruzadas. Agora eu sempre desenvolvi... eu nunca parei de trabalhar com a cabeça, e isto é muito bom. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 14)

Marian tem claro que exercitar a memória desde as palavras cruzadas e da aprendizagem da tecnologia é uma forma de mantê-la ativa e reafirma o guardar suas anotações, diários, papéis, fotografias (e esta prática ficou evidenciada com o volume de documentos que me apresentou no processo das entrevistas), criticando os jovens que já não guardam nada. Porém Marialda não concorda com isso, pois quando o filho, ao olhar as antigas fotos de seu casamento, corta-as em pedaços e queima-as, como forma de exorcizar a memória do pai, não se comove e ainda justifica a ação do filho:

...tinha fotos do casamento, cheia de coisas, té, té, té. Sabe o quê que meu filho fez? Depois que já era grande? Um dia eu estava olhando assim:
Mas mãe, este aqui que é o T.?
É meu filho, é sim.
Tu vais querer isso mãe?
Olha E., prá mim não.
Ele foi lá e tique, tique, tique, tirou para um lado e tique, tique, tique. O que tu estás fazendo? Pegou aquelas... me lembro tão bem!!! Pegou aquelas fotos e botou fogo nelas! (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 41)

Se uma delas guarda cada retrato, convite, notas, souvenirs, papéis, etc. porque deles vêm a memória boa de ser lembrada, a outra prefere esquecer e deixar para trás o que passou. Porém estava gravado, tão gravado que Marialda, ao justificar a ação do filho, contou:

Teve uma coisa, uma coisa muito ruim que ele fez para o guri: a guriazinha estava chorando e eu estava arrumando ela no bercinho, ajeitando e ela chorando e ele começou a chorar. O gurizinho. Ele ficava muito angustiado de ver ela chorar, e ele pegou assim e deu uma bofetada no guri. Ele ficou com a marca na cara da... eu me lembro que ele era pequeno e ele também... a minha saída mais rápida foi essa... de largar ele. "Se tu não mandar o Tadeu embora, eu vou fugir de ti". O pequenininho disse isso. e ele estava recém aprendendo a falar. Nunca esqueci. Aquele toco, desse tamanhozinho assim. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 41)

Para que, então, guardar as recordações concretas desse tempo, se elas estão na memória?

Damásio (2000) afirma que a formação da memória pelo cérebro é bastante distribuída. Quando temos a memória de um objeto, por exemplo, uma caneta, essa memória não foi evocada de um único lugar no cérebro, mas de variados locais que podem responder pela imagem da caneta, pela sua utilidade, pelos movimentos necessários à sua manipulação, das diversas palavras que podem designar o objeto, o resultado da ação do objeto. Dessa forma, ao ouvirmos a palavra caneta, podemos fazer uma representação oral bem próxima daquilo que o objeto é.

Se todas as conexões cerebrais nos fazem saber o que é um objeto desde a palavra que se refere ao objeto, possivelmente Marian e

Marialda ao olharem as fotografias revivam cada momento, nas sensações boas e ruins que elas lhe evocam. Para uma é imprescindível guardar. Para outra, basta aquilo que a memória dos fatos traz à consciência.

4.4 DAQUILO QUE REMETE À SUBSISTÊNCIA: O PRIMEIRO EMPREGO.

Sendo uma tese sobre memórias de Escola e suas relações com o viver, era natural que após a localização temporal e espacial, minhas entrevistadas falassem sobre ela, mas, em algumas das conversas, antes mesmo da escola, estava o subsistir, aquilo que Heidegger (2002) vai chamar de de-cadência, ou seja, a distração na subsistência.

Das minhas doze entrevistadas, quatro – Marialda, Mariazinha, Mariar e Mariland (esta não logrei gravar a entrevista e, portanto, não será analisada) – começaram a trabalhar muito cedo, crianças ainda.

A primeira delas, Mariazinha, foi a das mais novas a ser integrada no sistema de trabalho. Após retornar da casa do tio onde estava morando quando da doença do pai, foi requisitada para trabalhar, cuidando de uma menina quase da sua idade, pois tinha na época menos de dez anos:

... e ela foi lá e tinha uma menina lá, filha da mulher, e ela: ah, vou pegar essa negrinha, dizia assim, vou pegar essa negrinha prá brincar com fulana isso e aquele outro. Ah, meu coração ficou assim, eu tentei até me esconder. Ai fui! Fui para lá e pensava: por que que a minha irmã não vai? É só eu que tenho que ir para as casas. Por que a minha irmã, não? Mas a minha irmã chegava a ser torta de tanto cuidar dos outros pequenos, porque nós éramos quatorze filhos! Fui para lá, mas não fiquei muito tempo, não me dei. Não suportei. A guria fazia cocô por tudo quanto é lado e eu é que tinha que limpar. Eu não fazia aquilo, em casa eu não fazia. Eu era pequena, a minha irmã é que fazia. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág.9)

Trabalho duro. Mesmo que, na época, achassem que uma criança pudesse cuidar de outra, afinal era só *brincar*, de longe passava da brincadeira, pois a escolhida para isso não só brincava, também cuidava da segurança, da higiene, da educação... A educação remete-me à minha infância também: quando criança, penso que estava com aproximadamente oito anos, fui convidada, juntamente com meu irmão, para almoçar na casa do dono da loja na qual meu pai trabalhava.

O patrão do meu pai tinha três filhos, sendo que o mais velho regulava de idade comigo e o mais novo deveria ser uns quatro anos mais jovem. Após o almoço, fomos para o pátio e ali, como em quase todos os pátios de Bagé na época, havia uma parreira. Deveria ser primavera, pois lembro que as bagas estavam verdes e duras e isso foi aproveitado pelos meninos que passaram a fazer uma “guerra” com elas, jogando-as. Esses meninos tinham uma babá que, pela minha lembrança, regulava de idade comigo. No início da brincadeira, eu e meu irmão nos colocamos à parte, pois sabíamos que não se arrancavam as uvas verdes, mas, ao observar a babá brincando junto, passamos a participar do jogo até a chegada da mãe dos meninos que, ao ver o que estava acontecendo, imediatamente agarrou a babá pelos cabelos e brindou-a com duas sonoras bofetadas no rosto. Jamais esqueci esse fato, primeiro pela brutalidade da ação e, segundo, porque a menina não havia começado a brincadeira e sim os garotos que assistiram à punição e não se manifestaram em defesa da babá.

Duas ações possivelmente fizeram com que essa memória fosse gravada: a brutalidade da mãe dos meninos e o fato de eles não terem defendido a menina. Segundo Bear (2010), as memórias são classificadas em memórias de longo prazo – aquelas que se pode recordar dias, meses ou anos após o evento; as memórias de curto prazo – as que duram segundos a horas e são sujeitas a perturbações, como, por exemplo, o que se almoçou no dia anterior, e as memórias de trabalho, que é uma forma temporária de armazenamento da

informação de capacidade limitada e que exige repetição e ensaio para ser conservada mesmo por pouco tempo, como quando ficamos repetindo o número de um telefone recém ouvido até usá-lo.

Os estudos neuronais da memória estão muito associados às questões da aprendizagem, mas tem-se claro que as memórias de longo prazo são profundamente influenciadas pela *amígdala* (BEAR, 2010; DAMÁSIO, 2000; DAMÁSIO, 2004; HERCULANO, 2002; HERCULANO, 2005; PINKER, 2004), que está relacionada ao medo e à agressividade. Memórias associadas ao medo podem ser formadas rapidamente e duram por longo tempo e, embora não se acredite que a amígdala seja a localização primária para o armazenamento da memória, ela parece estar envolvida na formação das memórias de eventos emocionais.

Posso agora, distante temporalmente do fato ocorrido, ter certeza de que a primeira emoção, após a euforia da brincadeira, foi o pavor de ver a senhora adentrando ao pátio, perguntando quem havia feito a atrocidade de destruir as uvas ainda verdes e, imediatamente, castigar a babá. Tive medo de ser castigada também, pois havia participado da brincadeira, e isso gravou a memória de tal forma que jamais ousei tocar em uvas verdes daí por diante. Para além do medo, a aprendizagem aconteceu.

Minhas entrevistadas não contam nada parecido, somente Mariazinha que disse, algumas vezes, ficar *emburrada* e não querer comer. Ao contrário, as lembranças dos cuidados que elas prodigaram aos rebentos são sempre carinhosas:

Eu cuidava de dois meninos gêmeos. Eu tinha nove e eles tinham oito. Quase a mesma idade. A gente se dava muito bem, mas depois eles foram crescendo, crescendo e foram ficando muito malcriados. Aí os pais internaram. Foi. Eles foram internados prá fora. Não sei aonde. Eu sei que foram internados. Naquela época a gente não entendia, mas eu acho que seria assim, Rio de Janeiro, uma coisa assim. (Marialda, 71 anos, Cadernos de Entrevistas 5, pág. 3)

Foram ficando malcriados e os pais internaram. Até onde eu sei, o patrão do meu pai jamais internou os filhos nem nós voltamos mais a almoçar com eles, tal o medo que ficamos do que vimos, mas o que teria levado os pais dessas crianças que Marialda cuidava a interná-los? Nem ela tem a resposta, tal a distância temporal do acontecimento. Lembra que eram gêmeos, quase da idade dela, que eram malcriados e que foram internados.

Em famílias pobres e numerosas, essa modalidade, de “dar a criança” para ser criada em outra família de melhores posses foi uma prática comum que cheguei a acompanhar na minha infância. Tínhamos como vizinha uma parteira e, além desta, minha tia, que também morava nos arredores, costumava fazer esse ofício. Durante o período que antecipava o parto, as mulheres que moravam na zona rural, costumavam hospedar-se na casa da parteira e por ali ficavam algo em torno de dez dias. Se a parturiente não tinha condições de manter mais um rebento, a notícia se espalhava no bairro, e as vizinhas comentavam a possibilidade de adotar o bebê, como cria da casa, sabendo que, em troca dessa criação, a criança deveria ter direito ao abrigo, às roupas, à comida e à escola. Vale lembrar aqui o exemplo de Mariar que, ao ser procurada para curar a tosse de um bebê, acabou por adotá-lo.

Outras vezes, acontecia de mulheres da zona rural oferecerem os filhos já em idade escolar às famílias para que eles pudessem frequentar a escola. No processo de troca, a família alimentava, vestia e abrigava, mas trocava o favor por trabalho doméstico. Entre os mais leves estava cuidar das outras crianças. Havia ainda a possibilidade de as famílias de posse irem até as casas menos favorecidas em busca de meninas para esse trabalho. Mariazinha contou-nos exatamente isso, o que também vi acontecer na minha infância.

A ideia de que mulheres (ou meninas) são potencialmente boas cuidadoras de crianças é criticada por Meyer (2007), pois, mesmo nos dias

de hoje, é comum ver-se uma ampla maioria de mulheres que executa esse trabalho e, segundo a autora

...a ideia ainda acionada em determinadas políticas de capacitação profissional direcionada para populações de baixa renda, de que ser mulher é o requisito mais importante para ser uma competente cuidadora de criança pequenas (MEYER in LOURO, 2007 pág. 19).

Mariar começou a cuidar de criança um pouco mais tarde, já com seus doze anos, porém não agradava ficar a brincar de bonecas. Ela queria uma vida de adulta.

Eu comecei a trabalhar com doze anos, ela me colocou numa casa de uma senhora, só para cuidar de uma menina. Só para brincar com a menina. Aí quando eu completei quatorze anos eu não queria mais brincar, eu queria outro serviço. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 5)

Mariana já começou a trabalhar mais tarde. Sendo trazida pela tia do interior aos 14 anos, primeiro ficou ajudando-a, depois passou a trabalhar numa casa de família, mas conta como emprego mesmo o que arrumou numa lavanderia:

Nós era nas máquinas, mas quem tinha estudo era empacotar, tomar nota, receber entrega, tudo isso. E nós, quem não tinha estudo, ia para as máquinas. Mas não é máquina de passar... é, mas é de quatro, bem grande como tem na... não é de bater, a gente segura nas pontas o lençol, em quatro, duas de um lado e duas de outro e sai bem passadinho.

R - como um rolo?

É. E fica bem passadinho. E ali tinha quatro, porque duas de cada lado e duas para dobrar, porque era roupa de hotel, roupa de gente que tem elite, elite social tudo, então ali eu trabalhei quatro anos. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevistas 6, pág. 2)

Aqui Mariana começou a sentir a diferença do trabalho para quem tinha e quem não tinha estudo: quem sabia ler e escrever podia fazer entregas, recibos até pacote. Quem não, tal como ela, era o trabalho nas máquinas.

É interessante observar aqui que não perguntei a qualquer uma das informantes sobre suas experiências enquanto trabalhadoras, mas essas

experiências aparecem como fundamento nas histórias de vida. São partes inquestionáveis da construção do ser que se lança e que, na manutenção da sua própria autopoiese na sociedade complexa em que vivem, veem-se no papel de produtoras de serviços, seja no cuidado de crianças quase tão crianças quanto elas ou, numa fase mais adulta, no trabalho nas máquinas de uma lavanderia. As memórias desses tempos afluíram sem qualquer provocação pela entrevistadora.

4.5 DO MOVIMENTO ESPACIAL: AS MIGRAÇÕES

Todas minhas entrevistadas migraram em algum momento de suas vidas: entre as brasileiras, há as que nasceram no meio rural, e as que nasceram em cidades do interior, mas todas vieram para a capital em algum momento; entre as portuguesas, uma mudou de país e acabou voltando para Portugal, e as outras duas migraram da região norte para o sul, o Algarve, onde as conheci. É interessante buscar na bibliografia a tendência humana ao deslocamento, à diáspora.

Morin (1987) traduz o Ancestral humano no *rebelde das florestas e mutante das savanas* ao explicar o processo de hominização, quando explica o êxodo dos antropoides da *selva protetora e nutritiva pela savana agressiva e cruel*, a qual vai dar as condições de plena utilização das aptidões bípedes, bímanas e cerebrais a partir dos perigos que acarreta. É desse modo que pequenos grupos, talvez de uma mesma origem, se espalhem indo diferenciar-se geneticamente ao longo do decurso de centenas de milhares de anos. Diz o autor:

...foi o novo sistema, a savana, que desencadeou a dialética (fenomenal e genética) pé-mão-cérebro, mãe da técnica e de todos os desenvolvimentos. Em seguida, favoreceu toda a ampliação das qualidades e aptidões do caçador-caçado, criando (...) as condições (...) [para] o homínido com o cérebro mais evoluído (MORIN, 1987 pág. 60).

A evolução e a separação dos hominídeos dos antropoides fizeram-se no trilhar os caminhos da savana, andando e andando sempre, até o momento em que se torna gregário com a agricultura e a pecuária. Mas a pulsão nômade, aquela que levou à evolução, ainda é uma característica marcante do *Homo sapiens demens* (MORIN, 1987).

Maffesoli, numa intrigante análise do nomadismo, discorre sobre as grandes diásporas humanas ao longo do tempo, chegando à conclusão que

O nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de “pulsão migratória” incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade (MAFFESOLI, 2001c pág. 51).

Indo além, afirma que um *corpo social, qualquer que seja, guarda memória de sua errância original* (MAFFESOLI, 1997 pág. 53).

É possível que, para além das necessidades econômicas ou da “pulsão migratória”, haja um fundamento do estar-com no desejo da mudança. Mariar conta-me com vem para a grande cidade:

Eu vim para Porto Alegre, deixa eu ver... eu vim para Porto Alegre em oitenta e um. A gente veio para morar e ficar. Se conseguisse trabalho... eu já vim para trabalhar, porque as minhas irmãs moravam tudo aqui, né, e eu consegui serviço, trabalhar numa escola. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 14)

À semelhança de Mariar e incitada pelas irmãs que aqui moravam, minha mãe fez exatamente a mesma coisa: dois anos após ficar viúva, migra para Porto Alegre em busca de uma vida melhor, eu e meu irmão de arrasto, no esteio do momento do período da vida no país em que o êxodo rural, a migração em massa para as grandes cidades, era a saída da empobrecida região do interior que, em outros tempos, fora o esteio econômico da mesma região.

Buscando entender os meandros que poderiam ter levado a inversão dessa característica, apoio-me em Ribeiro (2006) que, ao buscar a origem dos gaúchos brasileiros, afirma que estes surgem da transfiguração étnica das populações mestiças de espanhóis e portugueses com os nativos guarani. Esta população especializa-se em explorar o gado, alçado e selvagem, originalmente trazido pelos jesuítas e que, na época, se multiplicava nas pradarias rio-grandenses.

Desse modo, a matriz gaúcha brasileira tem três fatores de formação: a existência do rebanho selvagem em terras sem dono, a especialização mercantil de sua exploração e a europeização de uma parcela mestiça do contingente populacional que carecia de artigos de importação e mantinha um intercâmbio de couro por manufaturas.

Esse gaúcho, identificado pela cultura comum (atividades pastoris, unidade da língua, costumes e usos, tais como o chimarrão, o tabaco, a rede de dormir, a vestimenta peculiar caracterizada pelo chiripá e pelo poncho, as boleadeiras, os laços e rodeios, o consumo do sal como tempero, a aguardente e o sabão, entre outros), no início da colonização, não se identificava com espanhóis ou portugueses formando uma etnia à parte, é “aquereciado” nas propriedades rurais, as estâncias (que mais tarde se formam), como mão de obra e milícia.

As constantes disputas pela terra e pelo gado levam o estancieiro a tornar-se uma espécie de caudilho, e a relação com os seu peões, os gaúchos, é quase de igual para igual. No entanto, com a demarcação das fronteiras, o aquereciamento do gado nas estâncias e a exploração da carne nas charqueadas fazem do pastoreio um negócio racional, introduzindo um ritmo intenso e regulado por horários e obrigações rígidas, não mais coadunando com trabalho do gaúcho campeiro. É nessa época que começa a chegada do escravo africano para o trabalho de *gastar gente* (RIBEIRO, 2006).

No entanto, o ritmo industrial estabelecido pelo manejo da carne no fabrico do charque vai determinar que o estancieiro deixe de ser o caudilho para ser o patrão, o que leva ao distanciamento entre o papéis do gaúcho antigo – campeiro do gado em terra de ninguém, para o novo gaúcho – peão, empregado que cuida do gado e das terras de alguém.

Com a pacificação das fronteiras e a demarcação das terras com os aramados, ainda é possível ver o garbo do gaúcho, mas, segundo Ribeiro,

O gaúcho montado em cavalos briosos, de bombacha e botas, de sombreiro com barbicacho, de pala vistoso, revólver, adaga e dinheiro metido na guaiaca, de boleadeiras enroladas na cintura, lenço ao pescoço, faixa na cintura em cima dos rins, esporas chilena, etc. ou é o patrão fantasiado de campeiro ou é integrante de algum clube urbano de folcloristas. O rancho do estancieiro se faz casa confortável; o galpão mesmo, como orgulho da estância, cobre-se de telhas e se enriquece de ganchos para pendurar arreios. Só a palhoça do gaúcho permanece tal qual era e, dentro dela, a vida cada vez mais miserável (RIBEIRO, 2006, pág. 381).

O contingente populacional que não é utilizado enquanto peão da estância transforma-se em reserva de mão de obra e trabalha de *changa*³¹ ou biscate na construção dos aramados ou nas tosquiadas. O *gaúcho-a-pé* (RIBEIRO, 2006, pág. 383) passa a morar nos intermeios entre as grandes extensões territoriais, os *corredores* e, na sua maior parte, fazem-se lavradores de terrenos alheios, pagando ao proprietário a meia ou a terça das colheitas, além de sua lealdade política e pessoal.

Marialda conta na sua história exatamente o que ocorre em determinado tempo com esse gaúcho empobrecido, aquele que morava no rancho ou nos corredores entre as estâncias ou na própria localidade por caridade do patrão: a propriedade, ao ser vendida, nem sempre

³¹ Segundo Ferreira (1948) *changa* tem o significado de carroto, lucro ou gorjeta. Quando criança, conheci o termo enquanto pequenos trabalhos realizados por pessoas não qualificadas profissionalmente, tais como cavar buracos, transportar objetos (aqui no sentido dado por Ferreira), auxiliar na construção de casas, buscar materiais, etc. Dizia-se do trabalhador não qualificado que *vivia de changa*.

continha o seu contingente de trabalhadores. Quando, aos quinze anos, consegue trabalhar como doméstica e, junto com os irmãos, vai socorrer os pais que se veem despejados da fazenda em que moravam e trabalhavam:

Bom, resultado, nós juntamos tudo que foi trocado, e meu pai tinha assim umas vaquinhas que ele tinha ganhado e a família aquela, morreram tudo, então só ficou um filho e o filho disse assim: “José, tu queres ir para a cidade, tu vais, porque eu vou vender isto aqui também e vocês vão ficar sem nada.” Aí ele deu um bom dinheiro para o meu pai e nós, como juntávamos daqui também, nós pegamos e viemos para Porto Alegre. Aí nós fomos buscar nossos pais. Aí nós resgatamos os nossos pais e fomos morar ali na vila Maria da Conceição que até hoje existe, né, então nós viemos morar ali. Compramos uma casinha ali e fomos morando. Ali a gente foi vivendo, ali a gente foi crescendo... (Marialda, 71 anos, Cadernos de Entrevistas 5, pág. 3)

Mariazinha, por sua vez, após percorrer as estradas até A., cidade do interior do Rio Grande do Sul, migrou para Porto Alegre depois de estar viúva. É assim que ela me contou dessa decisão:

Eu fiquei três anos lá em A., trabalhando sempre em casa de família e depois eu vim embora para cá com todos os filhos juntos. Eu botei eles sentados juntos: “vem cá sentar com a mãe que nós vamos conversar. Olha, nós vamos para Porto Alegre, melhorar, dar mais estudos para vocês e eu trabalhar e ganhar um pouco mais. Só digo uma coisa pra vocês: vocês façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço.” (risos). “Mas o que tu vais fazer lá, mãe?” “Ah, não sei, vou pensar”. (risos). (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 28)

A circulação do sentimento (...) é o aspecto mais visível da errância (MAFESSOLI, 1997 pág. 53), demonstrado aqui no resgate familiar, para além do “instinto” nômade que leva à mudança e, como a maioria dos migrantes de sua época, Marialda vai morar na Vila Maria da Conceição. Posteriormente, os migrantes passaram a ocupar zonas de maior risco, incluindo as beiras de avenidas movimentadas da cidade ou mesmos as marquises das casas, os espaços sob os viadutos, sem contar os prosaicos bancos das praças. Eles são os *estranhos*, os *consumidores falhos*.

Bauman (1998 pág. 27), ao criar o conceito de *consumidores falhos*, faz a seguinte afirmação:

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo em que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza que, por sua vez, dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos.

Os *estranhos* ocuparam e ocupam muitos dos territórios das cidades descritos acima, mas, por um bom tempo, o qual vivi, eles acorreram às capitais para fugir da pobreza do campo, tendo em vista as políticas públicas para aquela área. Hoje, embora muitos deles e suas descendências ainda percorram as ruas da capital, o fluxo foi diminuído devido à sua própria organização em movimentos que levaram ao rumo de alterações nas políticas da terra. Ê deles, aqueles que aqui chegaram oriundos do “pampa pobre”, que Mário Barbará vai cantar nos seguintes versos:

*Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,
Carregam lixo, vendem revistas, juntam baganas
E são pingentes das avenidas da capital
Eles se escondem pelos botecos entre cortiços
E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias
E então são tragos, muitos estragos, por toda a noite
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho
Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade
Viram copos viram mundos, mas o que foi nunca mais
será.*

Se o que *vale é o sonho*, todas nós, eu e minhas entrevistadas ousamos sonhar. Saímos, em algum momento do nosso rincão e cá estamos. Se elas voltam à escola para aprender a escrever, eu, por meu turno, escrevo esta tese.

5 MUNDANIDADE OU DAS FORÇAS EMERGENTES DO VIVER



*Não te enganes no caminho
Não quero que andes perdido
Chama por mim de mansinho
Não precisas vir escondido*

*Mesmo que a veja espreitar
Escondida por entre o arvoredo
Não nos vai denunciar
A lua guarda segredo*

*Só com ela partilhamos
A razão e os sentidos
Porque amor, não falamos
Do nosso amor proibido*

5.1 DA MUNDANIDADE E DO SER-COM

Dasein é um ente, que na compreensão do seu ser, com ele se relaciona e comporta.
(HEIDEGGER, 2002: 90).

Se dasein é um ente e este ente é a morada do ser, tal como outros entes está em-um-mundo onde é. Na relação com o mundo, com as coisas que lhe vêm de encontro, inscreve-se na *mundanidade*, ou seja, nas interações que o mundo proporciona. *Ser-em* é a *constituição necessária e a-priori* de dasein. Analisando a polissemia da palavra “mundo”, Heidegger (2002 pág. 105) faz o seguinte paralelo:

1. *Mundo é usado como conceito ôntico, significando assim, a totalidade dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo.*
2. *Mundo funciona como termo ontológico e significa o ser dos entes mencionados no item 1. E “mundo” pode denominar a região que sempre abarca uma multiplicidade de entes, como ocorre, por exemplo, na expressão “mundo” usada pelos matemáticos, que designa a região dos objetos possíveis na matemática.*
3. *Mundo pode ser novamente entendido em sentido ôntico. Nesse caso, é o contexto “em que”, de fato a uma pre-sença “vive” como pre-sença, e não com o ente. Que a pre-sença em sua essência não é, mas que pode vir ao seu encontro dentro do mundo. Mundo possui aqui um significado pré-ontologicamente existenciário. Deste sentido, resultam diversas possibilidades: mundo ora indica o mundo “público” do nós, ou o mundo circundante mais próximo (doméstico) e o “próprio”.*
4. *Por fim, mundo designa o conceito existencial-ontológico da mundanidade. A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se, cada vez, no conjunto de estruturas de “mundos” particulares, embora inclua em si o a priori da mundanidade em geral.*

Ao analisar o *dentro do mundo*, Heidegger estabelece a diferença entre o ente que está dentro do espaço cósmico e dasein, usando o exemplo da água dentro de um copo, das cadeiras dentro de uma sala, a sala dentro

da universidade e por aí vai, para dizer que, ontologicamente, este dado dentro do dado, são caracteres que pertencem ao ente, não dotados do modo de ser de *dasein*. Para *dasein*, o *ser-em* significa uma constituição ontológica da *pre-sença* e é um *existencial* (HEIDEGGER, 2000 pág. 92).

Sendo *existencial*, *ser-junto-ao-mundo* não é simplesmente dar-se conjuntamente com as coisas que ocorrem, pois diferente dos entes intramundanos, *dasein* vai ao encontro-de. Traduzindo em exemplo: uma cadeira não pode tocar uma mesa, mesmo que a distância delas seja zero, pois uma cadeira jamais iria ao encontro da mesa já que é destituída do modo de *ser-em* da *pre-sença*. A esses entes, Heidegger denominou *destituídos de mundo*, pois nunca se podem tocar, ou seja, nunca podem *ser-e-estar-junto-ao*.

Sendo e estando junto a, *dasein* difere substancialmente de qualquer categoria de entes e, desse modo, não é um fato, mas uma *facticidade* que Heidegger define como *o caráter fatural do fato da pre-sença em que, como tal, cada pre-sença sempre é* (HEIDEGGER, 2002 pág. 94). A *facticidade* dispersa o *ser-no-mundo* no seu modo de ser, no *ter de fazer alguma coisa, tratar e cuidar de alguma coisa, aplicar alguma coisa, perder ou deixar desaparecer alguma coisa, empreender, pesquisar, considerar, discutir*, enfim, todas as ações que serão consideradas como *ocupação*.

Ao *ser-em*, a presença é *existencial* e o *em* no qual é, é o mundo. Esse modo de ser, *a mundanidade*, significa a estrutura de um momento em que o ser é no mundo, pois o “mundo” é um caráter do próprio *dasein*.

A análise existenciária de *dasein*, desse modo, dá-se na sua espacialidade e nas relações intra-mundanas e se a *mundanidade* é o modo do movimento de *dasein* no mundo, o conhecimento do próprio mundo dá-se na espacialidade do *mundo circundante*.

Se a análise existenciária de *dasein* dá-se na espacialidade, o espaço, no qual a tese se firma desde as entrevistas, é marcado pela sua perspectiva social. Especialmente torna-se necessária aqui uma análise do *mundo circundante* brasileiro e para isso utilizo DaMatta (1997) que, ao

buscar o entendimento do *modo-de-ser* do brasileiro em sua *mundanidade*, o faz desde três perspectivas: *da casa*, *da rua* e do *outro mundo*.

Na ótica *da casa*, o que ressalta é a pessoa e a leitura é de alta intensidade emocional englobadora que se confunde com o espaço social; na ótica *da rua*, temos o indivíduo, e a leitura se faz de discursos rígidos e instauradores de novos processos sociais e aqui o que vale é a dura pena da lei, o que permite o banimento, a condenação, a exclusão; na ótica do *outro mundo*, as leituras são abrandadas, inclusivas e relativizadas. Em relação aos códigos para cada uma das leituras, os *da casa* são avessos às mudanças e à história, à economia, ao individualismo e são fundados na *família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio*; os *da rua* são abertos a legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individual, baseados *em leis universais, numa burocracia antiga e profundamente ancorada entre nós, e num formalismo jurídico-legal que chega às raias do absurdo*; e os *do outro mundo* que focaliza a ideia de renúncia do mundo com suas dores e ilusões, fazendo uma sintetização dos outros dois. O interessante nisso é que a *pessoa*, na casa, tem uma posição que pode diferir totalmente do *indivíduo* na rua, tornando-se ambígua sua ação: *somos uma pessoa em casa, outra na rua e ainda outra na igreja, terreiro ou centro espírita* (DAMATA, 1997 pág. 106), pois a lógica relacional em que estamos está sempre buscando maximizar as relações e a inclusão, o que gera zonas de ambiguidade permanente.

Para o autor, as ditas *classes populares* tenderiam a usar como fonte de visão a linguagem da casa, produzindo um discurso moral ou moralizante:

Seu ponto de vista é, pois, notavelmente “humilde” e equilibrado, fundando muitas vezes numa deveras fantástica naturalização das relações sociais que raramente são percebidas e ditas históricas e arbitrárias, mas, pelo contrário, é como se fizessem parte de uma ordem cósmica, moral e dada por Deus (DAMATA, 1997 pág. 49).

Para o autor, o espaço da sociedade brasileira traduz o mundo numa ordem de preferências, laços de simpatia, de ações de bondade ou maldade, exatamente como se fosse o discurso *da casa*, definindo-a como uma *sociedade relacional*, em que a amizade e as relações pessoais, estão acima das relações subordinadas à lei, ou seja, as relações *da rua*, sendo ambas fundadas numa perspectiva de um mundo além do mundo, no qual as penas e as dores deste serão sanadas.

À nossa sociedade *relacional*, os amigos, é fundamento e possibilidades: eles nos confortam, nos ajudam, conseguem empregos, são os elos entre nós e as instituições (vale lembrar que ao enfrentarmos um problema de ordem burocrática ou judiciária, tentamos lembrar quem conhecemos naquela repartição e que poderia abrir as portas para nós e, mesmo que não venhamos a utilizá-lo, alguém nos fará essa pergunta, naturalmente), enfim, nos prestam favores, estão muito vinculados ao sentimento de gostar-de, mas, ao mesmo tempo, estamos vinculados a eles e jamais esquecemos de devolver este mesmo favor. O uso do intermediário é tão comum entre nós que, mesmo nas orações e no pedido do atendimento dos nossos desejos, utilizamos o intermediário no outro mundo (os santos, os espíritos, a Virgem Maria) como acesso a Deus.

Mariar, conta-me como as relações pessoais melhoraram-lhe a vida:

Quando eu fui trabalhar (...) eu tinha quinze anos naquela época, porque eles não sabiam... sei lá, eu acho que na época tinha que ter algum cartório de registro, de certidão, mas eu não tinha certidão. Ela [a amiga] fez a minha certidão quando estava com quinze anos, porque eu arrumei um serviço numa fábrica de roupas prontas. Até foi uma amiga [que consegui o emprego], que ela se dava muito bem comigo:

- Que judiaria tu estar trabalhando nessas casas aí, areando panela, areando fogão.

Era uns fogões de ferro e ela dizia assim para mim:

- Vou te conseguir um serviço lá onde eu trabalho.

Aí eu falei para ela que eu precisava da minha certidão para trabalhar. Aí ela foi, foi fazer a certidão. Naquela época ela fez cinco certidões, no mesmo dia. Levou dos meninos, levou das outras minha irmãs e de mim que eu precisava, não é? No tempo ainda da Legião Brasileira, que fazia tudo grátis, não é? (...) ela fez as nossas certidões e me entregou a minha certidão e eu fui fazer meus papéis para trabalhar. Aí trabalhei nessa firma até... trabalhei três anos. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 3)

Mariar jamais vai esquecer o desprendimento da amiga ao lhe arrumar serviço e os documentos. Sente-se em dívida com ela, pois conta-me o caso, tanto para mostrar sua ignorância no trato com a *rua*, quanto para enaltecer a ação da amiga e sua ajuda.

É natural entre nós a ação: incluímos e somos ambíguos em nome dessa inclusão, pois pertencemos a uma sociedade, cujo *valor fundamental é relacionar, juntar, confundir, conciliar* (DAMATA, 1996 pág. 108).

Entre outros depoimentos, que também ilustram a *ordem cósmica*, utilizados ao longo da tese para outras análises, vale o abaixo:

Nós morávamos na Santa Isabel. Eu digo: ah, é muito longe, eu chego em casa, às vezes, era meia noite e tinha de lavar a roupa dos uniformes do colégio para eles irem no outro dia para o colégio. Aí eu disse: isto não é vida. Aí eu saí. Eu saí e fiquei em casa cuidando deles. Uma rotina que nem sei! Aí eu voltei para casa, fiquei cuidando da casa, dos filhos, fazendo o serviço da casa, cuidando da rotina da casa. É, é uma sina mesmo, porque até hoje, tem essa a... lavar, passar, cozinhar, hum eu não gosto, (...). Aí meu Deus, eu acho que Deus me deu essa sina, não adianta. Tem que encarar ela, não é? Depois que meu esposo faleceu, daí muda, não é, as coisas! (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 6)

Quando Mariana se revolta contra aquilo que parece ser sua “sina”, imediatamente se acomoda, pois *eu acho que Deus me deu essa sina, não adianta*. Esse discurso que, aparentemente, é ingênuo e alienado, guarda uma sabedoria, uma grande sabedoria: tendo os filhos para criar e morando longe do trabalho, não havia como conciliar a vontade de fugir ao trabalho rotineiro da casa, então resta-lhe aceitar o *destino e lavar, passar, cozinhar...* coisa que vai mudar com o falecimento do marido.

Para DaMatta (1997), a sociedade brasileira, para além da horizontalidade da “direita” e da “esquerda”, hierarquiza-se e as relações pretendem-se fazer entre o que está “acima” e o que está “abaixo”, numa promiscuidade de interações muito bem ilustradas nas novelas, nas quais todos (núcleo dos “pobres” e núcleo dos “ricos”) se conhecem e travam relações. Sobre isso Marialda, conta-me o seguinte:

Tudo que eu aprendi eu aprendi com as pessoas ricas que eu... praticamente me criei no meio deles. Sentar numa mesa, conversar com uma pessoa, isso tudo eu aprendi... por exemplo, escrever meu nome, isso tudo eu aprendi com essas pessoas. E a minha irmã também, que já faleceu, e os meus irmãos... (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 11)

A admiração com que Marialda me conta como foi ter se criado e aprendido com as “pessoas ricas”, o comportamento social ilustra o fato. O saber *sentar numa mesa, conversar com uma pessoa*, ou seja, portar-se na sociedade é motivo de orgulho, visto que praticamente criou-se em meio deles. Marialda em sua infância esteve “em cima” e, mesmo não estando, trouxe de lá a aprendizagem que lhe foi proporcionada.

Mariazinha também mostra o como é importante estar nesse elevador entre o alto e o baixo ao contar do trabalho do futuro marido:

O meu marido foi assim: eu não gostava dele. Eu achava que ele era um branco cheio, né? Ele era aqui de Porto Alegre, a mãe dele pegou ele adotado, que um dia eu vou trazer o retrato dele para a senhora ver. Ele se criou aqui em Porto Alegre até uns treze anos ele morou aqui e a minha sogra trabalhava lá no Mercado Público, naqueles restaurantes mais fino que tinha, e como tinha na Praça Quinze. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 11)

Primeiro, ao afirmar que o futuro marido era *um branco cheio*, e aqui se explica o *cheio* como alguém que não se vê na própria condição econômica. Ela diz não gostar dele, mas ressalta que ele trabalhava nos restaurantes mais finos da cidade, segundo ela, os que ficavam na Praça Quinze. O fato de o futuro marido estar trabalhando em ambientes assim, dava-lhe uma situação de ascensão social, pois poderia ter contato com as “pessoas ricas” que frequentavam tais ambientes. Por isso a importância da informação.

Uma sociedade é feita de ações que aprendemos na prática da vida e reações quando essas ações são deletérias, credos que orientam as ações e as reações e daquilo que se diz e daquilo que é subentendido. Tudo isso faz *A vida cotidiana, além ou aquém das racionalizações ou legitimações, mostrando que aquilo que é puro e simplesmente vivido(...)* MAFFESOLI (1998 pág. 123). Para mostrar aquilo que é simplesmente vivido há que

constituir o grupo base de qualquer sociedade: a família. É disso que a tese passa a tratar, desde a análise das reminiscências das informantes.

5.2 DA SEXUALIDADE: A DESCOBERTA DE SI.

Devo, novamente, reafirmar o que disse antes sobre as coisas que aprendemos desde os sentimentos que a ela se associaram. Para explicar essa capacidade de guardar a memória existem inúmeras publicações que se estendem da filosofia à neurociência, porém, independentemente de que explicação eu me socorra, sei que as memórias estão sempre associadas aos sentidos, àquilo que se experimentou no momento em que foi gravada. As conversas sobre a sexualidade foram algumas vezes introduzidas por mim, mas, em outras, simplesmente surgiram no depoimento. Começo com as memórias de Marian sobre o conhecimento do próprio corpo:

Uma coisa impressionante o que não falavam. Até hoje eu digo que quando eu fiquei regrada eu não sabia! Mas, meu Deus, aquilo era um segredo! Minha mãe... eu via que cochichava, às vezes, com as mais velhas, né, e nunca me disseram nada. Pois, menina, eu não sei como é que eu não morri! Quando eu fiquei, eu fiquei desesperada, pois eu não sabia o que era aquilo e me lavava, me lavava, me lavava, imagina tu? Isso é uma das coisas que eu considero erradíssimo, porque eles deviam, né, pelo menos a mãe, né? Tu vê a ignorância. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 1, pág. 13)

Minhas memórias sobre as primeiras *regras* são, assim como as de Marian, nítidas e claras, mas mais claras ainda são aquelas que minha mãe contava sobre a sua própria experiência: ela pensou que havia se machucado e, tal como Marian, passou a lavar-se com a frequência assustada de quem não sabe o que ocorre com o corpo. Foi uma tia que a socorreu e acabou por explicar o que estava acontecendo. Por minha vez, até porque minha mãe sentiu na pele o

que era a ignorância do fato natural, não tive esse problema: ela já havia me iniciado nos segredos do corpo feminino.

Digo segredos do corpo, pois as lendas e mitos relativos ao período menstrual que ouvi durante a minha infância mereceriam um tratado todo especial. Posso contar aqui alguns: uma mulher menstruada não pode lidar com as claras de ovos para fazer merengue, pois o ovo desanda. Ainda relacionado com os ovos, esta mulher não poderia fazer maionese, ou bater um bolo pelo mesmo motivo: a maionese não encorpava, o bolo ficava aguado. Não poderia também tocar nos ovos que estavam no choco, pois eles gorariam. O interessante aqui é a relação que se faz com a morte do ovo, gerador de vida, e a perda do sangue, enquanto sinal de não gestação.

O uso dos metais sobre o corpo (bijuterias e outros) deveria ser evitado, pois eles ficariam pretos. O exercício e o esforço físico eram desaconselhados, pois poderiam provocar hemorragias. O sangue eliminado seria um sangue sujo, já que ficava ali para ser usado durante a gravidez. Era um sangue contaminando que o corpo deveria expulsar e, caso não fizesse, provocaria doença ou loucura.

Minha vó era uma crédula no que tangia a esses segredos. Estive morando com ela por um mês, e todo o tempo ela me perguntava se as “regras” já tinham vindo. Quando finalmente aconteceu, proibiu-me o banho e especialmente lavar a cabeça, pois eu poderia ter uma “tuberculose galopante” e morrer em questão de horas. Durante esse tempo, tinha de fugir à casa de minha tia para fazer minha higiene pessoal sem ela sonhar que eu o fazia, tal o medo de que algo me acontecesse.

A ideia de que o sangue menstrual era impuro e sujo foi uma constante nas minhas aulas sobre Educação Sexual no início de minha carreira como professora. Tanto as meninas, quanto as

mulheres adultas, admiravam-se ao saber a sua origem, pois, a ampla maioria imaginava-o como fonte de doença e loucura nos moldes que minha vó apregoava.

O medo do sangue menstrual era algo tão palpável que minha avó contava que, durante uma das inúmeras revoluções que assolaram o pampa gaúcho, sua família, para proteger suas joias, colocou-as num saco e, sobre elas, roupas femininas sujas com sangue de galinha. Quando os revolucionários chegaram às terras requisitando gado, homens para luta e dinheiro, abriram o saco para ver se havia algo que pudessem utilizar, mas ao verem as roupas femininas sujas, imediatamente o fecharam e supuseram ser roupas para lavagem, deixando intacto o tesouro familiar.

À mulher menstruada quase nada lhe era permitido fazer pelo medo de que pudesse adoecer ou enlouquecer ou pelo medo do que ela poderia fazer na sua impureza da perda sanguínea às coisas do dia-a-dia. Daí a analogia da menstruação como doença:

Eu quase morri de desgosto no dia que nós íamos... foi no Teatro São Pedro a nossa formatura de Educação Física, não é? Pois não é que de manhã cedo eu amanheci com as regras e não pude ir na formatura! Quase morri chorando (risos). Eu sofria de cólicas horríveis. Não tinha [forma de se proteger] não tinha. Eu quase morri de desgosto. Que coisa horrível! Tinha de lavar aquilo! [as toalhinhas higiênicas] Mas eu também me lembro: a mamãe fazia a gente esfregar bem aquilo, lavar bem e deixava no sol. Depois eu tive de receber sozinha no colégio. Tenho um sentimento enorme sobre isso. É, a gente dizia eu estou doente, não dizia assim, eu estou regradá. A gente não dizia... quando nós fomos a primeira vez à Europa, a gente não dizia, como diz agora, eu vou fazer xixi. A gente não dizia. Deus o livre! A gente dizia: eu vou pentear o cabelo. Era! Quando tinha algum homem perto: ah, eu vou pentear o cabelo. Com licença, eu vou pentear meu cabelo. É engraçado mesmo as coisas, como muda, não é? Hoje em dia se fala tudo na mesma hora. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 13)

As lembranças de Marian são o pesadelo de qualquer mulher que passou por isso: perder a formatura por estar no período menstrual e ainda ter de lavar as infames toalhinhas higiênicas que quase nenhuma proteção davam. O fato de alegar estar doente (É, a gente dizia eu

estou doente, não dizia assim, eu estou regrada) mostra como as reações naturais do corpo eram negadas, escondidas (a gente não dizia, como diz agora, eu vou fazer xixi. A gente não dizia. Deus o livre! A gente dizia: eu vou pentear o cabelo. Era!), porque vergonhosas. Não é à toa que Rita Lee compôs o seguinte verso na sua música Rosa Choque: *Mulher é bicho esquisito; Todo o mês sangra; Um sexto sentido maior que a razão.*

Se a menstruação era uma descoberta na idade púbere, a gestação também causava espanto e assombro. Marian conta-me como soube da existência de partes anatômicas de seu próprio corpo que jamais havia desconfiado:

Eu sei que ele [o professor] estava falando como é que nascia a criança, né, mas eu fiquei tão apavorada quando... (risos), tu vê! Com aquela idade, que barbaridade! Eu nunc... mas como eu era muito brincalhona, eu sempre brincava nas aulas, coisa e tudo né? As minhas colegas não acreditaram! Eu dizia: Meu Deus, mas é por aí que as crianças nascem???? (risos) Eu fiquei apavorada de saber que era pela vagina. Eu não sei o que eu imaginava! Eu não sei o que eu imaginava, por onde a criança iria nascer! Mas eu fiquei tão apavorada... elas riam que se matavam, porque achavam que eu estava brincando. Porque eu era... não sei... eu fui muito danada nas aulas eu sempre achava... eu tinha mania de dizer uma gracinha para as pessoas rirem, né, então quando eu disse: meu Deus, mas que coisa horrível! É por aí que a criança nasce?! Elas não acreditaram e era pura realidade. Eu fiquei apavorada. Tu vê, né, com vinte e sete anos! Pelo amor de Deus! (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 1, pág. 14)

Aos vinte e sete anos Marian faz a sua descoberta em uma aula de anatomia já na Universidade. Marian ainda não era casada ou tinha filhos, mas eu vi (e ouvi) pelo menos três mulheres, alunas minhas de Ciências das classes de EJA e mães de filhos, que não sabiam da existência de um terceiro orifício no corpo feminino do qual as crianças nasciam. Assim como foi para Marian um choque a descoberta, a reação de minhas alunas foi de incredibilidade: *Como é que é, professora?*

Cada uma reagiu ao seu modo, uma procurou-me após a aula para esclarecer, mas duas posicionaram-se e abriram sua ignorância frente à turma também composta por homens. Quando as questioneei sobre qual o local de saída dos seus próprios filhos, todas imaginaram ser o mesmo que propiciava a saída da urina: a uretra.

Pinker, ao discutir a influência da ação de seres humanos entre si na construção da sociedade, afirma que *as pessoas sentem forte impulso de fazer como os outros fazem*. Citando experimentos de psicólogos sociais, justifica a afirmação de que *nossa mente é equipada com mecanismos a ler os objetivos de outras pessoas para que possamos copiar os seus atos intencionais* (PINKER, 2004 pág. 96), a partir do fundamento *informacional*, que é o desejo de beneficiar-se do conhecimento e do discernimento de outras pessoas. Tendo eu vivido em uma família católica e numa sociedade conservadora, sei o quanto a afirmativa de que seres humanos tendem a copiar seres humanos é exata e, mesmo quando isso não ocorre, há a pressão externa para que assim se faça. Exemplificando: era comum sermos impedidas de ter relações de amizade com meninas das quais nossos pais tivessem qualquer desconfiança dos seus conhecimentos sobre sexo. Imediatamente, essas meninas eram taxadas de *sabidas* e excluídas do nosso convívio, pois poderiam macular a nossa *inocência*. É também disso que DaMatta (1997) fala quando mostra *a casa* enquanto conservadora na moral, na história e nos costumes. Influenciada pelo medo do *pecado*, a casa-família vai mostrar como é feio e perverso a descoberta do próprio corpo e o prazer que ele pode proporcionar. Ora, isso vai gerar mulheres adultas e mães de filhos que jamais poderiam imaginar a existência da vagina, graças a conformação anatômica do corpo feminino que não propicia a visão desta parte da sua própria anatomia. Se essas mulheres jamais se tocaram ou se olharam não poderiam conhecer o

próprio corpo e, ciente disso, sempre aconselhei minhas alunas: usem um espelho e se vejam!

5.3 DA SENSUALIDADE: A FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS

A sensualidade, na ótica do sentir, do perceber e de ser afetado é constitutivo do estar-junto-com e, para além daquilo que Maffesoli vai chamar de *solidariedade de base*, é um pressuposto da formação dos núcleos que formam as sociedades: as famílias.

Em uma sociedade como a brasileira, segundo DaMatta (1997), é mais que um núcleo, é um norteador do modo-de-ser social, já que, segundo o autor, é do triângulo *da casa, da rua e do mundo do além* que se pode perceber o agir social do brasileiro. Se a constituição da família se faz desde a reunião de um casal, é interessante observar como essa reunião evolui ao longo do tempo, desde os casamentos propostos entre famílias às uniões por amor da atualidade.

Tendo por base o modelo europeu, o casamento, em seu início enquanto instituição, tinha por pressuposto três pilares, segundo Ferry (2012): assegurar a linhagem ao transmitir o nome e o patrimônio ao filho mais velho e a produção de braços para manter a fazenda e nela trabalhar, ou seja, as uniões tinham como fundamento os aspectos biológicos, os de linhagem e os econômicos, e isso, mesmo contra a orientação da Igreja que se alinhava com a livre escolha. Isto vai significar que o casamento é imposto de fora; aos nubentes cabia a espera pela escolha paterna e a realização da cerimônia. A perspectiva do casamento por amor era impensada e esperava-se da união uma *doce amizade*, não a relação de paixão que normalmente norteia os casamentos da atualidade.

Todas minhas entrevistadas fizeram a escolha e casaram *por amor*, segundo as suas próprias palavras:

Aquela história de vai para o serviço, para casa, para o serviço, eu passava na casa de um vizinho que tinha um rapaz que estava sempre na frente. Era no tempo que tinham a mania de assoviar, não é? Cada vez que eu passava, ele assoviava e eu, bem dura, não olhava para trás (risos). Eu sei que ele fazia isso quase todas as vezes que eu passava ali, ele fazia isso. E eu não olhava. Eu tinha umas amigas que moravam bem na beira da faixa que eu passava, na rua que eu passava e veio a mãe delas, a velha gostava de fazer comentários:

- Então arrumou um namoradinho, né?
- Quem? Eu? Eu não arrumei namorado!
- É, pensa que eu não sei.
- Eu não tenho namorado, não quero nem saber de namorado.
- Pois é, mas quando tu passa em tal casa, tem um rapaz que

assovia para ti.

Eu levei um choque, porque eu achava que aquele rapaz era casado, porque ele estava sempre com uma criança no colo. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 5)

As lembranças de Mariar vêm ao encontro daquilo que na História da Vida Privada 3 (2009 pág. 414) vai mostrar ao comentar sobre o *murmúrio e rumor público* no século XVIII:

Em Pézenas, basta que um empregado de uma loja se mostre um tanto assíduo com relação a uma jovem para que um bando de mulheres vá logo informar à mãe; antes, porém, avaliam as possibilidades de casamento e maliciosamente perguntam à moça: “para quando os doces?”

Tal e qual a descrição acima, a mãe das amigas de Mariar não deixam passar a observação e vai direto ao ponto: *Então arrumou um namoradinho, né?* E serão essas amigas que farão o elo entre os apaixonados, chamando o rapaz para a casa e deixando os dois sozinhos para que se conheçam. Após isso, Mariar passa a namorá-lo, naquilo que ela vai chamar, *namoro de portão*. É interessante observar também que, segundo o autor, é o *rumor público* fomentado pelas mulheres, que ao romper o silêncio dado pelo doméstico, introduzem a justiça no espaço móvel que governam. Diz o autor:

Na verdade, as mulheres desempenham enorme papel no exercício do controle social; e muitas vezes em seu detrimento, pois são os alvos privilegiados; mas, afinal, com isso apenas exercem sua prerrogativa de guardiã do lar e/ou da moralidade familiar (HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA 3, 2009 pág. 415).

É da *maldade dos outros* que Marian se remete ao fazer o seguinte comentário, quando ela trabalhava como atriz:

Logo que nós começamos a trabalhar no teatro, que organizamos este teatro aí, a gente ouvia aquele comentário: ah, gente que trabalha assim... sabe como é? Maldosamente. A gente ouvia, não é? Acharam que pelo fato da gente ser artista, trabalhar no palco, que era como... e não era! E não era! Eu cansei de ensaiar dentro de casa, dentro da minha casa! Às vezes era no clube, mas quando não era possível no clube, a gente ensaiava na casa, na casa mesmo da gente, né? Mas sempre com todo o respeito e nunca houve nada disso, mas que o comentário no começo surgiu, surgiu, mas depois acabaram vendo, não é, que a coisa não era assim como pensavam. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 3)

Marian nos dá um exemplo de como o *murmúrio* começou, mas findou sem tornar-se *rumor público*, talvez abrandado pelas *relações* que sua própria família tinha com comunidade. Em relação ainda aos costumes de época e da pressão exercida para que fossem seguidos, ela conta o seguinte:

Eu me lembro quando nós fomos a Espanha, (...) nós compramos calças longas, nós aqui no Brasil usávamos já, calças longa, né, e na Espanha não. Na Espanha nos disseram assim: vocês não saiam de calças longas aqui porque vocês vão ser vaiadas e nós não acreditamos. (...) Achamos que era bobagem aquilo, aqui já se usava há tanto tempo! Pois dito e feito, menina, nós saímos com calças compridas e chegamos na cidade e fomos vaiadas mesmo, uhhhhh! Na Espanha, em plena Madrid, naquela época, não é? Também foi o único país no qual... quando eu fui, em 53. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 10)

Este costume, o de não usar calças compridas, tenho lembranças da minha adolescência: tanto na escola particular quanto na pública, as meninas não podiam usá-las. Lembro-me do frio que eu sentia nas pernas, com as meias de nylon para aplacá-lo, mas que não resolvia. Usar calças curtas ou longas era uma prerrogativa masculina, não

normal às mulheres, assim como era muito feio uma mulher fumar ou comer na rua e, mesmo, sentar com as pernas afastadas ou cruzadas.

Marialda, por sua vez, revolta-se ao lembrar a confusão que fez com desejo e amor quando me conta:

...com quinze anos eu comecei a namorar um rapaz e com dezesseis anos eu casei. Eu casei com dezesseis anos, sabe aquele “amor à primeira vista”? Que não é o “amor à primeira vida”? Puro desejo! (Marialda, 71 anos, Cadernos de Entrevistas 5, pág. 4)

Mas foi um casamento muito mais imposto pela família, do que realmente algo escolhido pela própria noiva: entre o *murmúrio* e o *rumor público*, a família escolheu o primeiro, o casamento, já que

...eu não queria casar já, namorar [sim], como todas as gurias. Eu trabalhava, eu ia pra casa uma vez por semana e era quando eu via o namorado. Aí um dia... o meu pai... eu fui dar tchau para ele e o meu pai viu nós se beijando. (...) e o pai: tá na hora de ir embora. Ah, tudo bem, aí ele foi e ele me deu um beijo. Barbaridade!!! O mundo veio abaixo, tomei uma coça. Aí sim que eu apanhei. Eu vim apanhar com dezesseis anos. Aí tomei uma coça, onde é que se viu, porque o cara da cidade, que não sei o quê, porque vamos fazer esse casamento e o meu pai ficou bem desorientado, ele se desorientou de uma maneira que eu nunca tinha visto. Mas eu morava no emprego! Eu só ia no final de semana para casa. O homem nem sabia onde é que eu trabalhava. Aí foi, foi, foi, casei! Aquilo ali foi coisa de um ano. Um ano, casei. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 7)

Pelo medo de ter a filha mal falada, já que a viu beijar no portão, o pai incentiva a união e o casamento acontece, mesmo com a vontade explícita da noiva que só queria *namorar como todas as gurias*.

Mariad, embora não entre nos detalhes de como conheceu seu futuro marido, casa-se um ano mais velha que Marialda:

Me casei com dezesseis anos. Fiquei morando em B. e vim para Porto Alegre, quando as crianças já estavam grandes. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevistas 4, pág. 4)

Já Mariazinha também vai namorar quando completa os seus dezesseis ou dezessete anos:

Eu comecei a namorar o B. eu tinha uns dezesseis, dezessete anos e já estava no colégio noturno, com os grandes, de noite. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 11)

Marian, por sua vez, faz a seguinte declaração:

...eu casei com trinta e cinco anos. Eu aproveitei bem a minha mocidade. Mas não casavam muito cedo não. Que esperança! Não é como agora, não é como agora... (...) engraçado que tem pessoas que ficavam desesperadas... eu conheço colegas minhas que chegavam aos vinte e cinco, vinte e seis já estavam desesperadas, achando que iam ficar... eu nunca me importei. Eu acho que foi por isso que me dei sempre tão bem na vida, porque eu nunca me importei muito de... tinha o meu trabalho, gostava do que fazia. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 3)

Entre a realidade e o desejo, Marian escolhe dizer que *não casavam muito cedo não*, mas logo após acrescenta que *colegas minhas que chegavam aos vinte e cinco, vinte e seis já estavam desesperadas*. Aqui, o que Marian prefere não lembrar é que de fato os casamentos aconteciam cedo. Uma mulher aos vinte e cinco anos que não havia recebido ainda a proposta, ou seja, não estava noiva, era tratada e falada como alguém que ficaria para *titia*, aqui se referindo ao fato de que, ao ficar para *titia*, não teria sua própria casa, nem seus próprios filhos sendo que, algumas vezes, estaria morando de favor em casa de irmãos ou ficaria na casa paterna para cuidar do envelhecimento dos seus pais.

Lembro-me disso quando criança, pois tenho uma tia, a última e uma das mais belas irmãs de minha mãe que passou por esse estigma. Sendo uma mulher que cursou a universidade e que trabalhava para sustentar-se, continuou a morar com minha avó, cuidando dela até o último momento, foi casar-se já perto dos quarenta anos. Até aí, todos os familiares referiam-se a ela como alguém que ficou para *titia*, epíteto retirado após seu casamento.

Marian, ao relacionar o casamento ao fato de ter estudado e estar trabalhando, diz o seguinte:

Eu fui a última... (...) as minhas irmãs todas eram casadas era só eu que não tinha casado. Mas é que eu gostava... eu viajava, vivia viajando, levava uma vida mais... uma vida diferente do que elas levariam... elas foram mais caseiras e eu não, como eu comecei a estudar para professora e em seguida aquele negócio de teatro e tudo, eu me distraía muito, tinha outra vida que elas não tiveram. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 2, pág. 3)

Marian, filha de classe média, teve uma vida diferente daquela que as irmãs escolheram e, desse modo, foi a última a casar, com seus trinta e cinco anos, para a época já considerada *solteirona*.

À *solteirona* velha e virgem como era de se pressupor, já que se não virgem não era uma *mulher séria*, atribuía-se maledicências do tipo *recalcadas* ou *histéricas*. É interessante o cunho freudiano que os epítetos se revestiam: recalcar o desejo sexual por não casar, levava ao clímax da histeria, algo totalmente feminino, pois que foi atribuído ao útero, *hystera* em grego. A relação com o casamento era algo tão esperado que havia na época um ditado muito comum às meninas: *quando casar passa*. Até nos dias de hoje a maledicência ainda apela a estes gastados argumentos: se uma mulher mostra-se de trato difícil, é comum a observação *está precisando de homem*.

É de se apontar que, muitas vezes, as mulheres iam ao encontro do par na noite de núpcias totalmente ignorantes daquilo que poderia acontecer nesse encontro. Marian nos dá uma pista:

Nada!! Nada, minha filha, não sabia nada sobre sexo. Eu estou te dizendo que eu fui uma criatura muit... por isso que eu digo: eu não era maliciosa de maneira nenhuma, porque eu nunca... eu não sabia, pois quando eu casei, eu pedi para essa minha irmã, essa irmã mais velha, mais velha depois de mim, né? “Me diz alguma coisa, porque eu não estou sabendo de nada”, eu não sabia mesmo, ela que me explicou: Não, (...) tu tens que levar uns panos higiênicos”, eu não sabia nada, nada, nada, nada! Ela que me explicou, que me orientou tudo, tudo. E vou te dizer: a primeira noite para mim foi um sacrifício! (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 1, pág. 14)

Sem coragem de pedir orientação à mãe, Marian foi socorrer-se da irmã que lhe aconselhou *a levar uns panos higiênicos* e acrescenta: *a*

primeira noite foi para mim um sacrifício. Não entramos nos meandros do sacrifício feito por Marian, mas a contar sobre o ritual do casamento para as mulheres, há que lembrar a existência da *camisola da primeira noite*³², na qual havia um orifício ventral usado de tal modo que durante o coito o corpo não precisasse ficar desnudo. É desse uso, comum no século XIX às moças de boa família, que vai se originar a *camisola do dia*, descrita por Cerqueira e dos Santos (2011 pág. 319):

Entre tantas peças da intimidade do futuro casal, destaca-se aquela a ser usada na noite de núpcias, a camisola do dia. Ela integrava o chamado terno do dia, composto pela saia, camisola, maianita e chambre. Outras peças do enxoval compunham ainda a dimensão da “cultura material” do ritual de núpcias, tais como o lençol do dia, e as camisolas do segundo e do terceiro dias, amarelinhas ou rosa, diferentemente da camisola do dia (isto é, da primeira noite), a qual de ver ia ser branca, como metáfora da virgindade.

Lembro do ritual do casamento das minhas tias e primas: a festa, a preparação dos doces, salgados, bolo de núpcias, da confecção do vestido de noiva, do vestido do primeiro dia na viagem de núpcias e do *terno do primeiro dia*, tal como o descrito por Cerqueira e Santos. Minhas primas, que eram jovens, casaram-se de branco, mas minhas tias que deveriam ter já seus trinta anos, ao ousarem usar o branco foram criticadas, pois aqui já não interessava a “pureza” da noiva, mas sua idade. Na dúvida de dar o “atestado” público de que não eram “moças sérias” ao casarem com outra cor que não o branco, elas optaram por este.

O conhecimento dos pretendentes normalmente ocorria nos passeios e nas festas. Marian dá uma pista de como as relações começavam:

³² Isele (2011 pág. 24) vai afirmar em sua dissertação que o século XIX ficou marcado pela convicção de que o corpo físico era o inimigo da pessoa moral que o habitava. Os enxovais das moças de boa família, em especial as camisolas, vinham com uma discreta abertura frontal com frases bordadas: “Deus o quer”.

Era só olhar, não era nada de beijinho! Que beijinho de onde? Beijinho, só depois de noiva foi que eu beijei mesmo. Mas demais não tinha nada de beijo. Que nada! (...)Pegar na mão, dançar com o rostinho colado, isso deu, isso deu. Mas aquela história de beijo, aqueles beijos como fazem hoje em dia, não. Beijar... Beijar... nós achávamos graça, o beijo muito do lado, ah, isso dava, tanto é que quando foi na passagem do ano, todo mundo se beijava, nós ríamos, quase morríamos de tanto dar risada, né, todo mundo se beijava, né? Aquilo era uma novidade também, né? Mas essa história de hoje em dia não tem não. Que esperança! Muito diferente, mas muito diferente! Hoje em dia namoram, já estão se beijando, já estão se agarrando. Naquela época eram uns namorico, a gente se olhava, ficava se olhando, ia no cinema e ele mandava um pacote de bala pra você (risos) é, é, era esse tipo assim, sabe? Ou então escrevia um bilhetinho, uma coisa, umas palavrinhas agradáveis, era isso! Não tinha nada de agarramento, nada disso [faziam versinhos]. Versinhos! Eu tenho até hoje um livro cheio de sonetos. Eu gostava muito de sonetos. Ah, mas era bem diferente, totalmente diferente. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas I, pág. 20-1)

O beijo era algo totalmente impensado em sociedade ou em público. Somente se beijavam as mães, avós e tias. Os pais beijavam os filhos pequenos, adultos jamais. Beijos eram no rosto. Lembro o primeiro beijo que vi na minha vida, aos onze anos de idade, que ultrapassava esses limites: aconteceu numa peça de teatro, em que os atores trocaram um beijo boca-a-boca. Foi alguma coisa que me deixou boquiaberta. Jamais havia visto algo assim: nem entre namorados, nem entre meu pai e minha mãe. Tendo vivido mais tempo que eu, é daí que Marian faz a observação: *Hoje em dia namoram, já estão se beijando, já estão se agarrando.*

É por isso, por não ultrapassar o limite do olhar e da troca de bilhetes que o marido de Marian a escolhe, afinal ela era mulher séria:

Não, eu já tinha tido uns flertezinhos assim, né, mas não um namorado, namorado mesmo, eu nunca tive. E ele era um rapaz vivido prá xuxu. Tinha feito a última guerra, ele também foi prisioneiro de guerra. Ele disse que estava desiludido das mulheres, tinha namorado muito, sabe como é, né? Então ele disse que não acreditava em mulher séria e me conheceu, viu que eu era, né, uma pessoa séria e se interessou. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas I, pág. 20)

Mariana dá outras pistas de como o namoro começava naqueles tempos:

Eu ia com minhas amigas [bailes e festas] (...) eu morava com a minha tia (...) ela tinha três filhos, uma menina e dois moços. (...) nós saíamos, nós íamos a bailes, a cinema, matinê naquela época, que era de dia, ela só deixa nós ir de dia, matinê, e então, daí aconteceu que eu casei, não é. Casei e tive quatro filhos. O meu esposo nunca foi de estudos. Era mecânico(...). (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 3)

Da vida de liberdade, já que a tia zelosa da sobrinha ainda permitia, o cinema e o baile com as amigas, Mariana casou e com isso vieram os filhos e o enclausuramento com um marido que *nunca foi dos estudos*. Findou-se a festa. Ficou a rotina.

O enclausuramento de Mariana é concebido desde uma identidade que se construiu nesse caso pelo pertencimento a um grupo. Quando se fala em *identidade* remete-se à compreensão dada por Louro (1997 pág. 24) como:

Compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. – constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber “como se fosse empurrado”.

Assim a autora afirma que o gênero é constituinte da identidade do sujeito, tal como a etnia, a classe ou a nacionalidade e, desde essa ótica, é a prática social e institucional que vai inferir fundamentalmente no gênero. Se há identidade de gênero, há também uma identidade sexual embora na prática social essas dimensões são usualmente articuladas e muitas vezes confundidas.

A identidade sexual não é acabada é pronta para ser vestida, mas tal como o a identidade de gênero, segundo a autora, é também uma *invenção social* constituída pelos múltiplos discursos sobre o sexo, que visam normalizar, regularizar, instaurar saberes e produzir *verdades*.

Uma identidade, tanto sexual como de gênero, não está atrelada a um tempo cronológico para se constituir e muito menos relaciona-se à

maturidade do sujeito. Desse modo, sujeitos masculinos ou femininos podem viver sua identidade sexual como heteros, homos ou bissexuais, podendo alterá-la ao longo da existência.

O gênero, segundo Butler (*apud* Salih 2012 pág. 89), seria então

a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser.

Desde o quadro regulatório definidor do gênero, quando o interesse sexual surgia, como eram as relações? Mariazinha conta-me como despertou o interesse do namorado a partir de um gesto muito simples, mas muito eficaz:

Mas antes de eu dar adeus eu fiz bem assim na mão dele³³ (côcegas na palma, com significado de aceitação sexual). Prá que foi! Quando eu entrei para dentro de casa, o B. estava lá, me chamando. Ai meu Deus, o quê que tu queres aqui? Pelo amor de Deus vai-te embora. Vai-te embora! Ai ele foi embora. Mas ele tinha um quê: as mulheres todas eram apaixonadas por ele! Ele namorava até mulher noiva lá, até mulher casada! (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág.13)

Se B. era isso, um homem a quem as mulheres não resistiam, Mariazinha foi além: com o seu gesto o fez correr atrás dela até a aceitação final e, após ter superado uma a uma as pretendentes, segundo contou-me, casou-se com o seu “príncipe”.

Já Marian responde do seguinte modo:

Ah, a gente só achava bonito. Ah, que era muito bonito. Quando eu vi a primeiro vez (o marido): Que pedaço! Não é? Era o que nós dizíamos, não é, que pedaço! Quando era bonito, a gente já usava, o pedaço este, a gente já usava. (...) Que pedaço! Isto eu me lembro bem!

³³ Lembro dessa ação, a de roçar o indicador na palma do pretendente, quando se estava “a fim”, como algo extremamente mal visto na minha época de menina. As meninas que usavam essa prática eram ditas como as “fáceis”, as “sabidas”, aquelas que os garotos podiam “dar um amasso” ou consumir relações, mas jamais seriam cogitadas como sérias candidatas ao casamento. Isso explica a reação de B. de ir à casa de Mariazinha com tal ímpeto, pois ao fazer o gesto, ela deixou explícita a aceitação da relação sexual.

A atração sofrida por Marian está relacionada ao corpo que se exibiu numa outra ótica que não atual, mas ainda assim o corpo, neste caso masculino, representava o *pedaço*. Vale aqui a análise de Felipe (2003 pág. 54) em relação ao corpo:

Ao longo da história e nas mais diferentes culturas, o corpo tem sido pensado, construído, investido, produzido de diversas formas. (...) o corpo tem sido dividido e demarcado através das expectativas que se colocam sobre ele, conferindo maior ou menor status, especialmente quando se trata de defini-los e situa-los em função do sexo. (...) há uma tendência a hierarquizá-los, a partir de suas diferenciações mais visíveis e invisíveis.

A expectativa de Marian em relação ao corpo observado a faz classificá-lo como *pedaço* enquanto definidora de um corpo atraente e é um dos significados apontados por Ferreira (1948 pág. 937):

Pedaço, s.m. bocado, porção, fragmento; naco; pequeno espaço de tempo; (Bras. (pop) mulher bem feita de corpo; peixão – de mau caminho (Bras.); indivíduo mau, perigoso; mulher muito provocante; pedaço: aquela morena é um pedaço de mau caminho.

Lauand ao estudar o livro de provérbios portugueses (*Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651*), vai produzir um artigo em que mostra as origens de muitos dos adágios e ditados que hoje usamos e é aí que encontro a origem de *Pedaço de mau caminho*, como "*Em quada (cada) parte há pedaço de mau caminho*". Ora, associar o corpo, inicialmente da mulher (segundo Ferreira, 1948) e, posteriormente, qualquer um deles enquanto pedaço é ao mesmo tempo um elogio – à beleza, ao porte, àquilo que atrai e, a uma advertência – pode direcionar a outro lugar, que não é a retidão moral, pois um belo corpo, o *pedaço de mau caminho* que há em cada parte poderia levar o incauto a se perder.

Para Marian o seu esposo era o *pedaço de mau caminho* que se poderia seguir ou não.

5.4 DA ERÓTICA: AS RELAÇÕES COM OS COMPANHEIROS.

Minhas informantes brasileiras viveram em um tempo que, no Brasil, o movimento feminista e suas grandes conquistas eram alguma coisa muito além da compreensão e da possibilidade de vivência de cada uma delas, talvez à exceção de Marian, já que foi uma mulher que estudou e trabalhou, embora somente tenha tido sua própria casa após o casamento. É interessante aqui lembrar que graças ao movimento feminista é que a academia vai aceitar os *temas considerados menores, quais sejam, o cotidiano, a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, etc.* (MEYER *in* LOURO, 2007 pág. 13), tais como esses que agora estou discutindo.

Todas as minhas depoentes, em algum momento de suas vidas, foram casadas. Cada uma delas contou-me histórias dessas relações e algumas são de pura opressão. Começo com Mariana que, ao contrário da mãe de Marian que não a deixou ir à escola por considerar que *mulheres aprendem a ler para enviar bilhetes aos namorados*, também passou por maus bocados para poder educar suas filhas:

[O marido] disse que (...) filha mulher não estudava. Era daquele tempo antigo, não é? Ele disse que guri tudo bem, mas que filha mulher era para dentro de casa. Eu digo: não vai ser assim! Eu disse, não vai ser assim, porque a era da gente ficar de escrava dentro de casa já se passou. Hoje em dia está tudo mais liberado, não é, e as meninas têm que ter estudo. Eu botei, botei todos os quatro no colégio. Botei no colégio, passei trabalho, mas botei. Ai eu falava para ele:

- As crianças, eu matriculei no colégio e eles vão estudar!
- Ai, não sei pra quê que menina vai no meio daquelas gurizadas!
- Ah, não tem nada disso, elas vão estudar e vão ser alguém na

vida!

[O marido] complicava, porque duas eu coloquei em colégio particular, não é? (...) quando era o mês de pagar o colégio, era aquela briga. Eu disse: - não, eu vou dar um jeito! Aí ele me dava o dinheiro e eu tirava sempre, todo o mês, eu tirava um troco e ia guardando, ia guardando, ia guardando e assim eu fui juntando para pagar o colégio deles e para dar as roupas para eles, uniformes tudo, não é? O material, tudo para eles. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 3)

O marido de Mariana recorreu ao princípio identitário que mulheres foram feitas para o serviço doméstico, para a reprodução e ao *fatalório* e, portanto, não há por que mulheres estudarem. É Mariana, desde o seu analfabetismo, que reage ao comando do marido e surrupia dinheiro para poder dar às suas filhas e filho o melhor que ela poderia: uma escola particular.

Foucault (1988) ao analisar *a formação de certo tipo de saber sobre o sexo* começa por afirmar que o faz desde o *poder*, representado com letras minúsculas para diferenciá-lo do Poder institucional, ou seja, da soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação. Para o autor, a ação do Poder institucional nada mais é do que as formas terminais do *poder* que se estabelece num jogo de lutas e afrontamentos incessantes, nos apoios das correlações de força, ou seja, nas estratégias que se cristalizam nas instituições, nas formulações de leis e nas hegemonias sociais.

Dessa forma, Foucault (1998) introduz as seguintes proposições: o *poder* não é algo que se *adquire, arrebate ou compartilhe*, e sua origem é da base, ou seja, *vem de baixo*, não numa relação de dominantes e dominados, mas das instituições de base, tal como a família. Já as relações de poder são imanentes a outros tipos de relações, tais como as econômicas, o conhecimento, as sexuais, etc., e são, ao mesmo tempo, intencionais, não subjetivas e

Que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo), esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. (...) [as correlações de poder] não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de

É de lembrar que o direito à educação (MEYER *in* LOURO, 2007) foi reivindicação da primeira onda feminista, juntamente com o direito ao voto, condições dignas de trabalho, exercício da docência, entre outros, e nos anos setenta, época em que a história de Mariana se localiza, ainda haviam maridos e pais que pensavam dessa forma: *filha mulher não estudava (...) guri tudo bem, mas que filha mulher era para dentro de casa*. Pode-se aqui observar a distância temporal daquilo que ocorre entre reivindicação e luta das *elites pensantes* e a *base*, o povo, que se deixa afetar pelas conquistas ou retrocessos alcançados por essa elite³⁴.

É interessante observar que culturas, quando em contato, tendem a se interferirem (PINKER, 2004; MORIN, 1993; RIDLEY, 2000), pois as pessoas têm desejos e necessidades e, ao haver o contato intercultural, observam o que seus vizinhos fazem e como satisfazem suas necessidades de melhor forma que aquela encontrada pela cultura a qual pertencem, não se tratando de um processo rápido, pois a inércia de determinadas ações culturais são muito difíceis de mudar. Mais uma vez, há que concordar com DaMatta (1997) quando afirma que a *casa* é também conservadora e moralista.

Dawkins (2001) propõe um novo tipo de replicador que ele denomina *meme*³⁵, ou as ideias virais. Replicador, pois Dawkins vai associar essas ideias à capacidade dos genes de se replicarem, mas diferente deste que saltam de corpo em corpo através de óvulos e espermatozoides, aquelas saltam de cérebro em cérebro através da imitação. Dawkins cita como exemplo as melodias, as ideias, os slogans, as modas de vestuário entre outros. Morin já afirma que

³⁴ Maffesoli (1997 pág. 115) ao tratar da “resistência” popular às novas ideias a classifica como *sabedoria* que se expressa na *astúcia, na duplicidade, na ironia, na derrisão e outras liberdades intersticiais uma verdadeira “estratégia de adaptação”*.

³⁵ Dawkins explica o nome *meme*: provém de imitação (*mimine* da raiz grega adequada), mas utiliza-o no singular para assemelhar-se a gene, ou ainda à memória, ou à palavra francesa *même* (mesmo, próprio).

As ideias são dotadas de vida própria porque dispõem, como os vírus, em meio (cultural/cerebral) favorável, da capacidade de autonutrição e de autorreprodução. Assim, os cérebros humanos e, acrescentemos, as culturas formam os ecossistemas do mundo das ideias (MORIN, 2001 pág. 136).

Pinker e Dawkins vão associar a capacidade de imitação ao nascimento da Cultura, sendo que, para Pinker (2004: 99), *a cultura (...) é um fundo comum de inovações tecnológicas e sociais que as pessoas acumulam para ajudá-las na vida, e não uma coleção de papéis e símbolos arbitrários que por acaso surgem para elas.* Segundo autores evolucionistas (Pinker, 1999; Pinker, 2004, Dawkins, 2001, Ridley 2000, Wright 1996), as ações humanas são um misto de instinto e cultura. Ora, cada tempo tem suas premências sociais e culturais e não cabe aqui realizar uma crítica feroz ou tentar entender um tempo desde o pensamento de outro momento da vida. Eu vivi dois tempos contínuos: aquele em que ser uma mulher séria era ser uma mulher dedicada ao lar, e este momento, em que ser uma mulher séria, é ser uma mulher cidadã, já não mais fadada à rotina do lar ou, nas palavras de Mariana, ficar escrava dentro da casa. Mas, retornar ao meme de Dawkins, ou seja, às ideias virais, pode ser uma forma de explicar as ações que hoje reputamos machistas, chauvinistas ou outros nomes. Quando Marian fala de seu marido, diz o seguinte:

Ah, era ciumento. Era chato por causa disso, porque eu era muito dada, me dava com todo mundo, né, trabalhava, Meu Deus, cantava, trabalhava e tudo mais e ele sabia disso, então ele era muito ciumento. Então ele me cerceou um pouco a minha liberdade, né? Prá mim já não foi muito bom esse problema... ele era maravilhoso, uma criatura maravilhosa, mas tinha esse problema que ele não podia... certas coisas não podia... quer dizer, me matou um pouquinho aquela euforia de vida que eu tinha. Meus filhos sofreram com ele também, meus filhos também, barbaridade... (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevistas 1, pág. 20)

Numa análise apressada, eu poderia acrescentar o epíteto *machista* quando Marian reconhece que o marido *cerceou um pouco a liberdade e matou um pouquinho a euforia*, mas é a própria Marian que não deixa de afirmar que ele era *maravilhoso, uma criatura maravilhosa*. Na ótica de Marian pode-se dizer que o casamento é um espaço em que ambos os

envolvidos têm que ceder um pouco nas suas necessidades, porque senão ele não acontece, já que sendo uma *criatura maravilhosa* poderia também ser *chato e ciumento*. Aqui se percebe a ambiguidade da *casa* e da *rua*.

Desde essa premissa, é interessante observar o que acontece no casamento de Marialda:

Aí casei e fui morar com a sogra. A minha sogra era uma pessoa assim, que não deveria ter morrido. Tão boa! Ela não era... para lhe encurtar a história, ela era melhor que a minha mãe. Dali há um ano eu fiquei grávida. Ah, meu Deus! Fiquei grávida. Aí veio o meu menino. Larguei o menino e fiquei grávida da menina. E o Nêgo começou a ferver. Começou a ferver! (...). A senhora sabe aqueles ferros de passar roupa? Eu passava aquelas roupas bem engomadinha e no outro dia eu saía com aquela sacola na cabeça e mais o filho. Aí a desgraça tomou conta. E eu sempre firme, eu vou vencer, porque eu acredito em Deus. Aí foi indo, foi indo, professora, quando foi um dia, eu disse, não! Eu vou largar esse tipo. Eu resolvi: eu vou largar! Vou largar e aí eu falei com a minha sogra e ela me disse: minha filha, agora que tu pensou, eu estou cansada... eu só não te disse nada, que era para tu não dizer: ah, é sogra, não gosta da nora. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág 5)

Aqui não houve um entendimento desde a ação do marido que começa a *ferver* (lembremo-nos que no nascimento da menina, ele saiu para buscar ajuda e voltou um mês depois) e Marialda, cansada dos maus tratos e descaso, finalmente deu seu grito de liberdade e *largou o tipo* com a total convivência da sogra que já não aguentava ver o sofrimento da nora.

A postura de *homem da casa*, ou seja, aquele que deveria dar de comer à família, sob pena de se colocar nas *bocas de matildes*, fez muitas vezes o horror das mulheres com as quais vivia. Há aqui de lembrar o depoimento de Mariana sobre como saiu para trabalhar a primeira vez, premida pelas necessidades. Enquanto Mariad viu-se obrigada ao trabalho na lavanderia, pois foi abandonada pelo marido com oito filhos para criar, sendo um ainda bebê, Mariazinha esperava pela viuvez para poder fazer o mesmo:

Quando eu ganhei o primeiro ordenado da primeira casa que eu trabalhei, (...) eu cheguei com aquele dinheiro e disse assim: “por cima do cadáver do teu pai”. E aí as gurias disseram assim: “ué mãe, o pai já morreu, o pai não está aqui”. “Não, porque ele disse que eu não ia trabalhar. Que só se ele morresse que eu ia trabalhar”. Porque eu, lá em A., quando eu queria ganhar um dinheiro a mais, para não estar pedindo,

porque eu não era mulher de estar pedindo dinheiro, eu ia para as casas em fim de ano e fazia faxina nas casas, ou lavava roupa, tudo isso eu fazia para ganhar meu dinheirinho. E ele dizia: “eu não quero nada desse dinheiro”. Eu digo: “ah, é?” E sacudia os braços. Aí eu comprava as coisas para ele e ele não tirava: “ah, cadê aquelas calças... cadê?”. Eu digo: “ué, tu não queria nada e agora...” (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 18)

Mas a vingança não tardava: escondida ela trabalhava nas casas de família e com o dinheiro dava presentes ao marido que, não querendo *nada desse dinheiro* usava os presentes, reclamava-os e ouvia: *ué, tu não queria nada e agora...* A resistência ao poder estava sendo realizada.

5.5 DA HERANÇA GENÉTICA: TER OU NÃO TER FILHOS.

Ferry (2012 pág. 109) faz a pergunta: O que é, de fato, o sagrado? E responde que etimológica e filosoficamente *é aquilo pelo qual podemos nos sacrificar* e não apenas o contraponto ao profano. Mas, pelo que os humanos se sacrificariam nos dias de hoje? Talvez por aquilo que dá sentido à existência. E o que dá esse sentido na atualidade? Que valor atual poderia levar um ser humano a se desprender da vida?

Segundo o autor, já não mais os valores abstratos constitutivos do *sagrado europeu*: Deus, pátria e revolução, mas sim o concreto representado pelos outros seres humanos, *a começar pelos nossos filhos*, o que vem provar que o *sagrado não desapareceu mesmo. Ele apenas se deslocou, encarnou-se em uma outra parte, no ser humano e não em abstrações vazias* (FERRY, 2012 pag. 111).

Ao analisar o amor ligado à família moderna, o autor estabelece dois humanismos, o das Luzes e o do amor, separado pelo desconstrutivismo.

O humanismo das Luzes, de Kant e Voltaire, do direito e da razão, vai estabelecer o princípio da nação, os direitos do homem e do *cidadão*. É o humanismo da *Civilização*, pois é o *humanismo da colonização, da educação do gênero humano pelas “nações esclarecidas” recorrendo à força e à violência se necessário* (FERRY, 2012 pág. 113). Quando o autor escreve *Civilização* no singular, está querendo dizer a civilização europeia, nacionalista e colonizadora.

O desconstrutivismo ou a desconstrução do primeiro humanismo leva a lógica da descolonização e é antes de tudo marcado pela preocupação com a *diferença*, - *por isso ele vai alimentar a reivindicação do direito das minorias e também, no fim, legitimar a terrível moda “politicamente correto”* (FERRY, 2012 pág. 114) e, por sua vez, vai abrir caminho para o humanismo do amor, marcado profundamente por interrogações radicalmente novas, no plano moral, na espiritualidade e na *sabedoria moderna*.

Para fixar uma nova era humanística no amor, Ferry busca desde a história da atualidade em que momento a família nos moldes que conhecemos se estabelece e quando os filhos passam a ser o sagrado.

É desde a construção da família pelo casamento por amor que as mudanças se iniciam. Segundo o autor, a primeira consequência é o *divórcio*, pois se o casamento já não mais se situa na *biologia*, na *linhagem* e na *economia*, passa a instalar-se em areias movediças, já que o amor conjugal pode transformar-se em indiferença ou ódio. A segunda consequência será o *laicismo republicano* que se dá no apartar o indivíduo da vida comunitária da aldeia ao migrar para as cidades e, neste caso, da influência do padre e da igreja; a terceira é o surgimento da *intimidade*, época em que surgem os ambientes privados nas casas. A quarta consequência é o surgimento do *amor parental*, tal como conhecemos hoje.

Ao analisar o *amor parental*, Ferry aponta para os espantosos números da mortalidade infantil na idade média e moderna europeia, não atribuindo o fato unicamente às carências de higiene e saúde. Citando os usos da ama, as quais as crianças eram destinadas, e ao abandono, não hesita em afirmar que

a prática do abandono, o descaso com a educação das crianças era tal, inclusive nas famílias relativamente abastadas, a morte delas assumia quando muito a aparência de incidente lamentável, para não dizer uma situação comum. Além disso, na perspectiva que domina o mundo antigo, e que remonta ao pensamento grego, a criança é apenas um ser inacabado, no sentido próprio do termo “imperfeito”, em todos os aspectos, logo, menos importante que um adulto que atingiu a maturidade (FERRY, 2012 pág. 100-1).

Ao pensar-se o horror que nos dias de hoje representa a morte de uma criança e a perda de um filho é quase inacreditável saber que Rousseau abandonou os seus ou que Lutero e Bach perderam uma dezena e ainda Montaigne que conta ter perdido “dois ou três filhos” com a ama.

Em contrapartida, Marialda conta-me sobre seu grande prazer, quando suas crianças eram pequenas:

Eu achava lindo os pais andarem nos restaurante com os filhos no fim de semana. Eu achava tão lindo, eu achava tão bonito que eu fazia isso. Tinha uma faxina que eu fazia só para isso. Só para levar eles no restaurante. Levar, no tempo que era a Redenção, que agora não é mais, tinha bastante bicho, bastante coisa, lembra? A senhora se lembra, professora? Tinha bastante bicho, coisa mais linda! Era bem maior (o zoológico). Era uma coisa muito linda. E eu ia para lá com os meus filhos. Ficava o dia todo, ia para aqui, eu passeava, muito. Eu gostava muito de ir na igreja, como é, aquela ali... Santa Terezinha! Na do Divino, ali também. Domingo era ali, nas minhas igrejas. Eu com eles juntos e eles bem arrumadinhos, bem engomadinhos, né? O meu guri se lembra! (Marialda, 71 anos, Cadernos de Entrevista 5, pág. 13)

O prazer com que Marialda conta de levar os filhos bem arrumadinhos e engomadinhos para o parque, o restaurante e a igreja não deixam dúvidas do amor que ela dedica a cada um deles.

Lembremo-nos que, ao abandonar o marido, ela os leva ainda bebês por temer que o marido possa-lhes ser nefasto, já que bateu no menino: *a guriazinha estava chorando e eu (...) arrumando ela no bercinho, (...) e ele começou a chorar. O gurizinho. Ele ficava muito angustiado de ver ela chorar, e ele [o pai] pegou assim e deu uma bofetada no guri.* Mesmo pela ótica dos antigos, sendo seus bebês seres imperfeitos e não tendo um valor monetário no sentido de produção, Marialda ao ver o destrato paterno às crianças, não vacilou, foi com eles buscar uma nova vida e deles não se apartou.

É na educação que cada uma pode proporcionar a seus filhos que o amor parental se destaca:

As minhas duas gurias se formaram bem e os guris também estavam bem adiantados. Tudo no colégio. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 17)

(...) sabe onde é que os meus filhos estudaram? Na Rainha do Brasil, paga por eles, pela família e aquela vontade! Mas meus filhos estão e eu não preciso estar. Depois foram para a Sagrada Família, quando eles eram pequeninhos, foram para a Sagrada Família. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 7-15)

Daí foi indo, eu sei que, graças a Deus, eu formei eles tudo, dei estudo, todos fizeram faculdade. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 4)

Conheces o Colégio do Alto³⁶? Tive lá duas filhas [por] cinco anos. Era muito caro, custava muito. Nós não tínhamos vencimento para isto. O meu marido não queria, mas eu achei que (...) ali podiam conversar com raparigas da idade delas. (Marisol, 77 anos, Caderno de Entrevistas 10, pág. 4)

A importância dada ao fato de os filhos estudarem em bons colégios (Maribel também colocou sua filha na escola referida por Marisol) demonstra bem um dos motivos pelo qual a limitação do número de filhos é uma necessidade. Sabendo-se que, na atualidade, as crianças não têm um valor monetário, atribuindo-lhes na comparação

³⁶ O colégio Nossa Senhora do Alto ou Colégio do Alto está localizado em Faro, Portugal, num palacete denominado Palácio Fialho. Recebe esse nome por estar situado próximo da Ermida de Santo António do Alto. A pedido do industrial João Júdice Fialho, o arquiteto Manuel Norte Júnior concebeu um projeto arquitetónico inspirado na arquitetura clássica francesa com as obras iniciadas em 1915 e concluídas em 1925. Em 1954 é adquirido pela Diocese do Algarve e nele instala o referido colégio.

com um adulto³⁷ e, na realidade, criar um filho é um dos atributos econômicos mais dispendiosos, há que reduzir a quantidade de filhos gerados, para melhor poder cuidar aqueles que já estão aqui.

Mariar conta-me sobre qual o momento que tomou essa decisão:

Depois que eu tive os quatro filhos eu limitei um pouco, “eu não vou ter mais filhos”. Eu tinha que trabalhar. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 13)

É a necessidade trabalhar, de sobreviver, que a impediu de ter outros. Quando lhe pergunto como fez para impedir outros nascimentos, conta-me o seguinte:

Eu tomava comprimido. Depois eu deixei de tomar os comprimidos, porque aí a idade foi já chegando. Com quarenta anos eu não tomava mais e mesmo que o marido, com quarenta anos, já não... No início, para não ficar um filho atrás do outro, um filho atrás do outro, isso logo que a gente casou, que eu fiquei... a gente se cuidava de outras maneiras. Tinha a tal famosa camisinha, né, que ninguém gostava muito, mas... era o que tinha. Aí, depois, apareceu a pílula então, não precisou mais. Eu comecei a tomar, mas nos primeiros tempos eu não gostei muito, porque eu fiquei toda manchada, cheia de mancha, ai! Eu me olhava no espelho e parecia que eu estava toda cascuda. Aí eu parei! Parei e fiquei me cuidando de outras maneiras, tinha também, como é que chamava? Fazer a lavagem, mas a lavagem também tinha que ser bem rápida, lavar bem lavado e também não resolveu grande coisa. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista, pág. 13)

Mariar quase descreve todas as formas de contracepção utilizadas pelas mulheres de seu tempo: o códon, a lavagem e a pílula anticoncepcional, numa época que a prática da contracepção era considerada pecado pela igreja que, embora incentivasse os *deveres conjugais*, apregoava que a prática sexual destinava-se à concepção. É

³⁷ Ferry (2010) ao reportar um estudo feito nos Estados Unidos sobre sentenças proferidas por tribunais em caso de morte acidental causado por um terceiro identificado, o cálculo da indenização devida aos pais era fundamentado exclusivamente na perda “econômica” que eles haviam sofrido com o desaparecimento da força de trabalho. Este fato é reportado aos anos 30, mas em 1896 o tribunal declarou que uma criança de 2 anos (idade da morte) não teria expressão monetária, então não haveria necessidade indenização. A utilidade econômica das crianças era evidente desde os relatos que aos sete anos passavam a trabalhar nas lides do campo ou nos teares da Revolução Industrial.

desse modo que a única prática contraceptiva aceita era a abstinência sexual.

O planejamento familiar no Brasil vai se consolidar somente após a democratização, já nos anos 80, segundo Figueiredo:

Durante o processo de revitalização da democracia no Brasil, a elaboração conjunta do PAISM - Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (1983), por setores progressistas da sociedade civil e técnicos do Ministério da Saúde, foi o primeiro passo realizado pelo Estado brasileiro para atender diretamente às necessidades específicas da saúde da mulher, compreendida, até então, apenas como mãe e reprodutora pelos Programas de Assistência Materno-Infantil. Este importante marco histórico foi consolidado com a Constituinte de 1988, que, entre outras conquistas, acrescentou às funções do Estado a responsabilidade pela promoção do acesso ao Planejamento Familiar a toda a população (FIGUEIREDO, 2004, pág. 1).

Sendo as políticas públicas voltadas para a assistência materno-infantil, as mulheres são vistas como reprodutoras e não como seres com direito ao prazer sexual. Não há um cuidado na preparação para a vida sexual das meninas nem na possibilidade da contracepção das mulheres. Estes dados não eram também do âmbito da Educação, pois, sendo eu professora e assessora municipal da área das ciências, sou testemunha da extrema dificuldade que as professoras tinham de abordar esses temas em sala de aula, já nos anos 80 e 90, além do que a perspectiva da educação sexual era algo dado às famílias e não à escola. Se o Estado, a Escola e a Família não se preocupavam em esclarecer, mas se possível ocultar, como essas mulheres e meninas poderiam ter acesso à informação?

Marialda, após a sua separação, passou por um mau bocado quando descobriu-se grávida, sem o querer:

Eu tinha um namorado e fiquei grávida, mas eu não sabia. Ele era baiano. Eu trabalhava muito, subia escada, descia escada, limpa isso, limpa aquilo, eu trabalhava muito. E não é que um dia eu senti muita dor assim, dor, dor, dor, que eu não sabia o quê que era. Viu o que é uma

A gravidez revela-se ectópica, o que lhe provocou as dores acima referidas. Nessa época trabalhava com a médica que lhe atendeu a emergência e, certo dia, por ela foi questionada do seguinte modo:

Ela [a patroa] perguntou para mim se eu queria mais filhos. Eu disse:

- Não, agora é só namorar, eu não quero mais filhos.
- Deixa comigo que eu vou te dar um jeito.

Aí um dia ela diz assim:

- Tu estás preparada?
- A senhora que sabe. Eu não sei o que a senhora quer fazer comigo.
- Vamos para o hospital, junto comigo.
- Fazer o que lá, doutora?
- Vamos comigo!

Fui lá, entrei assim no quarto... era domingo. Ela entrou assim e mandou as gurias me prepararem e eu:

- O que será que ela vai fazer? Mas eu não queria saber, não queria saber... sabe o que ela me fez? Ela pegou e me fez um ligamento. Ela puxou, soldou e queimou!

Eu tinha medo. Claro! Por que eu não arrumava namorado? Porque eu tinha medo! Porque eu tive o primeiro, né, e me deu aquilo né, dupla das crias eu tinha duas crias, né, e daquela criatura que eu tinha casinho eu fiquei grávida. (...) gostei! E até hoje gostei. Eu era neguinha nova e fiz! (...)

Só ela disse:

- Tu não vais menstruar nunca mais, vais menstruar uma semana e não vais menstruar mais. Eu fiz coisa bem feita! Namora à vontade, dá esse rabo à vontade...
- Ai doutora, que coisa!

Aí, foi o que eu fiz! Ai eu desabrochei tudo e comecei tudo de novo. Foi quando eu arrumei este grande amor! Ele é o grande amor minha vida. Ele é o grande amor minha vida! Porque lá atrás, bem lá atrás, eu conheci essa criatura e depois quantos anos que passou. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas, pág.20)

A forma como ela contou-me o acontecimento deixou-me chocada: não houve uma pergunta ou um esclarecimento da médica de qual procedimento seria feito. Marialda só foi descobrir, segundo suas palavras (*O que será que ela vai fazer? Mas eu não queria saber, não queria saber...*), no hospital. Perguntei-lhe se não se sentiu mal com a ação da médica ao que me respondeu: *Não, gostei! E até hoje gostei. Eu era neguinha nova e fiz!*

A ação da médica vai se tornar um problema quando Marialda consolida seu segundo casamento, pois o esposo queria um filho:

Aí quando eu me juntei com este, ele queria muito um filho e eu, bah, como é que eu vou fazer, meu Deus? E eu trabalhava na casa de uma psicóloga. Eu sempre trabalhei com gente bem, sabe? Aí eu peguei e disse assim:

- Doutora, acontece isso, assim, assim, o que é que eu faço?
- Não, tu vais marcar um dia e tu vais trazer ele para mim e eu vou conversar com ele.

E foi o que ela fez. Ela foi, explicou para ele bem explicado, e disse: o senhor já tem filhos, ela também tem, quem sabe... porque o que ela fez, ela fez uma cirurgia... ai ele concordou com ela e ficou tudo bem. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista 5, pág. 21)

Se por um lado não havia informação suficiente nem políticas públicas para mulheres, por outro há uma vontade de ajudar naquilo que Maffesoli (2004, pág. 11) resume muito bem na frase: *não existe nada pior do que alguém querendo fazer o bem, especialmente o bem aos outros*. À visão da pobreza e do enorme número de filhos que as mulheres tinham para sustentar e criar fez com que muitos médicos e *pessoas de bem* aceitassem a tese da esterilização em massa, independentemente da vontade expressa das mulheres que a ela se submetiam. A forma como Marialda conta lembra exatamente isso: a médica, com a melhor das boas intenções, esteriliza-a, contando-lhe o que faria somente quando do ato. Foi num novo relacionamento que Marialda deu-se conta da *extensão do domínio da luta* e, novamente, socorreu-se de uma patroa para explicar o ocorrido e orgulha-se disso: *Eu sempre trabalhei com gente bem, sabe?*

Mariazinha, por seu turno, tem quatro filhos: *Eu tive quatro. (...)* *Cada vez que eu ficava grávida, eu queria matar o marido* (Mariazinha, Caderno de Entrevista 7, pág.15) e, para evitar de *matar o marido*, foi buscar ajuda para evitar o quinto filho:

[a médica] chegou e disse assim: então tu vais lá em casa, que eu te boto um DIU. Quando o meu marido chegou eu disse assim: olha nego, eu quero dinheiro para botar o DIU. Prontamente ele já me deu o dinheiro e eu fui para Camaquã, botei o DIU e fiquei doze anos com o DIU. Ela chegou a dar uma injeção prá mim, porque se acontecesse alguma coisa

prá mim tomar aquela injeção. Doze anos eu fiquei com aquele DIU (...) não tive mais filhos e só tirei o DIU quando o meu marido morreu. E as outras mulheres que estavam lá: mas por que ela, que é uma gurria nova, com trinta e poucos anos, eu tinha trinta e dois anos, por aí, vai tirar o DIU? E depois se ela engr... Pô, recém eu perdi o marido e vocês acham que eu vou casar? (Mariazianha, 82 anos, Caderno de Entrevista, pág. 16)

Por doze anos ela manteve o DIU e, na entrevista, em nenhum momento, comenta se foi outra vez a um médico ou se houve a troca do aparelho. É na viuvez que se livra dele, talvez como uma forma de anunciar ao mundo que não estava mais disposta sexualmente. Observa-se o comentário: *vai tirar o DIU? E depois se ela engr...* Retirar o DIU aos trinta e dois anos era abrir mão da segurança dada e enfrentar as dificuldades e agruras de uma nova gravidez. Ainda assim, Mariazinha preferiu arriscar.

6. ÉTICA DA ESCOLA ENQUANTO LUGAR DE CUIDADO



*Eu sou o soprar do vento
Na folhagem miudinha
Que balança a árvore,
Sem dó nem piedade
Sou uma parte do fui
E do que tinha
Hoje e que tenho
Não é da minha vontade*

*Eu sou o pássaro
A liberar, asas abertas
Rasgando a nuvem
Passando no tempo
Sou os minutos
De muitas horas incertas
E na debilidade da vida
Sou seu alento*

*Eu sou rosa campestre
Crescendo nos rebaños
Estrela que salpica
De branco a paisagem
Eu sou os coloridos
No meio do montado
E o perfume do campo
Levado numa aragem*

*Eu sou semente de grão
Espalhada na planície
Que irá crescer
Onde houver mais calor
Eu sou já sombra
De minha meninice
Que perdeu a vida
Já com tanto sabor*

*Eu sou uma pessoa
Que ao menos vê
Pela razão do amor por mim
O coração dos meus pais
Eu sou a imensa saudade
Razão do porquê conheci
Não esquece jamais*

6.1 DA ANGÚSTIA DO VIVER

Tudo que vive sofre por viver (MAFFESOLI, 2004 pág. 135).

Seres vivos que somos evoluímos numa “*deriva natural*” (Maturana, 2001a pág. 105) em que o ser-no-mundo se torna uma extensão própria do nosso corpo e, nesta relação profunda com o meio circundante, ontogenicamente altera a nossa estrutura sem, no entanto, alterar a nossa capacidade de interação positiva de compatibilidade e de compartilhamento. É o que Maturana (2001a), chama de *Acoplamento Estrutural*, ou seja, a imperturbável necessidade do ambiente tal como ele é e que mantém a nós, os seres vivos, em constante autopoiese até o momento da falência orgânica. A imperturbável necessidade do ambiente, pois que sem as condições físicas dadas pelo planeta Terra no qual vivemos e evoluímos não haveria qualquer chance de mantermos a vida e, mesmo projetado no espaço, as condições da espaçonave deveriam ser as mesmas propiciadas aqui, no nível do chão.

O processo de alteração ambiental leva os seres vivos a alterarem sua própria organização, naquilo que Maturana (2007) vai denominar de *deriva natural*, isto é, seria um caminho percorrido pela matéria auto-produtiva – o que chamamos de vivo – que se altera estruturalmente e produz bifurcações, como continuidades ou rupturas de interação no caminho, inclusive como extinção da espécie.

A *deriva natural* vai explicar como os primatas que somos evoluímos desde uma diáspora tempo-espacial (MORIN, 1973), pressionando e pressionados pelo que nos cerca. Nesta íntima interação, o uso das extensões, o ser-a-mão, buscado intencionalmente como complemento à carência que poderia ser de comprimento (a vara

com a qual o chimpanzé provoca o cupim, para dele se alimentar), de força (a pedra que se joga no inimigo ou rompe uma noz mais dura), de proteção (as folhas que forram os ninhos dos gorilas) nos coloca como vigilantes falcões na busca para além do alimento de cada dia e do melhor espaço para o descanso. São os princípios da técnica que se constroem os princípios da cultura enquanto conhecimentos que se transmitem entre gerações. Wall (2007) ainda vai além: os nossos mais próximos entes vivos, os primatas antropoides, apresentam também cultura social desde a “reconciliação” que é aprendida na convivência com o outro.

A construção da cultura, então, é fundamento do “estar-junto” que protege e ensina a sobrevivência e a convivência. Na observação do ambiente em que se localiza, o Ancestral vai buscar o melhor sítio para dormir, o melhor galho para guardar a caça, a melhor folha para mitigar a dor, a fruta mais doce, o caminho mais fácil, o local de melhor acesso ao alimento. As marcas definidoras dos espaços não tardam a serem colocadas, tanto no ser-a-mão, quanto na memória, já que, durante o dia, a luz solar podia gravar na retina os pontos de referência ansiosamente buscados quando se retornava dos espaços desconhecidos. Já em outro momento, o da escuridão da noite, essa possibilidade estava perdida. Era necessário um novo ponto referencial para que se pudesse guiar o andarilho das planícies nos seus infundáveis e incansáveis movimentos e, já que não havia mais a implacável luminosidade diurna, há a luz difusa e imprecisa dos astros que, ao substituírem-na, trazem consigo o terror daquilo que não se vê.

A escuridão, aquela que propicia o sono, passou a ser acompanhada do medo, pois o inimigo já não estava à vista e o terror era a perda da vida. Segundo Morin (1970 pág. 15), *as estruturas arcaicas permanecem sob as estruturas evoluídas* e, uma das provas contundentes da afirmação é o medo. O medo é uma característica tão marcante da evolução humana que seres humanos temem as cobras,

aranhas e outros seres vivos que jamais irão alcançá-los no interior dos grandes aglomerados humanos que chamamos Cidade, mas, no entanto, não temem a tremenda velocidade dos automóveis com os quais se mutilam, matam, suicidam-se. Automóveis não fazem parte do plano evolutivo.

No terror da escuridão noturna ou no terror do predador mais próximo, o Ancestral começa a conhecer o fim e a se perceber finito.

A velhinha faleceu e parecia que ela estava dormindo. Ela só chamou eu, e eu me lembro tão bem:

- Me dá o teu braço.

Aí eu dei o braço para ela e ela veio e me alisou.

- Tu não vai ficar sozinha, tu vai ficar com Deus. (...)

- Tá, vó Chininha, a senhora não vai morrer. A senhora vai ficar bem.

Aí ela mandou botar a mão no peito dela. E eu botei. Sabe aquilo parece assim, ó, aquilo foi indo, foi indo, foi indo, parece que não ia terminar e de repente foi pá! E parou. No que eu olho assim, ela está morta, mas com aquele sorriso, sabe assim, quando a pessoa morre e não fica com aquela cara de morto? Não, porque ela sofreu muito pouco tempo. Ela caiu e em seguida Jesus levou, porque ela era boa demais. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 10)

Marialda era jovem, muito jovem quando pela primeira vez viu o fenômeno da morte acontecer, e isso lhe gravou fundo na memória. Ela lembra cada etapa, cada momento em que sua benfeitora, a vó Chininha, se despede. Ela foi a pessoa que acompanhou esse momento crucial, o momento da passagem e, nas suas memórias, o evento toma-se de evidente força o que lhe leva a relatar-me como aquilo que é evidentemente importante.

É interessante observar o modo como se descreve a morte das pessoas que nos são benignas ou como se espera que alguém que amamos venha a morrer: com um sorriso nos lábios. É talvez a bem-aventurança do além, à espera dos arcanjos que tentamos ver no rosto do moribundo. Ele é a janela entre o aqui e os insondáveis mistérios do além. Por outro lado, o grande temor da morte é a dor. Saber que um ente querido morreu com um sorriso nos lábios nos dá o conforto de

que ele não sofreu. Simplesmente passou daqui para lá, talvez para uma vida melhor.

Porém se há fim, há começo, origem, renovações, observações que suscitam perguntas: Como surgem, de um momento para outro, a árvore, a grama ou, mesmo, como podem as mulheres parir outros seres semelhantes, mas de uma fragilidade única?

E aí a vida foi se arrastando, eu tive seis filhos, perdi dois, duas meninas e criei quatro. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 9)

Mariar, no arrastar da vida, trouxe ao mundo seis novos seres, dois deles não vingaram, mas quatro aqui permaneceram e foram criados por ela. Mas Mariar não se deu por contente, mesmo após seus quatro rebentos terem escapado dos perigos da infância, ela retoma os cuidados da prole de outra.

Depois que eles [filhos] estavam tudo criadinho, que não davam mais trabalho, um dia apareceu uma criança na minha porta. Apareceu assim, né, com a mãe. A mãe levou para mim ver a criança. A criança tinha assim, uma tosse muito forte e ela achava que era coqueluche, então ela levou para mim ver, porque ela viu que eu tinha mais filhos e talvez tivesse prática, mas eu acho que ela levou com certas intenções. (...) Ele tinha três meses. Com um aninho ele não mais queria saber da mãe. Ele vivia grudado na gente, quando ela queria pegar ele fazia assim: aaaaiiii. E eu criei ele e hoje ele está com trinta e... parece que são trinta e três anos, já tem a vida dele, mas não tem filho. Ainda ontem ele foi me levar um pedaço de lasanha que ele fez. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 7)

Acontecimentos simultâneos, morte e vida, desaparecimento e surgimento dão ao ser, no seu processo de hominização, a consciência cruel: a consciência da mortalidade e da dor que acompanha a falta e se há a falta, há o ingresso de um novo ser na vida. A tentativa de ver os “olhos da avó” ou os “dedos do pai” nas crianças é uma confirmação da presença do ente que se foi. Criá-las, mesmo não apresentando esses fenótipos, é uma abertura para a vida, para a continuação da espécie.

A vida se complementa na morte. Tal como a luz não pode prescindir da escuridão ou da penumbra para ser percebida pelos

olhos, a vida é um constante morrer. Todos os dias de nossa vida, temos perdas consideráveis de nosso próprio corpo, células suicidas que se desprendem de nós, para que possamos enfrentar as agressões ambientais, vêm povoar nossa casa como pó e fazem o banquete aos ácaros domésticos.

Os filhos *já criadinhos* de Mariar um dia foram os bebês que ela viu vingar e criou; bebês que não mais existiam quando um novo adentrou em sua vida através de uma tosse, a qual a mãe achava ser coqueluche. Talvez por saudades dos perdidos e distantes filhos-bebês, que jamais voltaria a ver, Mariar adotou e criou um novo.

A vida é isso: um constante perder e morrer. Nós não somos mais quem fomos há um exato segundo atrás. Nós morremos a cada instante e renovamos nosso ser a cada ano. Nossos neurônios, aquelas células que jamais deveriam reproduzir, reproduzem-se³⁸ ou criam novas conexões sinápticas para substituir as perdas consideráveis que enfrentamos no viver. E de novo se afirma que a vida não pode prescindir da morte: se não houvesse o desbaste implacável do jardineiro da aprendizagem nos neurônios com os quais nascemos, não aprenderíamos e, em não aprendendo (a respirar, a sugar, a mover-se, orientar-se, ver, ouvir, etc.), não viveríamos.

Perdemos nossos pais ao longo da vida, mas eles estão presentes ao mesmo tempo. Não são aqueles nos acalentaram ao colo, nos levaram à escola ou nos alimentaram quando tivemos fome. Hoje, nós cuidamos deles como eles cuidaram de nós no seu devido tempo, mas não são mais os mesmos, sendo-o.

(...) eu tive dois filhos: um rapaz, e eu perdi uma rica de uma minha filha, perdi né, com trinta e oito anos, quase morri de desgosto. Isso foi uma

³⁸ BEAR (2008 pág. 265) afirma que os receptores olfativos, tal como os gustativos, crescem, morrem e regeneram-se em um ciclo que dura cerca de quatro a oito semanas, afirmando que os receptores olfativos são dos muito poucos tipos de neurônios no sistema nervoso que são regularmente substituídos ao longo da vida.

Marian conta-me a perda da filha com dor. Esta perda é diferente e igual à perda que ela teve do filho, que é vivo. Tanto a filha que jamais verá novamente quanto o filho que dela cuida e que com ela se preocupa não são mais aqueles que dela nasceram e que deles ela cuidou. É disso que se fala quando se diz que a morte é a constante de quem vive e que a vida não se afasta jamais da sua siamesa.

Luper (2010), ao analisar o que somos enquanto permanência, traduz três grandes teorias a saber: o *essencialismo animal*, o *essencialismo pessoal* e o *essencialismo mental*. O essencialismo animal é a visão de que somos essencialmente animais, ou seja, podemos perder um membro e, no entanto, permanecermos animais, isto é, humanos. Nesse caso, se perdermos o nosso cérebro e se fosse possível transplantar um cérebro de outra pessoa, seríamos ainda nós mesmos? Sabemos que o corpo permanece vivo, mesmo com o cérebro já falecido, desde que o tronco encefálico não esteja prejudicado, exemplificado nos casos de pessoas que permanecem por anos ligados a máquinas, vivos, vegetativos, mesmo com a morte cerebral. Se houvesse a possibilidade concreta de implantar o cérebro de outra pessoa a essa, a que está em coma, pode-se afirmar que ela está viva, mas o cérebro, privado do corpo original, discorda da afirmação. Eis a grande falha da explicação animalista.

O essencialismo pessoal ou mental enfrenta o problema da coadunação da mente em relação ao feto. Um feto, por estar em processo de desenvolvimento do sistema nervoso, ainda não desenvolveu uma mente e, desse modo, não pode ser a pessoa que sou presentemente com o cérebro plenamente desenvolvido e a mente que possuo neste exato momento. Somos duas pessoas habitando o mesmo corpo?

Entender o que seja a morte ou a permanência é um desafio considerável e sobre o qual pouco nos debruçamos. Afinal, em que momento realmente morremos? Arbitrariamente foi estabelecido como o momento da morte cerebral, mas, no entanto, o organismo como um todo permanece vivo, morrendo aos poucos na dependência do oxigênio para as reações químicas vitais. Quanto mais oxigênio necessário, mais rápido o falecimento. Quanto menor o metabolismo mais lento o processo da perda vital. É assim que se explica o crescimento, embora parco, de unhas e cabelos dos cadáveres e, mesmo, os transplante de órgãos.

Se o grande terror da morte é o nada, este pode ser a bênção, segundo Epicuro (2005 pág. 38):

...a morte para nós é um nada. Todo o bem e todo o mal residem na faculdade de sentir: a morte, porém é a privação desse sentimento. Assim, o conhecimento de que a morte nada é torna deliciosa a nossa vida efêmera. Evidentemente, esse saber não modifica o limite temporal da nossa vida, contudo livra-nos do desejo de sermos imortais, pois para quem ficou ciente de que nada de terrível existe na ausência de vida, nenhum terror pode haver no viver.

Posso até imaginar minha morte, o que sentirei até o momento, prever a dor, a ansiedade, o medo ou a calma da chegada. Posso também imaginar a despedida, o sentimento dos que ficaram, a cerimônia do adeus, porque conheço e vivi a morte de outras pessoas. Mas não posso saber nem sentir o que advirá a partir desse momento. Desse modo, penso que o conceito de morte é aquele momento em que a dor da perda nos atinge em cheio.

Nós éramos seis, três mulheres e três homens. Ficamos em duas mulheres. Era o meu irmão mais velho e depois era eu. (Mariad, 88 anos, Caderno de Entrevista 4, pág. 4)

Nós éramos oito e agora só estamos em quatro, três meninas e um rapaz, que é o que é acima de mim. (Entrevista Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 11)

Em P. ela [a mãe] teve mais três filhos. Um deles morreu agora há pouco tempo. E mais duas, então no total mesmo, nós estamos reduzidos

em nove irmãos. Depois ela teve outro filho aqui, não é, que foi o que morreu agora há pouco. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 2)

Envelhecer é também carregar a morte daqueles que nos foram próximos. Três memórias das perdas fraternas, os irmãos que já não estão mais aqui, alguns na infância ensinando a quem ficou o que é morrer e outros, já na adultez, trazendo a dor do saber-se mortal e a eternidade do *nunca mais*.

Filhos, irmãos, pais, amigos, colegas e companheiros. Cada uma das minhas entrevistadas trouxe sua carga de perdas na conversa. A ampla maioria (na realidade somente uma não está nesta condição) é viúva. Os companheiros ficaram pelo caminho. Algumas contam com muita tristeza o fato, outras se admiram e admoestam o desregramento que levou ao fim tão cedo aquele que, em algum momento da vida, foi tão importante a ponto de projetar-se o viver junto *até que a morte os separassem*.

E depois não é, o Nêgo bonito, cheio de charme e agora está lá pros bichos, estão lá comendo ele. Claro! O Nêgo morreu com quarenta anos de idade, um cara novo! Não precisava, ele era da minha idade, não precisava morrer... claro, criatura! Morreu muito novo. Mas do quê? Malandragem! (Entrevista Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 24)

Ele [o marido] sempre conversava muito comigo e antes de ele ir para o hospital, porque ele tinha câncer no esôfago... e nós ficávamos na casa nós estávamos construindo, ali sentados na janela e ele dizia assim: Nêga, se um dia eu morrer, eu quero que tu cuídes bem do nosso filho. Tu vais ser a mãe e o pai, né? (...) Depois falava de novo. Outro dia, falava de novo. Eu fui e disse assim para ele: ô Nêgo, e se fosse eu que morresse, tu ia casar? Até hoje ele não disse nada prá mim. Aí depois ele morreu aqui em Porto Alegre (...) eu entrei no quarto e ele expirou. Parecia que estava só esperando eu chegar lá no quarto. (...) [leve] ele para Arambaré (...) e eu enterrei ele lá, como eu enterrei o meu filho que tinha vinte nove anos, morreu de acidente de carro também e eu levei o meu marido para lá. (...) Mas também eu fiquei assim, tão ruim, que quando eu deitava minha cabeça parece que arroteava assim, na cama. Arrodeava. (Mariazinha, 88 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 16)

Se Marialda mostra indignação pelo modo de vida do seu *Nêgo*, tão bonito e tão cheio de charme, pela forma infame com que ele deu adeus à vida, Mariazinha conversava com seu marido projetando o

futuro sem ele ou o futuro dele sem ela. O projetar-se, o lançar-se no mundo em que pre-sença prevê o futuro e nele se instala é o mote para a imortalidade. O marido de Mariazinha, ao determinar que a esposa, na sua falta, fizesse as vezes de pai e mãe do filho, era uma forma de amarrá-la para sempre a ele. Não haveria (e não houve) outro na vida de Mariazinha. Isto é que dava segurança ao prosseguir: saber que a vontade permaneceria mesmo após a ausência.

Ao levar o marido para a sua cidade natal e enterrá-lo juntamente com o filho, Mariazinha vai repetir o ritual fundante da espécie: devolver à terra aquilo que dela brotou. Ao comentar a prática pré-histórica, o alvorecer da cultura e da forma de ser de da-sein, Morin (1970) teoriza sobre a terra-mãe e o credo do renascimento. Mesmo que a prática do sepultamento tivesse a preocupação de proteger o morto, ou o seu duplo, dos animais selvagens ou se proteger do próprio morto, há sim, uma analogia de reintroduzir o esqueleto-feto na terra de onde renascerá.

...é provável que a partir do regresso do cadáver ou do esqueleto ao elemento terrestre as analogias cosmomórficas de morte-renascimento tenham ligado a morte com a terra bastante cedo: a terra onde a morte irá se transmutar em nascimento, evoca a determinação materna (MORIN, 1970 pág.114).

O transmutar, hoje enterrado, amanhã árvore ou animal, vai determinar as duas grandes vertentes das crenças humanas: a morte-renascimento por transmigração e a morte-sobrevivência do duplo. Estudos etnográficos apontam as diversas explicações e crenças do duplo que morre aqui para renascer no mundo dos espíritos. Ao morrer no mundo dos espíritos, renasce no mundo dos vivos. O próprio reencarnar espírita está nos primórdios do pensamento da morte.

A consciência da morte, entretanto, não se restringe somente ao seu reconhecimento “*como fato, como a reconhecem os animais, (...), não*

é só ressentida como perda, desapareção, lesão irreparável (...), mas também é concebida como transformação de um estado em outro estado” (MORIN, 1973 pág. 94). Mas esta transformação não impede que a dor da perda se manifeste de forma brutal e avassaladora. Há que achar o lenitivo necessário e este se opera pela magia, pela descoberta do duplo, que emerge na morte, na sombra, no reflexo da imagem, no sonho.

6.2 DA RESILIÊNCIA

Cyrułnik (2001 pág. 31) ao discutir o fixismo estabelecido para o temperamento faz a seguinte observação:

Durante muito tempo interroguei-me contra que um anjo podia revoltar-se, visto que tudo é perfeito no Paraíso. Até o dia em que compreendi que se revoltava contra a perfeição. Uma ordem irrepreensível provocava nele um sentimento de não-vida. Uma justiça absoluta, ao suprimir os aguilhões da indignação, embrutecia-lhe a alma. Uma orgia de pureza enjoava-o tanto como uma nódoa. Portanto, era preciso que um anjo caísse para salientar a ordem e a pureza do Paraíso.

Para além do pressuposto que Cyrułnik desenvolve, o texto trouxe-me algumas questões tais como:

Estar aqui e agora e pensar a imutabilidade da pureza! Mas de que pureza se fala? De qual imutabilidade? E que decadência é necessária à evidência da pureza?

Estar num mundo perfeito! Será que realmente é esse o sonho que nos move? Ou a imperfeição também se constitui como elemento do estar-aqui?

Uma tentativa de resposta está no processo basilar da organização material tanto cosmológica, quanto biológica e social que

se traduz nos binômios ordem-desordem³⁹ (BALANDIER, 1997) e entropia-neguentropia⁴⁰ (MORIN, 1973) ou as situações de não-equilíbrio⁴¹ (PRIGOGINE, 2002, RUELLE, 1993), ou seja, toda a desordem contém uma possibilidade de ordem. No processo evolutivo da organização do vivo, a presença da gravidade terrestre foi fator de desordem para a vida na terra seca, no entanto leva ao desenvolvimento, entre outros, dos ossos e músculos como fator de ordem no processo que se desenvolvia. Desde esse raciocínio, penso que a resiliência é a resposta às imperfeições, às impurezas, à desordem que constituem o viver que não é somente físico ou biológico, mas o viver que se relaciona ao conviver, às ações e às reações das intersecções físicas entre pares.

O termo resiliência vem dos processos físicos da matéria que, sofrendo pressão, retornam ao seu estado original após a cessão da mesma, por exemplo. Neste contexto, a folha de papel é pouco resiliente, pois ao amassá-la não mais retorna à sua forma original. Por outro lado, a borracha é um material resiliente à pressão, pois dependendo do limite desta, suporta-a muito bem e retorna à sua

³⁹ Segundo o autor, a desordem traz em si a ordem, ou seja, é geradora da sua própria ordem: *A desordem portadora de uma infinidade de possíveis, de uma inesgotável fecundidade, é geradora da própria ordem; faz desta um acidente, um acontecimento.*

⁴⁰ Ao introduzir a complexidade nos processos vitais, MORIN (1973: 22) discute o segundo princípio da física clássica, o da termodinâmica, o qual expressa a entropia crescente, isto é, a tendência para a desordem molecular e para a desorganização. No entanto, a vida, pelo contrário, significa tendência para a organização, para a complexidade crescente, isto é, para a neguentropia. Diz o autor: *É o paradoxo da organização viva, cuja ordem informacional que se constrói no tempo parece contradizer um princípio de desordem que se difunde no tempo.*

⁴¹ Elucidando os conceitos de probabilidade e determinismo, Ilya Prigogine afirma que a matéria em situação de equilíbrio é cega, mas que o não-equilíbrio leva a matéria a “ver”, fazendo surgir uma nova coerência que se estabelece na seta no tempo e essas correlações de longa duração devido ao não-equilíbrio são as que proporcionaram as condições para que a vida acontecesse. Diz o autor (2002: 29): *os fenômenos do não-equilíbrio representam com especial evidência o paradoxo do tempo, que revela, antes de tudo, o papel “construtivo” do tempo. Os fenômenos irreversíveis não se reduzem a um aumento de “desordem” (...), mas, ao contrário, têm um importantíssimo papel construtivo.*

forma original. Nestes casos, usou-se a pressão como fator de alteração, mas outros fatores que afetam a matéria, também medem sua resiliência, tal como a temperatura, ph, gravidade, etc.

A resistência por sua vez é o limite que a matéria apresenta antes de ser alterada sem possibilidade de retorno, como, por exemplo, o ferro que é resistente, mas pode ser quebrado e uma vez isto acontecido, mesmo não havendo uma alteração química da substância, houve a física: sua forma foi alterada e não voltou ao original. O termo resiliência vem para fazer a diferença da resistência: esta pode ser quebrada, mas a outra é que dá à matéria condições de retorno ao seu status original.

Quando falamos de ambiente físico, a resiliência está associada à capacidade de reação deste ambiente à depredação, seja aquela realizada por seres humanos, seja aquela realizada por acidentes naturais. Desse modo, quando humanos derrubam florestas, modificam o ecossistema, que tanto pode gerar uma pradaria e no processo sucessório chegar a uma nova floresta ou um deserto. Há, todavia, a formação de outro tipo de ecossistema, mas a vida se perpetua. Um exemplo de resiliência ambiental de causas naturais é de uma erupção vulcânica: todo o ecossistema, soterrado pelas cinzas e lava, em princípio morre, mas, após o cataclismo, revive nos nutrientes minerais trazidos pela erupção o que produz uma nova e exuberante explosão de vida.

Porém, quando falamos de seres humanos, a resiliência está na capacidade de reação às adversidades e tragédias da vida. A resiliência aqui é um processo psicológico que também se diferencia da resistência. Seres humanos podem ou não serem resistentes às adversidades naturais, ambientais, psicológicas, patológicas, etc. Quando não resistentes, há aquilo que Maturana (1997) denomina

falência orgânica. Os resistentes, ao sofrerem pressão ambiental, natural, psicológica, patológica, etc. muito acentuada, podem ter a sua resistência quebrada, o que levaria a uma desacomodação social, psicológica ou patológica e, em último caso, à falência orgânica.

De qualquer modo, a resistência é algo que se testa e que pode levar a uma alteração irreversível quando quebrada. Marialda, mais que resistente é uma pessoa resiliente. Eis o raciocínio elaborado a partir da negação de sua mãe em ajudá-la quando saiu de casa e abandonou o marido abusivo:

Ela é minha mãe, ela ficou com os outros, tudo bem, ela é minha mãe. Eu não posso dizer: a minha mãe foi ruim. Não! Ela foi minha mãe, ela me botou no mundo, só que tem uma coisa, eu fiquei grande, eu arrumei homem, ela me jogou no mundo! Ela está certa, porque eu tenho que saber os caminhos das coisas, eu não posso ser ignorante e não saber das pedras. Que lá em baixo têm pedregulho que eu vou me quebrar. É isso que a minha mãe fez! Do modo dela, mas ela fez. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevista, pág. 6)

Ao saber os caminhos das pedras e que *lá em baixo tem pedregulho que eu vou me quebrar* e, ao mesmo tempo, superar tudo isso construindo uma vida, criando os filhos e realizando seu sonho de estar na escola, Marialda é o protótipo daquilo que se entende por resiliência desde a sua etimologia. O termo resiliência vem do latim *resilio* e dá a ideia de uma ação exercida por alguém ou algo que possui uma elasticidade, uma flexibilidade que lhe é própria e é suscetível de ativar-se, incrementar-se, robustecer-se (TAVARES e ALBUQUERQUE, in SOUSA, 2006). A resiliência, então, é algo que se constrói na convivência e no viver entre humanos e, segundo Cyrulnik (2001, pág. 225), trata-se de *um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito penetra dentro de um contexto afetivo, social e cultural*. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes.

A arte de navegar nas torrentes bem diz o que se entende por resiliência, pois apesar das condições desfavoráveis, seres humanos resilientes são capazes de gerir seu entorno e, apesar de todas as probabilidades em contrário, terem uma vida equilibrada e feliz.

O depoimento de Mariazinha, embora não apresente uma tragédia pessoal, apresenta uma tragédia daquilo que Morin (1973) vai chamar de demência humana ao defender que *homo* que somos, palavra que possivelmente derive de *húmus*, deveríamos chamarmos *Homo sapiens demens*, pois somos ao mesmo tempo sábios e loucos.

Aí a I. foi lá me buscar de noite para a gente ir olhar os bailes dos brancos, porque nós não entrávamos. Naquele tempo, negro não entrava lá. Só olhava, assim, na janela e olhe lá. (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 13)

Não tinha clube dos negros, a gente quando fazia baile... o campo de futebol tinha o clube, então os negros alugavam lá e faziam ali. Quando nós íamos dançar lá, as janelas eram tudo aberta e ficava assim de branco olhando nosso baile. Adoravam, porque negro sabe dançar. Tudo empoleirado olhando. A gente não dizia nada. Ai mesmo é que a gente aparecia. E depois tinha outro clube também, que era um cinema, aí tinha clube dos negros também. Nós íamos para lá dançar. Eu dançava com o meu marido. Dançava assim que era uma loucura! (...) Quando tinha festa, que era de ano em ano, a gente fazia roupa, se enfeitava... (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág.15)

O baile é a euforia, a vida que pulsa na música, a possibilidade de expressar a beleza da dança, a sensualidade dos corpos, a alegria do viver. No entanto, Mariazinha via os brancos dançarem e, numa sociedade estratificada, possivelmente suas belas roupas e sua opulência financeira. Mas ela tinha o seu momento de estar no palco: quando o baile dos negros acontecia, ninguém dançava mais bonito ou se enfeitava com mais gosto. Para além das discussões sociológicas e da triste vergonha de um segregacionismo que realmente vivemos, há que observar que Mariazinha não carrega o ódio ou a raiva por ter de se apartar da convivência com outros humanos de cor diferente. Pelo contrário, orgulha-se de seu povo e da beleza com a qual brindavam os olhos dos observadores com suas

danças e suas roupas. Mesmo sobre o estresse da segregação, Mariazinha apresentava *coping*.

O *coping* é a contrapartida ao estresse. Se este aponta para o perigo ou o desafio, o primeiro vem dar as condições de enfrentamento necessário. Lazarus & Folkman (1986, pág. 993) trazem o seguinte conceito para *coping*:

*é um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais.*⁴²

O estresse na perspectiva do anjo caído é a contraposição da ordem absoluta, é a nódoa necessária, pois se para alguns humanos o estresse é perigo, para outros é um desafio. De qualquer forma, o estresse é a mácula na ordem das coisas. Introduzindo nas Ciências Sociais o conceito de estresse em 1936, Hans Selye (*in* REVUELTA, 1994) afirmava que é uma resposta específica do corpo a uma exigência feita a ele. Na bibliografia específica sobre as condições psicológicas humanas, o termo estresse sempre vem acompanhado de outros tais como circunstâncias ou situações. As circunstâncias e as situações que humanos vivem são proporcionadas pelo meio em que está inserido e, desse modo, o meio pode ser o vetor do fator estressante, a nódoa na orgia de pureza.

Se o conceito de estresse é acompanhado pelas circunstâncias ou situações, o conceito de *coping* vem acompanhado de palavras, tais como habilidades, estratégias, comportamentos, estilos, respostas ou recursos e, nesse caso, há uma combinação entre

⁴² No original: *Coping is defined as the person's constantly changing cognitive and behavioral efforts to manage specific external and/or internal demands that are appraised as taxing or exceeding the person's resources.*

aquilo que é inerente a si ou por aquisição no viver e aquilo que o meio proporciona.

Marialda conta-me sua estratégia para enfrentar o final do seu tumultuado casamento:

E eu já fui para o barbeiro e já cortei o meu cabelo bem curtinho. Quando eu fui para o tal do divórcio... eu cheguei lá, eu me sentei, a saia bem curta. Era o que eu mais queria, uma saia bem curta! As pernas bem cruzadas, adoro até hoje cruzar as pernas! Cabelo cortadinho, bem pretinho... era uma trança que Deus me perdoe! Bem bonita, o beicinho bem pintado, tudo bem ajeitadinho. Sentadinha, esperando... O juiz chamou ele e ele foi. Aí o juiz me chamou... aliás o juiz me chamou primeiro e eu entrei depois e ele ficou parado ali... não me conheceu! Quando eu entrei, quando ele entrou, ele disse assim:

- É, mas a minha esposa não veio.

- Como é que é o seu nome?

- O meu nome é fulana de tal.

- Como é que é o nome da...

Ele parou! Professora, nunca saiu isto da minha ideia. Ele parou!

- Não é ela!

- Os documentos que eu tenho aqui só...

- Eu não acredito!

Mas eu fiquei linda! Que linda, com aquele raio daquele cabelo! Fiquei linda! Aí ele foi e falou:

- Não, é esta aí sim! Eu não acredito, eu não sei o quê que tem, porque eu não quero deixar ela, foi coisa mal entendida. (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 11)

Maffesoli (1999) aponta para as questões da ética e da estética desde uma *epifanização do corpo* na qual, mesmo nos ambientes privados, o corpo é algo para ser visto. Ao epifanizar e valorizar o corpo, cria-se uma estética própria a uma ética grupal, que *integra o conjunto e fortalece o indivíduo*. Para o autor, a estética pode ter por função agregar e fortalecer a *sociabilidade*⁴³. Sobrevivente na “selva

⁴³ Maffesoli (1995: 17) vai estabelecer o neologismo *societal* para estabelecer a diferença do social, que, segundo o autor, *no que toca a terminologia, o termo “social” é hoje de uso corrente. Seu emprego ora designa a relação racional e mecânica dos indivíduos entre eles próprios (e social adquire então um sentido ideológico), ora se refere, de modo neutro, a “todo social”, “conjunto social”, etc.* Por buscar uma terminologia que superasse a simples associação racional, mas sim sublinhasse a característica essencial do *estar-junto-com*, cria o neologismo *societal*. Daí a palavra *socialidade*, que é uma *expressão cotidiana e tangível da solidariedade de base, do societal em ato*.

urbana”, colocada na rua pela mãe, com dois filhos bebês para criar, interiorana, sem “eira nem beira”, Marialda dá a volta por cima e se apresenta frente ao juiz para o divórcio da forma que ela sempre sonhou: saia curta, lábios pintados, cabelos arrumados e se orgulha de não ser reconhecida pelo ex-companheiro, tal a inversão que ela mesmo faz na sua aparência. É desde aquilo que costumamos chamar de *frívolo* que se estabelece a pequena vingança e o mecanismo de *coping* de Marialda.

O que é inerente a si vem definir uma pessoa de conduta resiliente com as seguintes características: boa cognição, controle interno, autonomia e habilidade em estabelecer relações sociais quando se trata do indivíduo. Matos (2010 pág. 56) aponta que as especificações das reações de conduta resiliente

...tipificar-se-ão pela existência de um comportamento construtivo, adaptativo e socialmente estável, distinguindo as pessoas resilientes por apresentarem características como competência social (habilidade para se relacionarem), metacognição (resolverem problemas) e autonomia (desenvolverem identidade) e por planejarem e terem esperança no futuro.

Ouvindo as histórias de vida de minhas entrevistadas, pude observar vários exemplos de conduta resiliente que estão dispostas ao longo do texto, mas cabe aqui um que denota a capacidade de o resiliente lançar mão de seus recursos positivos para enfrentar as adversidades e de como a resiliência pode ser considerada fator de proteção para a adaptação do indivíduo às exigências cotidianas:

... a primeira vez que eu sento na máquina para coser, cosi este dedo aqui! A agulha quebrou aqui, fincada no dedo. Olhei para o lado e já vieram os rapazes, que trabalhavam, ali com alicate puxaram a ponta da agulha, eles fizeram... naquela época a gente não tinha direito a nada, não é, nem existia INPS, nem coisa nenhuma, era, como é que eles diziam, Instituto... não tinha essas coisas, qualquer coisinha se encostar como hoje, não é, vai ali no postinho, faz um... uma consulta, faz um curativo, não, não tinha nada disso. Aí me botaram um

remédio, sei lá o quê que era, enrolaram meu dedo e mandaram para casa.

- Amanhã, se tu estiver bem, tu vens.

- Tudo bem.

No outro dia, eu não queria era perder o serviço, no outro dia lá fui eu com o dedo amarrado e lá fiquei me cuidado da máquina, porque eu nunca tinha entrado dentro de uma fábrica. (Marian, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 4-5)

Marian retorna, supera o susto de ter cosido o dedo, a precariedade do atendimento social e contando somente com a solidariedade dos colegas para resolver o seu problema, volta à fábrica e aprende a costurar.

Marian conta-me como o estar-com pode ser um fator de resiliência:

Faz trinta e seis anos que eu faço isso, que eu trabalho com os pobres. Eu tenho um grupo de senhoras que colaboram comigo, (...) em junho nós compramos cobertores, agora nós entregamos os cobertores. Nós compramos os cobertores em junho. É um grupo de senhoras que colaboram, nós temos até uma caderneta de poupança aqui nesta Caixa Econômica, que elas vão colaborando por mês que fica mais fácil, não é, cada uma dá um pouco durante o mês, melhor até porque a pessoa não sente, não é? Depois em dezembro fazemos rancho, fazemos rancho para os pobres. (...) Não são como estes ranchinhos que eles dão aí, não é, inclusive damos panetone e tudo, balas de Natal. (...) eu trabalho há anos e os meus relatórios são detalhados. Todos direitinhos, todas as pessoas colaboram, sabe, tenho a relação de todas elas, quanto dão, não é, faço para onde vai o dinheiro... por isso que eu continuo com isso aí, porque é muito difícil lidar com o dinheiro dos outros, mas então fazendo o relatório, menina, do jeito que eu faço, eu consigo... ah, é uma maravilha! Me dá um trabalho louco, mas está bem esclarecido. Isto me ajuda muito, me faz muito bem, muito bem mesmo. (Marian, 92 anos, Caderno de Entrevista 2, pág. 8)

Trouxe esse depoimento porque me recordo do ânimo com que Marian contou-o e do quanto isso era importante na sua vida. Desde a organização das pessoas, o uso do computador, as compras dos materiais, a distribuição, os relatórios e os recibos das doações, enfim, o trabalho de um ano inteiro, que se concretizava nas cestas

de Natal e nos cobertores do inverno, preenchia a vida e dava sentido à existência.

Por outro lado, a perda de familiares sempre é uma forma de envelhecer rapidamente e fator estressante. Diz Maribel: *Eu envelheci muito com esta doença do meu marido. Eu fui um bocado abaixo.* (Maribel, 77 anos, Caderno de Entrevista 11, pág. 6)

Mas, independentemente do fato de reconhecer que a perda do marido a levou a um envelhecimento mais acentuado, Maribel não desistiu de sair todos os dias da semana e participar das aulas, as quais acompanha há pelos menos dezenove anos.

Esta convivência com as pessoas é muito importante. Eu limitar-me-ia a sair com a filha, ou ir à casa da filha ou ela vir a minha casa e deixava de conviver, porque eu não sou muito de andar em cafés, não tenho muito esses hábitos. De maneira que eu acho que a Universidade foi uma coisa realmente fundamental. Já faz quase dezenove anos que eu ando aqui na Universidade. Só interrompi quando o meu marido esteve doente e de resto tenho vindo sempre, sempre que posso eu venho. (Maribel, 77 anos, Caderno de Entrevista 11, pág. 6)

Os fatores de risco e os estressores raramente são eventos isolados, segundo Sapienza *et alii* (2005), normalmente fazendo parte de um ambiente complexo que, quando interligados, constituem-se em um mecanismo que age influenciando o indivíduo. Sousa (2006, p.37), ao discutir a proteção como contraposição ao risco ou à vulnerabilidade de indivíduos, aponta que há quatro processos distintos em que o risco se coloca como fator de proteção, sendo eles:

Através da redução do impacto de risco, quer por alteração do próprio risco, quer modificando o grau de exposição do indivíduo a esse risco; pela redução da cadeia de reações negativas que seguem à exposição aos efeitos nefastos; pelo aumento da autoestima e da auto eficácia (...) através do contributo das relações interpessoais (...), [das] novas experiências (...)]e da] competência no cumprimento de tarefas; (...) abertura a

oportunidades que possibilitem ao sujeito ter acesso a recursos ou completar importantes transições no seu ciclo de vida.

Dos quatro processos apontados por Sousa (2006), dois podem ser da competência do âmbito escolar, especialmente o que se refere aos processos de aumento da autoestima e da autoeficácia já que a Escola vai proporcionar a oportunidade de novas relações interpessoais, de novas experiências e de ajudar a desenvolver competências para resolução de problemas e tarefas. Por sua vez, ao pensar a complexidade do mundo, Maffesoli (2001, p. 12-3), propõe um saber dionisíaco, ou seja,

um saber que seja capaz de integrar o caos ou que, pelo menos, conceda a este o lugar que lhe é próprio. Um saber que saiba, por mais paradoxal que isso possa parecer, estabelecer a topografia da incerteza e do imprevisível, da desordem e da efervescência, do trágico e do não-racional. Coisas incontroláveis, imprevisíveis, mas não menos humanas. Coisas que, em graus diversos, atravessam as histórias individuais e coletivas. Coisas, portanto, que constituem a via crucis do ato do conhecimento.

Um saber que seja capaz de integrar o caos é o que se busca quando propõe a resiliência nas populações e, deste modo, o saber que seja capaz de integrar o caos prevê um espaço escolar não somente voltado ao processo da aprendizagem dita clássica, mas que contemple os aspectos da convivência social e do ócio a ela associado.

Penso que, para os velhos, a esperança de futuro é fundamento do viver. Há sempre o amanhã e no amanhã há a possibilidade, pois

Lançada e existindo em função de si na entrega a si mesma, a pre-sença, na condição de ser e estar junto a, é, ao mesmo tempo, atualizante. É o ser-para que determina o esquema horizontal da atualidade. (...)

Com a pre-sença de fato, um poder-se está sempre lançado no horizonte do porvir, o “já ser” está sempre aberto no horizonte do vigor de ter sido, e aquilo de que se ocupa já está sempre descoberto no horizonte da atualidade (HEIDEGGER, 2002, p. 166-7, vol.II).

Poder-se na condição de ser-e-estar-junto-a é um dos fatores ambientais de resiliência proporcionados pela Instituição Escola para aqueles que já viveram muito, mas ainda têm muito a viver.

6.3 ESCOLA E ANCIÃS: O LUGAR DE CUIDADO.

Na temporalidade, o porvir se reveste na angústia, e a Cura se localiza na possibilidade de transcendência e de permanência. A permanência se faz na Instituição. Nornberg (2008: 103) vai estabelecer a Instituição como um lugar *de ocupação e preocupação...*

...com tudo o que faz parte da vida do outro, em sua individualidade, mas, principalmente, do que nos congrega como coletividade. As instituições apresentam-se como decorrentes da vontade, da necessidade ou desejo de estar próximos uns dos outros. Institucionalizamos nossos atos porque acreditamos que uma instituição torna possível que a nossa existência ocorra de forma mais ordenada, pacífica e funciona, o que nos permite, em tese, viver melhor na sociedade.

A instituição Escola está no tempo, e dasein temporaliza-se na instituição como forma de construção e projeção do futuro e, deste modo, a Instituição Escola se estabelece como espaço de Cura-Cuidado para aqueles que já viveram o suficiente e têm muito que ensinar, mas que, no entanto, estão ali buscando aprender.

Não era vontade. Eu tinha desejo! De sentar numa sala de aula, de escrever, de falar com uma professora como eu estou falando com a senhora. A senhora nem imagina o desejo que a senhora está me proporcionando agora, aquela coisa boa, sabe? É muito bom. Uma coisa

muito boa! (...) Era isso sim, a professora falando com os alunos, escrevendo no quadro... eu tinha paixão de olhar para um quadro negro, escrever num quadro negro!

R – E chegou a escrever?

Cheguei!!! Uma coisa que eu nem sou muito, que é a matemática que, Graças a Deus, eu estou indo boa. Então isto para mim é muito gratificante. (Marialda, 71 anos Caderno de Entrevistas 5, pág. 4)

Tendo o seu desejo realizado, Marialda aponta para o imaginário que pode perpassar pessoas que adentram na Educação de Jovens e Adultos, qual seja, em sua ampla maioria pensa a escola nos moldes clássicos: alunos sentados que ouvem um professor que escreve no quadro. Digo isso desde minha experiência que remonta há, pelo menos, vinte anos em classes dessa modalidade. Ao propormos uma outra ótica de aprendizagem, na qual as saídas de campo, tanto culturais, quanto recreativas ou históricas, bem como as possibilidades de festas (bailes, feiras) eram recebidas com reserva, pois não se tinha *nada escrito no caderno*, portanto não era aula. Porém, essas práticas mostravam-se eficientes à medida que os alunos entendiam a proposta, já que esta não se voltava exclusivamente para a “transposição” do conhecimento escolar, buscando uma apropriação da cidade numa visão de que o espaço cidadão é público e passível de ser desfrutado e conhecido⁴⁴.

Ao buscarmos, enquanto Escola, um currículo voltado para a população de trabalhadores em processo de alfabetização ou analfabetos (motivo da constituição do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire) foi Educação Artística (Plásticas, Teatro, Música, etc.) a disciplina fundante do aprendizado nos moldes que se propunha naquele espaço e naquele tempo. Mariazinha vê-se

⁴⁴ Na época era comum andarmos pelas ruas da cidade apontando as edificações e monumentos, contando de sua arquitetura e história, visitando teatros, museus, palácios, instituições públicas, parques, festas regionais, etc. Quando andávamos pelo Centro Histórico contando como Porto Alegre se constituiu e fotografando a cidade, os alunos diziam-nos que parecia ser a primeira vez que viam os prédios e que jamais haviam sequer notado a sua existência. Lembro também da emoção dos alunos ao conhecerem o Teatro São Pedro, cuja ampla maioria imaginava que era um espaço destinado às “pessoas ricas”.

contemplada nas suas expectativas ao afirmar: *...eu continuei, com esse negócio de teatro que eu adooooo fazer teatro. Adoro!* (Mariazinha, 82 anos, Caderno de Entrevista 7, pág. 21).

O teatro para Mariazinha é um belo motivo para que ela não deixe de comparecer ao espaço escolar e, mesmo que a aprendizagem da escrita não lhe dê os frutos que ela pensava colher, há a possibilidade de se expressar no palco, de se mostrar à plateia e encarnar outros personagens que não o si-mesmo.

Marialda, à época da entrevista, estava há quatro meses frequentando as aulas e via cumprir todas as expectativas com as quais sonhava:

Eu acho muito bom, eu acho muito legal, eu adoro, por exemplo, assim, as merendas. Bah, tá na hora do recreio... eu adoro recreio! Aí tu conhece uma, tu conhece outra, tu conhece outra. E uma amiga minha, aquela que eu estava conversando com ela, quem trouxe ela para cá fui eu. Eu é que trouxe ela. Diz ela:

- (...) que coisa mais boa! Como é bom estudar! (Marialda, 71 anos, Caderno de Entrevistas 5, pág. 32)

Para além do imaginário – o recreio, a merenda, – estar-junto-com (MAFFESOLI, 1985), o conhecer pessoas próximas no viver, pois que estão em situação semelhantes, ou seja, buscando o aprender escolar em fases da vida que não são mais aquelas da norma, o trazer a amiga para esse ambiente e ouvi-la concordar com o fato que *é bom estudar*, faz, para Marialda, este momento – o do estar-na-escola, o momento mágico.

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire foi fundado para alfabetizar e inserir no espaço escolar os trabalhadores da cidade de Porto Alegre, mas na sua existência, passou a acolher pessoas com deficiências (cadeirantes, cegos, surdos e síndromicos) adaptando-se a eles. Por outro lado, por ser uma Escola de Educação de Jovens e Adultos, a idade mínima exigida é de quinze anos, o que leva muitos alunos que não se adaptam à escola dita tradicional a procurá-

lo. Quando perguntei à Mariana como ela sentia-se nesse ambiente, responde-me o seguinte:

É claro, a gurizada é guris novos, né, eles não ficam quietos, né, de jeito nenhum

R - Têm um ritmo acelerado.

Acompanhar eles, né, os idosos são mais lentos, né. Agora nós aqui somos tudo senhoras, né? Três guri vieram, mas já foi embora. Dois avançou, os índios, mas além desses índios tinha mais três, vieram só uma semana e desistiram e essa semana entrou outro gurizinho. Tem a L., que é bem novinha e está bem feliz com nós. Porque agora tem aquele que é meio doente, o R. e o E. Os dois não são normais. A gente nota, né? Aqueles dois são quietos, não são de fazer bagunça. São bem mais tranquilos, estudam com gente, não são agressivos nem nada. Só o R. que não é de ler, né, ele fica um pouco aí depois sai. Mas a professora já sabe, né, mas ele não incomoda. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 16)

Aqui Mariana aponta um problema que considero grave na heterogeneidade: as diferenças muito extensas de postura na convivência. Não falo aqui da idade, visto que a depoente mesmo aponta para uma adolescente bem jovem que é frequentadora da classe, mas da postura que esses jovens podem ter em aula. Juntar adultos e idosos com jovens buliçosos é sempre em detrimento dos primeiros, especialmente se eles são minoria, pois acabam por desistir da frequência às aulas. Digo isso desde minha própria experiência: turmas com ampla maioria de idosos e adultos assimilavam muito bem os jovens irrequietos e acabavam por acalmá-los. Já turmas com maioria de jovens agitados expulsavam os idosos e adultos. Para esta população, a de adultos e idosos, não há problemas na composição da turma, desde que seus tempos sejam respeitados.

Em relação à convivência, Marisol depõe o seguinte:

Acho que a UATI faz falta, nós os que vivemos principalmente já com esta idade e sozinhos, precisamos nos ocupar, precisamos que o cérebro trabalhe e vamos aprendendo muitas coisas que não sabíamos, umas ficam outras não ficam, porque já não temos aquela... poder de captar as coisas, não é? Mas fica sempre qualquer coisa. Há o convívio com colegas, não serão com todos, mas há... eu dou-me com todos. (Marisol, 77 anos Caderno de Entrevista 10, pág. 10)

Conviver com os colegas, mais do que aprender é um mote para a frequência diária de Marisol, pois que, *precisamos nos ocupar, precisamos que o cérebro trabalhe* e, embora reconheça que nem todas as coisas *ficam, porque já não temos aquela...*, ou seja, o poder memorizar já não está presente. Penso aqui que o julgamento de Marisol é um pouco duro com as suas capacidades. Lembro que, ao concluir minha licenciatura, embora eu tivesse facilidade para responder às provas e granjeasse boas notas, ao adentrar na escola para exercer meu cargo de professora, necessitei utilizar os conhecimentos “adquiridos”, mas, infelizmente, eles haviam escapado. Tive de reestudá-los um a um e eu era jovem, muito jovem nessa época. Foi na repetição das fórmulas que se consagraram a solidificação do meu saber utilizado nas aulas que ministrei.

Quanto a aprendizagem Lehr & Thomaé (2003) afirmam que as pessoas de idade têm mais dificuldades de aprendizagem quando aquilo que se expõe carece de sentido; quando há uma intuição de sentido para o material apresentado, os rendimentos de aprendizagem assemelham-se aos dos jovens. Para as pessoas de idade falta uma determinada técnica para a aprendizagem, mas essa *debilidade de codificação* pode ser sanada, até que o déficit seja compensado. A apresentação do material de aprendizagem de forma muito rápida também representa um impedimento. Ao se nivelar o fator tempo, nivelam-se as diferenças entre a aprendizagem de jovens e idosos. Repetições de exercícios e de tarefas não são fatores preponderantes para nivelamento, embora os jovens partam, em geral, de uma base inicial mais sólida, o que levaria os idosos a necessitarem de uma repetição maior para alcançar o mesmo nível.

Ah, eu aprendo muito, muita coisa. Posso não estar bem em leitura, em escrita, em tudo, mas eu aprendo muita coisa. Cada dia é um assunto diferente e a gente vai... é filme, é teatro, é... como é que se diz... essas oficinas que fazem, (educação) física que a gente precisa... eu cantei durante três anos aqui no coral da escola e depois sai. (Marian, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 12).

É interessante a perspectiva que Mariar dá dos seus conhecimentos: embora não esteja muito bem na escrita e na leitura, os diferentes assuntos, os filmes, o teatro e as oficinas oferecem-lhe uma visão de que aprendeu muita coisa. Isso se configura enquanto um processo de aquisição de autoestima, pois idosos se reconhecem enquanto pessoas que apresentam déficit de aprendizagem e de memória, pelo que pude depreender das entrevistas e das conversas informais que tenho tido com eles.

Segundo Lehr & Thomae (2003), os idosos não apresentam um déficit de aprendizagem pelo declínio da capacidade de aprender na maioria dos casos; isto está mais relacionado à insegurança que cria um obstáculo para reproduzir o que foi aprendido. Para as pessoas de idade, é necessário um material de aprendizagem objetivo e com menor grau de complexidade. O processo de aprendizagem para as pessoas de idade é mais suscetível de perturbações que para os jovens; desse modo, as pausas na educação de jovens são bem vindas, mas pioram o rendimento quando são idosos.

Em relação à aprendizagem nos idosos, Lehr & Thomae (2003) vão afirmar que, quando realizada por partes, é favorável aos jovens, enquanto para os primeiros o favorecimento se dá na aprendizagem do conjunto. Além disso, há as condições de saúde, de um pré-conhecimento já experimentado na idade adulta e de uma disposição pessoal de aceitar e reter o material oferecido, além de concluírem que, se há um déficit de aprendizagem em pessoas idosas, esse déficit está relacionado a fatores somáticos, sociais, psíquicos, pedagógicos e biográficos, mais do que a própria idade do aprendiz.

Maribel, novamente, retoma o tema que *a cabeça já não retém como antigamente*:

O convívio, ouvir as aulas dos professores, a gente mesmo que não aprenda, mesmo que a cabeça já não retém como antigamente, mas há sempre coisas que são agradáveis de ouvir. E esta convivência com as

peças é muito importante. (Maribel, 77 anos, Caderno de Entrevista II, pág. 4)

É na convivência com as pessoas e nas coisas agradáveis de ouvir que Maribel ancora a sua vontade de ir à escola, e considero que as relações interpessoais são uma premissa muito importante na aprendizagem de idosos. Digo isso desde as análises de Mariana a contar-me sobre quantas professoras conheceu e como se relacionou com elas:

Ah, nos primeiros dias a gente fica meio assim, muito encabulada, não é, mas depois que eu me acostumei, tudo bem! Depois eu fiz amizades, não é. Eu fiquei dois anos com esta professora e depois ela me passou para a professora [segunda professora]. Aí eu tive um mês com a [segunda professora] professora. Aí a professora saiu. Suiu não, ela pediu para dar aula de noite ou de manhã, não sei, mas aí veio a professora [terceira professora]. Muito boa! Ah! Como era gozada a professora! Puxava bastante [ensinava] pela gente. A aula nossa era naquela salinha comprida, um corredor, eu acho que é no terceiro ou quarto andar, lá. Aí ela foi embora, veio a professora [quarta professora]. Muito querida, era uma baixinha, gordinha. Até ela deu uma manta para cada aluna que fizeram aniversário, (...) então ela deu uma manta, uma para mim, outra para a... eu sei que foi quatro que ganharam manta de tricô que ela fez. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 9)

Ah, a professora (atual) é muito querida, muito calma, tem uma paciência, não é? (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág.10)

Bem, bem mesmo, olha a professora [da oficina de leitura], eu comecei a estudar com ela, ela dá aula de leitura para nós, não é? Então quando ela vê que eu estou nervosa, ela para, ela manda eu parar. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág.10)

Quando Mariana fez essa análise já frequentava o Centro há cinco anos e é interessante observar que destaca o bom-humor, a bondade a paciência e a sensibilidade das professoras. Por outro lado, conta-me em sigilo, o seguinte:

Eu tive uma professora, este ano mesmo, [penúltima professora], mas eu acho que ela estava doente. (bem baixinho) Ela dava uns gritos com nós. Suiu cinco da aula dela. Teve doente, não é? Ela estava passando mal, por causa dos remédios. (...) Ela dava uns gritos, mas daí eu até falei para [coordenadora]: Ai professora, me arruma outro professor, deixa eu ir para a sala da [professora atual]. Ai professora! Eu não sei se é porque ela está doente, ela dá uns gritos com nós. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 14)

Tô, bah, maravilha, ela é muito querida [a atual professora]. Mesmo que tu não saiba, ela não diz que tu não sabes. Ela sempre [diz]: Não, tá legal! Mas ela me ensina. E quando é para corrigir, que tem alguma conta errada ela não bota certo, que a gente nota que está errado, não é? E a professora [outra professora anterior] ela pegava o nosso caderno e riscava tudo assim, ó. (Caneta vermelha ou lápis?) Caneta vermelha para chamar bem atenção, para fazer tudo de novo. (...) quando está errado ela não tem paciência de explicar. Ela faz assim, ó, e vai fazer tudo de novo. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 15)

Gritar com alunos é sempre um perigo. Perigo maior quando esses alunos são adultos e idosos. Não quero emitir juízo de valor ao apresentar esse depoimento, simplesmente quero alertar para aquilo que alunos idosos consideram de bom alvitre num professor e, embora, as outras entrevistadas não tenham feito a análise que Mariana fez, é interessante observar que elas destacam a calma e a sensibilidade dos professores como fatores de atração e de possibilidade de aprendizagem para elas.

Mariana, quando começamos a falar sobre o tema escola, disse-me o seguinte:

Às vezes eu perguntava para as amigas e aquilo foi me martelando na cabeça: Meu Deus, será que eu vou morrer e não vou entrar no colégio para ler e escrever? Já não digo para estudo, não é, mas para ler e escrever. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista, pág. 2)

Mariana não pedia muito, não era o estudo que ela queria e penso que o estudo aqui se refere àquilo que o saber escolar propõe, ela não queria aprender as matemáticas, as geografias, histórias ou ciências. Ela queria somente ler e escrever! Mariana, por outro lado, faz bom uso de sua inaptidão com as letras quando quer ser despedida da firma na qual trabalhava:

Sabe o que é que eu fiz? Eu peguei uma garrafa de Brahma e botei num balde, eu e outra, e nos escondemos atrás do balcão e abrimos e começamos a tomar (risos) a Brahma, eu e a outra, porque eu queria ir para a rua.

Aí veio a gerente:

- O que estás fazendo aí (...)?
- Nada! Estou tomando um guaranazinho lá que eu peguei.
- Ai (...), não é guaraná!

- Não é guaraná?
- Não, é Brahma!
- Ah, eu pensei que era guaraná!
Claro, eu não sabia ler, não é? Mas eu sabia que era Brahma.
(Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista, pág. 4)

Fingindo não se dar conta que bebia álcool da cerveja, utiliza o “jeitinho” para ser despedida, já que era exatamente isso que esperava e é naquilo que ela chama *rotina da casa*, que toma coragem para dar o passo em direção ao saber:

...porque se a gente fica em casa, às vezes, fica pensando coisas que não deve, não é? E esta rotina de casa... pelo menos eu saio, eu vejo gente, a gente tem amizades, conversa, estuda, aprende. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 9).

Novamente aqui se pode observar o papel social que escola tem para as pessoas: ver gente, sair, fazer amizades, conversar e, além de todas essas benesses, estudar e aprender.

A prática pedagógica na escola de Mariana tenta apartar-se das práticas daquilo que se convencionou chamar *escola clássica*. Desse modo, os alunos nas Totalidades Iniciais não ultrapassam o número de vinte por professor, mas a média de frequentadores diários está em torno de dez, havendo um revezamento totalmente informal e condicionado às necessidades dos próprios: os que faltaram num dia, poderão estar presentes no outro. A disposição das classes é em círculo e, embora haja um quadro para escrita, o professor sempre busca alternativas de uso a ele (folhas impressas, vídeo, projeções, etc.).

Nas minhas observações, as aulas são conversadas, os professores leem contos ou livros e têm um planejamento comum a todos. Há os momentos para leitura, para as “histórias matemáticas”, interpretação de textos, construção textual, expressão oral, etc. Quando fiz a observação, uma das professoras estava trabalhando as semelhanças entre as pessoas da mesma família, desde uma peça

teatral e colocou a seguinte pergunta no quadro: “Será que a gente tem um pouco de cada pessoa?”. Ouvi os seguintes comentários das alunas:

Mariana: A gente tem passado por tantas, professora! A gente aprende um pouquinho de cada uma.

Mariazinha: A minha neta é a cara da vó dela. O cabelo, a mão... quando ela está fazendo alguma coisa, ela põe a língua para fora, que nem meu genro.

(Diário de Campo, pág. 07)

A professora então dita uma frase que é escrita pelos alunos nos cadernos. Após a professora lê cada um dos cadernos e copia no quadro as escritas que não se adequaram ortograficamente que, após serem observada pelos alunos, estes apontam quando há erro ortográfico e propõem as correções devidas. Alguns deles, especialmente os mais idosos, ao verem a forma escrita no quadro, apagaram o que escreveram no caderno e copiam aquilo que a professora escreveu no intuito de que eles mesmos fizessem as correções.

Essas observações são interessantes, pois mostram a “autoridade” que o professor tem para esses alunos ainda inseguros das suas próprias aprendizagens. Mesmo com a explicação e a concordância de que as frases seriam escritas para correção, vi alguns deles que escreveram corretamente, sem qualquer sombra de erro, apagam suas produções para copiarem aquilo que a professora escrevia: porque estava no quadro e porque a professora escreveu.

O imaginário da escola, aquela em que o que o professor fala ou escreve é sempre o correto e precisa ser guardado no caderno parece ser mais forte do que qualquer explicação anterior e é necessário um tempo para que alunos idosos se desprendam das suas concepções já formadas sobre como a escola age, para aí, então, as novas práticas serem aprendidas e entendidas. Quando isso acontece (e eu vi acontecer) já não se comete o mesmo erro: espera-se para ver se aquilo

que se produziu estava realmente correto e se aprende a ter mais confiança no que se faz.

Marisol, ao fazer uma análise das condições das aulas em outro espaço e em outro momento, diz-me o seguinte:

Acho que tem feito bem a muita gente e acho que não pode acabar a UATI. Temos que ter força para aquilo ir para a frente. As pessoas, muitas, se chateiam porque dizem que, pá, é sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, porque a UATI ali, falta-lhe mais espaço. Se a UATI tivesse mais espaço para ter um bar, as pessoas já... ou uma salinha para as pessoas estarem sentadas, aquilo tudo, as pessoas... assim não. As pessoas entram e está ali, está muitas horas sentadas e as pessoas também não querem estar tantas horas sentadas, de maneira que vão embora, porque, principalmente, o doutor Paiva, a gente diz que ele abusa, porque ele tem que terminar... por exemplo, o Dr. P., começa às duas e meia e ele tem que terminar as três e vinte para que possamos levantarmos, movimentarmos, mas ele, às vezes, é vinte para as quatro e ainda está a dar aulas. E o outro professor está lá à espera. Ele não respeita e parece que se entusiasma mesmo quando está no fim, ele se entusiasma. Ele não faz por mal, a gente sabe o entusiasmo dele! Mas não pode ser assim, porque a gente... é muito cansativo e depois as pessoas já estão cansadas e acabam por se ir embora. (...)Eles (os professores) esquecem que cansa. Que a pessoa tem que levantar, tem que conviver um bocadinho com os outros. Não pode ter gente chegar... entrou o outro, às vezes, nem se pode dizer uma palavra a outra pessoa, porque é tão seguido, tão seguido... porque demora, vão para além daquilo que devem estar e isto é cansativo somente para a nossa idade. E há professores que deixam a gente intervir e há outros que não, o que satura. Satura, pois. Escutar, a pessoa acaba por aborrecer... eu então sou uma pessoa que nunca tive o poder de concentração, de maneira que o professor está a falar e a minha colega até diz: (...), já cá não estás, pois não? E eu digo: não, a minha cabeça já voou. (risos). Porque eu tenho pouco poder de concentração. (Marisol, 77 anos, Caderno de Entrevista 10, pág. 11)

Se o movimento, o falar, o expressar-se e o lúdico fazem parte da proposta da primeira escola no dia-a-dia da sala de aula, a Universidade não se pauta nesta ótica. Digo-o desde a crítica que Marisol faz, mas também de minhas próprias observações.

A única sala para palestra é organizada da forma clássica: cadeiras à frente de outras cadeiras, nas quais os assistentes sentam-se em filas. Há que se observar aqui que, mesmo sendo uma sala grande, não comportaria o círculo pelo número de alunos presentes e, mesmo nas palestras com menor público, essa modalidade não é usada. Os palestrantes e professores traziam temas interessantes e com

aprofundamento teórico, mas não incentivavam a participação dos ouvintes (à exceção da professora de Literatura, que não só proporcionava a conversa, como incentivava o declamar de poemas durante a aula). Francisca era uma das alunas que, quando presente, mais se manifestava contestando, perguntando ou colocando sua opinião sobre o que se falava. Observei que algumas vezes os palestrantes desencorajavam a participação, continuando sua peroração sem ouvir o que se pedia ou perguntava. Tal como Marisol descreveu, o espaço é pequeno, não há uma sala para recreação, e o tempo entre uma palestra e outra é mínimo, quando existe.

A observação de Marialda sobre gostar dos recreios aqui fica muito prejudicada, mas, no entanto, observo que a saída das aulas é o momento das trocas: as pessoas permanecem na frente do prédio onde se localiza esse espaço da Universidade a conversar umas com as outras e vão em grupos para casa. É desse modo que aprofundam as relações e que as levam a conviver nas casas dos colegas quando em visitas ou nas inúmeras viagens culturais ou de estudo que a instituição oferece.

Marisol conta-me sobre uma amiga, já falecida, que fez a Universidade:

Nós tínhamos uma colega que faleceu o ano passado, tenho a impressão, que era uma coisa fantástica. (...) Vivia aqui no fundo da rua. Aquela senhora era sensacional, porque tinha poemas de todos metidos na cabeça. Era um computador autêntico. Era só dizer: diga este e ela tã, tã, tã, diga aquele: tã tã, tã, tã! Era uma coisa espantosa! Era uma coisa espantosa, mesmo. Um dia viemos aqui a casa dela, visitar a casa dela, vasos de flores, tinha quatrocentos! Vasos de flores. Vivia sozinha. Bonecos? era por toda a casa. Até coleção de molas de roupa, coleção de carrinhos e não sei mais o quê. Tinha um escritório com os livros do marido, com quatro mil livros. Nós dizíamos, mas quem é a mulher a dias que quer limpar esta casa. E ela ria-se e dizia: não há nenhuma que queira (risos). Tanta coisa, tanta coisa pequenina. E, infelizmente, morreu e ainda hoje está na nossa memória de como ela tinha aquela capacidade de dizer poemas, às vezes, enormíssimos e ela dizia aquilo bem, bem, bem. Era uma coisa fantástica! Fizeram-lhe uma homenagem, ali... (Marisol, 77 anos, Caderno de Entrevista 10, pág. 15)

Este foi um dos casos relatados pelas informantes da Universidade das colegas que se foram que trouxe aqui para demonstrar como as relações interpessoais se estabelecem desde o conviver na sala de aula. Maribel contou-me outras histórias, inclusive de casamentos e namoros, nas minhas caminhadas com ela, mas não na entrevista gravada.

É desde o tédio que pode afetar as aulas inteiramente faladas, tal como uma palestra, que penso ser interessante o seguinte depoimento:

Nós tínhamos um professor de geografia, que já morreu, era muito engraçado. Aquela ideia de professor mesmo. De maneira que era assim, chegava à aula, olhava para nós e dizia assim: o que é que eu dei a semana passada? A gente já não se lembrava o que é que ele deu. E as vezes era uma que ia ver no caderno... e a gente... eu dantes levava caderno, ia ver no caderno e, às vezes, calhava de ele dizer: eu não perguntei aquela, perguntei a si, dizia ele (risos). E a gente ria! Ó doutor Monteiro, eu já não lembrava. Mas ele dava geografia e dava e interessava, o... vamos lá... aquilo que ele dava, o tema que ele dava era interessante, de geografia, porque ele dava como se desse no liceu, de geografia. E depois havia uma outra a dizer: Doutor Monteiro! Ó, esqueça agora lá isso. Conta as suas viagens por África. Conta! E ele ficava todo babado. Já tinha me dado um branco. Ficava todo babado e a gente o afastava das aulas (risos). Era a maneira de... pronto! Já arrastava os pés, tal e coisa, já tinha sido professor aqui no liceu. Era um grande professor, gostávamos muito, muito, muito. (Marisol, 77 anos, Caderno de Entrevista 10, pág. 7-8)

Embora gostasse da prática, já que o professor a levava aos bancos do liceu, ela ficava muito sem graça com a pergunta a uma única colega sobre o que se havia tratado na aula anterior. Daí a estratégia de levar o professor a falar de outros assuntos que não o disciplinar. Esse “jeitinho” me era muito conhecido enquanto fui estudante do ensino fundamental e médio: sempre que um professor trazia um conteúdo que não agradava a nós, os alunos, tentávamos que ele falasse de si ou da sua vida pessoal para desvirtuar o assunto e “matar aula”. Havia professores que atendiam às nossas expectativas o que ocasionava uma frequência assustadora do nosso interesse pela vida pessoal do dito professor.

Tenho as seguintes anotações no meu Diário de Campo:

Dona H. dá os avisos sobre a próxima aula e acorda os alunos que estão cochilando. (Diário de Campo, 20/02/2013, pág. 43)

Quando a professora faz um trocadilho entre os Tratados de Versalhes e o ditado de Versailles somente uma aluna ri e três alunos dormem profundamente. (Diário de Campo, 21/02/2013, pág. 44)

Há uma senhora que dorme em um canto. Acordou, mas os olhos pesam de sono. (Diário de Campo, 17/04/2013, pág. 71)

Estas são algumas anotações entre várias observações do sono incontrolável que tomava conta da plateia quando a aula era por demais palestrada. Em compensação na aula de Direito, há a seguinte observação:

É bom observar que a professora de Direito conversa durante a explicação, faz questões aos alunos, dá atenção às questões deles e responde. (...) a professora usa o quadro, faz esquemas para esclarecer melhor as explicações. A sala está cheia. (...) a discussão na aula está bem agitada. A professora teve de intervir para acalmar a turma e ser ouvida. (Diário de Campo, 16/04/2013, pág. 67)

As minhas observações levam em consideração o fato que nos dias em que os alunos dormiam ou cochilavam não havia qualquer movimento do palestrante em ouvi-los ou propor-lhes questões que os desafiassem, embora o conteúdo da aula fosse impecável. Por outro lado, o fato de a palestrante ouvi-los, responder às perguntas, propor atividades ou questões que os instigassem, fazia com que a plateia permanecesse atenta, como também se manifestasse de tal forma que havia necessidade de acalmá-los. Isto era comum também nas aulas de Literatura Portuguesa, pois a professora propunha leituras, comentava a gramática, fazia interpretação oral do texto, declamava poemas e convidada os alunos a declamá-los no que sempre era atendida, havendo em várias vezes, oferta dos alunos em fazer a declamação.

Além disso, a UATI configura-se como uma Instituição que é gerida por idosos e para idosos, sendo que os professores são todos voluntários e, na maioria, já aposentados (*reformados* no português lusitano). A diretora da Instituição conta-me o que se planeja e se faz em um ano de atividades:

Fizemos uma conferência agora, Promoção da Saúde e Prevenção da Doença. Vamos ter agora no dia nove de novembro... temos um senhor que é especialista em barroco, que é da Universidade, doutor Lameira, da Universidade, ali, do Algarve (...). E este ano vem esse senhor que é o doutor Elder Rodrigues, que eu não sei bem se ele está ligado com o doutor Lameiras, sobre Presépios Barrocos, vai fazer aqui uma lição.

Depois a Apropriação Civil do Território, pedimos esta formação aqui de duas horas, uma no dia dez, outra no dia vinte.

Integrada aos vinte anos, vamos fazer uma noite de Fado no Hotel Rei Algarve, no Montenegro no dia treze.

Já tínhamos programado de fazer uma visita às Ruínas Romanas outro dia, mas choveu todo o dia.

Há um senhor, o Felipe Laféia que faz musicais, todos os anos, faz musicais. É um homem extraordinário. Nós vamos sempre aqui, a passeio e vamos lá ver o musical. Temos visto todos, todos, todos. E agora, dia 24 (de novembro) iremos se tivermos gente suficiente para encher um autocarro.

Aqui a nossa assembleia, temos de fazer a assembleia para o plano de atividades e orçamento.

A nossa abertura oficial, vai ser agora, por esse senhor que é o doutor J. de Oliveira Mesquita, que também é professor da Universidade. Vamos ter a abertura oficial do ano letivo numa conferência, não conseguimos mais cedo.

Colaboramos com o Natal oficial sênior da Câmara.

E fazemos o nosso almoço de Natal. Fazemos todos os anos o almoço de Natal no Hotel Eva, um hotel de luxo, quatro estrelas. Com este ano, vai ser o terceiro.

Fazemos um Baile de Carnaval, já fizemos o ano passado, com máscaras, com concurso de máscaras.

Vamos fazer uma viagem de estudo... aparecem sempre coisas no meio. Isto é o programa, que pode ser cumprido ou não.

Vamos fazer uma passagem de modelos de chapéu como comemoração da primavera. Já fizemos no ano passado uma. Roupas recicladas, roupas que já está fora de moda, ou tem assim qualquer defeito, elas pintam. Pintam os blusões, ou pintam as calças, ou pintam blusas, ou pintam saias. É muito interessante!

Vamos fazer de 26 a 27, o estudo da Catalunha. (...) a Figueiras, para ver a casa e a exposição do Dali. Vou a Figueiras, que é onde está. Aqui é o encontro nacional das UTIS, há uma seção que é RUTIS que agrega todas... todas não, são mais agora. São cento e oitenta, que a RUTIS agrega todas... (...) Já foi aqui em Portimão, nós fomos. Este ano estamos tentando ir a Elvas que é relativamente perto.

O encerramento das atividades académicas, fazemos todos os anos em junho. Dá muito trabalho, mas é muito interessante porque fazemos a peça de teatro, que ensaiamos durante o ano, tem teatro, canto coral e ginástica rítmica. Fazemos todos os anos no Teatro Lettes. Já fizemos no Teatro das Figuras, já fizemos no Conservatório, onde pudermos fazer com o mínimo de dispêndio.

Fazemos os Jogos Florais a nível nacional. Já fazemos dezoito ou dezenove, a nível nacional, concorrem as universidades todas e depois fazemos aqui a festa de recepção das pessoas.

Fazemos uma missa pela alma dos alunos e professores e de Ação de Graças pelo ano letivo.

Fazemos o almoço final, noutra hotel qualquer no verão. Ultimamente tem sido em Albufeira, com distribuição de um premiozinho aos professores, uma lembrança aos professores, porque eles trabalham todo ano de graça, não é, fazemos um diploma e oferecemos uma lembranczinha aos professores.

Fazemos o passeio longo de encerramento das atividades.
(Mariah, 75 anos, Caderno de Entrevistas 9, pág. 12- 4)

É uma longa enumeração, mas fiz questão de colocá-la na íntegra para que se tenha ideia da quantidade de atividades que a UATI proporciona aos seus associados.

Por outro lado, as classes de trabalhos manuais são executadas em outro espaço, e as pessoas sentam-se ao redor de mesas maiores e podem conversar todo o tempo enquanto fazem suas atividades. No final do ano, há uma exposição das produções, que vão dos tapetes arraiolo e pintura em cerâmica aos tricôs e crochês, tudo documentado em fotos expostas aos visitantes na sede da UATI.

Presenciei um ensaio do Canto Coral a convite de Francisca, do qual faço a seguinte descrição:

Os alunos posicionam-se em sala de modo habitual e a orquestra, toda composta por homens idosos é formada por uma bateria, uma guitarra portuguesa e três violões. A professora é uma ótima cantora de fado e incita os alunos ao canto. (Diário de Campo, 24/04/2013, pág. 73)

E as canções foram múltiplas. Os alunos revezam-se no canto solo e me dão as letras para que eu os acompanhe o que faço temendo o destoar da minha voz desafinada. A escola brasileira (CMET) também tem o seu grupo coral com uma orquestra, mas, diferente da portuguesa, é composto por alunos das mais diferentes idades e muitos idosos.

Aqui um paralelo: se a Universidade da Terceira Idade prima pelo declamar poemas que tanto podem ser de autores consagrados como escritos pelos próprios alunos, não observei essa prática na escola brasileira. Aqui fico a perguntar-me se é porque não há incentivo à prática ou se é uma questão de temperamento e cultura.

Outro ponto a destacar: se a crítica à UATI se faz pelo espaço físico não propício e pela falta de interação entre os professores, a crítica no CMET se relaciona, exclusivamente, às relações que se podem desenvolver entre alunos e professores e se, por um lado, o CMET admite a heterogeneidade, e isso pode configurar a expulsão dos alunos adultos ou idosos pela postura dos jovens e adolescentes, por outro, a UATI composta exclusivamente por adultos maduros ou idosos não enfrenta esse problema.

De qualquer modo, seja pela parceria instituída no convívio, seja pela ativação da resiliência nos idosos, seja pelo Cuidado que a Instituição é movida, é sempre emocionante ouvir um depoimento como o de Mariar e de Mariana que se refere a um *antes*:

Quando eu tinha que assinar um papel começava a me dar um nervoso, nervoso, porque a pessoa estava ali perto de mim:

- Eu não sei escrever...

- Não, eu vou te dizendo a letra e tu vais escrevendo.

Eu tremia, tremia! E isso me acompanha até hoje e, bem, eu assinei papéis, para me casar, com dificuldade. Primeiramente para trabalhar. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevistas, pág. 3)

Meu Deus... quando era para vir aqui no Centro, os ônibus, eu olhava e ficava na parada e tinha de ficar perguntando para as pessoas... aquilo me dava uma... me dava até uma revolta. Eu digo; eu tenho de dar... eu não vou morrer sem saber ler e escrever. São Pedro lá não vai me aceitar, vai me mandar de volta. (Mariana, 70 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 9)

E a um *depois* do estar-na-escola:

Para mim é muito importante, pois quando eu estou aqui eu tenho a certeza que, se eu precisar de assinar qualquer documento, eu estou podendo. Se eu precisar... porque nem os números das casas eu sabia ler. Eu não conhecia número, eu não consegui até hoje... eu faço as

minhas contas em casa quando chega a conta da água, a conta da luz, eu pego os números tudo e somo tudo tranquilamente, para ver o quanto eu vou pagar, o que eu vou gastar e quanto vai me sobrar, mas o tipo de matemática que a gente faz aqui eu não entendo. Eu não consigo! Eu não sabia contar, eu não sabia contar dinheiro, por exemplo, tanto aqui e quanto sobra de troco! Hoje eu não tenho mais problema, não é? Chegava uma conta de luz, eu tinha de levar, às vezes, para uma vizinha: “quanto é que deu de luz? Ah, deu tanto”, mas eu olhava e não entendia nada! Hoje as minhas contas chega e eu digo: “ah, este mês como foi alta a conta! Ah, não, vamos ter que dar um jeito na luz, está muito alta”, porque o que eu gasto mais, a conta mais alta que eu pago, é a luz. (Mariar, 80 anos, Caderno de Entrevista 8, pág. 12)

Agora nós estamos lendo (com a professora da Oficina de Leitura) este livro aqui. Eu gosto [dessas] aulas (...), porque eu sinto que eu estou aprendendo mais. É um livrão e já estou na página 106 (mostrame o livro de Rubens Fonseca, *O selvagem da ópera*, fotocopiado em letras ampliadas). A professora ia comprar os livros, mas ia sair muito caro, ela falou para nós quarenta e cinco reais, aí ela mandou fazer cópia. A letra bem grande é bom, porque não sou só eu de pessoa de idade na sala dela, tem mais, tem o seu N., tem o seu A., tem outra senhora que é de idade e aí ela fez a letra bem graúda. Às seis horas da manhã, eu me levanto, eu passo a mão no livro e leio três folhas, quatro folhas, porque às sete horas eu tenho que levantar para fazer o café (...). Eu botei o costume, não é, a mania. (Mariana, 77 anos, Caderno de Entrevista 6, pág. 10)

É de se assinalar no *antes*: o medo, a preocupação e a raiva com o não poder. E no *depois* o empoderamento, tanto no controle de sua própria economia doméstica, quanto no entendimento dos signos que não tinham sentido numa vida anterior.

7. ABERTURA

Dor elegante

Paulo Leminski

*Um homem com uma dor
É muito mais elegante
Caminha assim de lado
Como se chegando atrasado
Chegasse mais adiante*

*Carrega o peso da dor
Como se portasse medalhas
Uma coroa, um milhão de dólares
Ou coisa que os valha*

*Ópiós, édens, analgésicos
Não me toquem nesse dor
Ela é tudo o que me sobra
Escrever vai ser a minha última obra*



Tratar da vida é sempre um envolvimento desde o profundo âmago do ser, pois sendo se é e, ao ser, é dado a possibilidade da perspectiva de ser-com. Ao ser-com possibilita-se a vivência no viver do outro, a dor e o trágico, a paixão e a alegria. Porém, penso que é do trágico, nas palavras de Maffesoli, da *solidariedade de base*, do *glutinium mundus* que a tese vem falar.

A utilização das flores secas⁴⁵ que adornam as capas dos capítulos não foi uma escolha aleatória ou simplesmente estética; elas visam representar a beleza, que se conserva, mesmo na desidratação das células vegetais, tal como as reminiscências que, se desidratando das verdades que não mais importam, conservaram a beleza gravada na sensibilidade do fato. Ouvir o trágico da existência de cada uma das velhas senhoras, que me acolheram nas minhas expectativas, fez-me viver a vida desde um outro olhar, de uma outra época, de um outro espaço. Grafá-las e gravá-las nesta tese vai lhes dar uma áurea de imortalidade e de possibilidade de retorno e sentido a vivências que, se já não se foram, estão na própria eminência.

Tenho para mim que esta é uma tese sobre o ser que é e se sabe enquanto é, sendo-o no trágico e no drama. Fundamentada em Maffesoli, posso dizer que o *drama*, o saber apolíneo, relaciona-se à modernidade, ao progresso, ao futuro de *manhãs cantantes* e, ousou dizer, àquilo que DaMatta vai denominar como *a rua*; o *trágico*, o saber dionisiaco, *a casa*, ainda ousando a associação com DaMatta, é aquilo que se *esgota em se aparecer, não existindo reserva que fundaria uma continuidade no tempo ou no espaço* (MAFFESOLI, 2001 pág. 147). Se o apolíneo é o *dever-ser*, o trágico é. É disso que se ocupou o escrever do presente texto: a existência em toda a sua tragédia, pois

⁴⁵ Cada uma das flores que adornam a tese foram colhidas em Faro, Portugal, durante a primavera, quando os campos, os terrenos baldios, as construções, enfim, cada pedacinho de terra abandonada à agricultura é coberto de jardins naturais, tão belos que não cansava de admirar, fotografar e comentar. Colhi algumas dessas flores para algumas aulas de botânica que ministrei na UAlg e outras, simplesmente, para guardar a memória dessa beleza.

(...) a vida cotidiana, à imagem dos indivíduos e dos grupos sociais, é fundamentalmente imperfeita, e é sobre essa imperfeição, inconscientemente assumida, que repousam sua harmonia e seu equilíbrio, sua beleza fascinante também (MAFFESOLI, 2001 Pág. 60).

É do fascínio da vida de minhas informantes que remeto ao lugar do *estar-junto-com* que neste texto é representada pela Instituição Escola, enquanto desafio e possibilidade. Para cada uma delas esse espaço é o local que não pode faltar ou falhar na projeção do próximo dia, do próximo mês, do próximo ano... Se para algumas foi sonho concretizado, para outras é o lugar ameno em que se faz o fortalecimento da vontade de viver na *aceitação do outro como legítimo outro na convivência* (MATURANA, 2001a).

É na elegância da dor que trazida nas reminiscências de vida das mulheres que caminham *assim de lado, Como se chegando atrasado, Chegasse mais adiante* que concluo o texto numa *abertura* às possibilidades que a vida é, enquanto se vive.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS CITADOS

- ABBAGANANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BALANDIER, Georges. *O contorno, poder e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.
- BALANDIER, Georges. *A desordem - Elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1997b.
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e Finitude*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.
- DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DAMÁSIO, Antônio. *O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2001.
- DORNELES, Malvina do Amaral. *Universidade, Educação e Espiritualidade*. In: Lúcia Maria Vaz Peres; Tania Maria Esperon Porto. (Org.). *Tecnologias da Educação: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções*. 1ed. Araraquara - SP: Junqueira & Marin Editores, 2006, p. 113-122.
- DORNELES, Malvina do Amaral. *Universidade, Ciência e Espiritualidade*. In: Evilázio Francisco Borges Teixeira; Marisa Campio Müller; Juliana Dors Tigre da Silva. (Org.). *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. 1ªed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004, p. 131-138

- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Editora Mercuryo Ltda. São Paulo, 1992.
- EPICURO. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Claret, 2005
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1948.
- FERREIRA, Nilda Teves. *Cidadania uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 2*. São Paulo: Edições Graal, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. Volumes 1 e 2.
- HOBBS, Thomas. *O leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico civil*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA 3: *da Renascença ao Século das Luzes*. Organização de Roger Chartier. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JUNG, C.G. e WILHELM, Richard, *O Segredo da flor de ouro – um livro de vida chinês*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUSCH, Rodolfo. *Obras completas*. Rosario (Argentina): Editorial Fundación Ross, 2000. Tomos I, II, III e IV.
- LEHR, Ursula. THOMAE, Hans. *Psicología de la senectud*. Proceso y aprendizaje del envejecimiento. España. Barcelona: Herder Editorial, 2003.
- LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LOURO, Guacira. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LUPER, Steven. *A filosofia da Morte*. São Paulo: Madras Editora, 2010.
- MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2001a.
- MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J. *A árvore do Conhecimento as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Ed. Palas Athena. 2001b.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo, resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós modernas*. São Paulo: Editora Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. *O elogio da razão sensível*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001a.

- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Natal: Argos Editorial, 2001b.
- MAFFESOLI, Michel. *O nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001c.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do Político: A tribalização do mundo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- MONTAIGNE, Michel. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.
- MORIN, Edgar. *O Método 4. As ideias*. Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.
- MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Sintra: Publicações Europa-América Ltda., 5a. Edição, Portugal, 1973.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Sintra: Publicações Europa-América Ltda, 2a. Edição, Portugal, 1970.
- PINKER, Steven. *Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PRIGOGINE, Ilya. *As Leis do Caos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- RAMACHANDRAN. V.S. *Fantasma no cérebro: uma investigação dos mistérios da mente humana*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RIDLEY, Matt. *As origens da virtude: Um estudo biológico da solidariedade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- RUELLE, David. *Acaso e Caos*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2012.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.
- SOUSA, Carolina. *Educação para a Resiliência*. Tavira, Portugal, 2006
- TAVARES, José (org.) *Resiliência e Educação*. São Paulo: Editora Cortez: 2001.
- WALL, Fraz de. *Eu, primata: porque somos como somos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARTIGOS ON-LINE CITADOS

- LAUAND, Jean. *500 provérbios portugueses antigos*. Educação moral. <http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm> (acessado em 10/10/2013).
- FIGUEIREDO, Regina. *Contracepção de Emergência no Brasil: necessidade, acesso e política nacional*. Revista de Saúde Sexual e

Reprodutiva, IPAS Brasil, Setembro de 2004.
http://www.ipas.org.br/arquivos/10anos/Regina_CE2004.doc
acessado em 17/11/2013.

E-BOOKS CITADOS

- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Livros XII, X e XI. Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo, João Beato, Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008. Site:
http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessioness_livros_vii_x_xi.pdf. Acessado em 02/08/2012.
- BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Originalemente publié en 1888. Paris: Les Presses universitaires de France, 1970, 144e édition, 182 pages. Collection Bibliothèque de philosophie contemporaine. Édition complétée le 15 août 2002 à Chicoutimi, Québec. Édition corrigée par Bertrand Gibier, le 7 novembre 2002. Édition revue et corrigée par Pierre SALAMÉ PhD, Strasbourg, France, p.salame@wanadoo.fr, le 22 janvier 2003. Site:
http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/essai_conscience_immediate/essai_conscience.pdf. Acessado em 13/09/2010.
- ARISTÓTELES. *Da Memória e Reminiscência*.
<http://classics.mit.edu/Aristotle/memory.html>. Acessado em 01/07/2013.

TESES E DISSERTAÇÕES E DOCUMENTOS INÉDITOS CITADOS

- BEDIN, Sílvio. *Escola: da magia da criação as éticas que sustentam a escola pública*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.
- DORNELES, Malvina do Amaral. *Lo público y lo popular en el ámbito racionalizador del orden pedagógico moderno*. Tese de doutorado. Córdoba, Argentina, 1996.
- MATOS, Filomena. *Maturidade e resiliência – uma perspectiva acerca da superdotação*. Tese de Doutorado. Universidade do Algarve: Faro, Portugal, 2010.
- NORNBERG, Marta. *Palpitações do Indizível: o lugar da Cuidado na formação de Professores*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- ISELE, Cristiane Terezinha. *Possibilidades de Criação de Sensibilidade Para Cuidar/Respeitar a Corporeidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2011.

ARTIGOS E REVISTAS

- CERQUEIRA, Fábio Vergara, and Denise Ondina Marroni dos Santos. A *Camisola do Dia*. Patrimônio têxtil da cultura material nupcial (Rio Grande do Sul, do início a meados do século XX) The Camisola do Dia: Textile heritage and wedding material culture (Rio Grande do Sul." (2011). <http://www.scielo.br/pdf/eh/v24n48/04.pdf> (acessado em 16/11/2013).
- DOLL, Johannes. *Satisfação de vida de homens e mulheres idosos no Brasil e na Alemanha*. Cadernos Pagu (13) 1999: pp.109-159. www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51315. (acessado em 03/04/2013.)
- DORNELES, Malvina do Amaral. *Saturação*. Revista Educação e realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 627-632, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade (acessado em 05/06/2013).
- FOLKMAN, Suzan. LAZARUS, Richard. *Dynamics of Stressful Encounter: Cognitive Appraisal, Coping, and Encounter Outcomes*. Journal of Personality and Social Psychology. 1986. Vol. 50. No. 5. 992-1003. (acessado em 02/02/2013).
- MOLINA-LOZA, Carlos Arturo. *Resiliência: Um olhar diferente sobre a tragédia humana*. Trabalho apresentado na VI Conferência Internacional de Filosofia, Psiquiatria e Psicologia. Brasília, 2-5 de julho de 2003.
- REVUELTA, José Luis González de Rivera y. *Estrés, Homeostasis y Enfermedad*. Cap. XLV Publicado en: *Psicología Médica Ino Reproducciones* Editor: A. Seva. Zaragoza, p.1-7,1994.
- SAPIENZA Graziela. PEDROMÔNICO Márcia Regina Marcondes. *Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, mai./ago. 2005
- YUNES, Maria Ângela Mattar. *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. Publicado na revista Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, num. esp., p.75;84, 2003.

AUTORES DE SUBSÍDIO AO TEXTO

- ARISTÓTELES, *Textos selecionados*. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Col. Os Pensadores, vol. 3).
- BALANDIER, Georges. *O Dédalo – para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1999.

- BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoras, 2008.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoras, 1999.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Ensaaios sobre a Significação da Comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOBBIO, Norberto. MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CASULLO, Nicolás. *El debate modernidad-posmodernidad*. Buenos Aires: Edigraf, 1989.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O Ser-Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CORRÊA, José de Anchieta. *Morte*. São Paulo: Globo, 2008.
- COSTA, Cláudia de Lima e. SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e políticas feministas*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2004.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- DAMÁSIO, António. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2000.
- DEULEZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34: 1992.
- ELIADE, Mircea. *O reencontro com o sagrado*. Lisboa: Edições Nova Acrópole, 1993.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ELIADE, Mircea. *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ELIAS, Norberto. *A solidão dos Moribundos*, seguido de, *Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola – Educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

- FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Civilizaciones - La lucha del hombre por controlar la naturaleza*. Madrid: Taurus-historia, 2002.
- FERREIRA, Nilda Teves. *Cidadania uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- FERRY, Luc. *O Homem deus ou o sentido da vida*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 1 e 3*. São Paulo: Edições Graal, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FRIGOTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. Um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo: Cortez, 1989.
- GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2003.
- GLEISER, Marcelo. *A dança do universo - dos mitos de criação ao big-bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GRAÇA, Francisca. *Escritos meus*. Estói, Portugal: Gráfica Ossóbona, 2012.
- GRAVES, Robert. *Mitos gregos*. São Paulo: Mandras, 2004.
- GREENE, Brian. *O universo elegante - supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2001.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna - Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEIDEGGER, Martín. *La pregunta por la cosa*. Buenos Aires: Editorial Sur, 1964a.
- HEIDEGGER, Martín. *¿Qué significa pensar?* Buenos Aires: Editorial Nova: 1964b.
- HEIDEGGER, Martín. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, sem data.
- HEIDEGGER, Martín. *Conferências e escritos pedagógicos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- HEIDEGGER, Martín. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Editora Morais Ltda, 1991.
- HEIDEGGER, Martín. *Meditación*. Buenos Aires: Biblos-Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2006.
- HEIDEGGER, Martín. *Sobre el Comiezo*. Buenos Aires: Biblos, 2007.
- HEIDEGGER, Martín. *Nietzsche Metafísica e Nihilismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- HEIDEGGER, Martín. *Ser e Verdade*. 1. A questão fundamental da filosofia. 2. Da essência da verdade. Bragança Paulista/Petrópolis: Editorial Universitária São Francisco - Editora Vozes: 2007.
- HEIDEGGER, Martín. *Parmênides*. Bragança Paulista/Petrópolis: Editorial Universitária São Francisco - Editora Vozes: 2008.

- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Ensaios e Conferências. Peirópolis, SP: Editora Vozes, 2010.
- HEISENBERG, Werner. *A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.
- HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA 1, do Império Romano ao ano mil/ organização Paul Veyne. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA 2, da Europa Feudal à Renascença/ organização Georges Duby. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.
- LEONARDO, Marcelo. *Las imágenes del universo – Una historia de las ideas del cosmos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LOPES, Marta Júlia Marques. MEYER, Dagmar Estermann. WALDOW, Vera Regina (orgs.) *Gênero & Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A Violência totalitária: ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos. O declínio da individualidade nas sociedades de massa*. São Paulo: Editora Forense, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editorial Ltda., 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *O Conhecimento Comum. Compêndio de uma Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- MARCUS, Gary. *Kluge: A construção desordenada da mente humana*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MATURANA, Humberto Romesín; VARELA, Francisco J. García. *De máquinas e seres vivos, autopoiese – A organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciências e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto. *Da biologia à psicologia*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.
- MATURANA, Humberto. *El sentido de lo humano*. Santiago: Ediciones Pedagógica Chilenas S.A., 1992.

- MÓNICA, Maria Filomena. *A Morte*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2001.
- MONOD, Jacques. *O acaso e a necessidade: ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1989.
- MORIN, Edgar. *A religião dos saberes – o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002a.
- MORIN, Edgar. KERN, Anne Brigitte. *Terra pátria*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002b.
- MORIN, Edgar. *O método 1, A Natureza da Natureza*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002c.
- MORIN, Edgar. *O método 2, A Vida da Vida*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001a.
- MORIN, Edgar. *O método 4, As ideias*. Porto Alegre: Sulina, 1999b.
- MORIN, Edgar. *O método 5, A humanidade da humanidade, a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 1999c.
- MORIN, Edgar. *O método 6, Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000a.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.
- MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000c.
- MORIN, Edgar; PRIGOGINE, Ilya. *A Sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- MORIN, Edgar. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- NICOLESCU, Basarab et al. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.
- PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.
- REGO, Teresa Cristina. *Memória de Escola: Cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.
- SAFRANSKI, Rüdiger. Heidegger. *Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTOS, Bettina Steren CARREÑO, Ángel Boza (org.). *A motivação em diferentes cenários*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- SCHRÖDINGER, Erwin. *O que é vida? O aspecto físico da célula vida seguido de mente e matéria e fragmentos autobiográficos*. São Paulo: Unesp, 1997.

- SEJA, Serviço de Educação de Jovens e Adultos. *Falando de nós: O SEJA – Pesquisa Participante em Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Porto Alegre, 1998.
- SERRES, Michel. *O contrato natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *O tempo e a máquina do tempo – Estudos de filosofia e pós-modernidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- TOMÁS DE AQUINO. *Compêndio de teologia*. Bauru: Nova Cultural Ltda, 1996.
- THOMSON, Oliver. *A assustadora História da Maldade*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- WEFFORT, Francisco C. (org.). *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, 2003.
- WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WRIGHT, Robert. *O animal moral. Por que somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Campos, 1996.

TESES, DISSERTAÇÕES E DOCUMENTOS INÉDITOS

- COELHO, Marília. *Estudo da resiliência em contexto de adversidade*. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008-2009.
- GIL, João Carlos Adelina. *O valor axiológico do amor: sustentabilidade do processo de ativação do desenvolvimento humano*. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008.
- MARTINS, Anabela. *A resiliência*. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008.
- MARTINS, Lília Conceição Santo. *A motivação na formação inicial de professores/educadores como fator promotor de resiliência*. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008.
- MATEUS, Joana. *A importância da resiliência na (re)construção das famílias com filhos portadores de deficiência*. O papel dos profissionais da educação/reabilitação. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008.
- MELO, Vanda Lisa Gaspar de. *Motivação e competência educativa: que aliança?* Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008.
- MELO, Vanda Lisa Gaspar de. GIL, João. MARTINS, Lília. *Da equilíbrio das 7 resiliências e do auto-perdão na (re)construção da práxis educativa do professor educador*. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008.
- RIBEIRO, Carla. *Resiliência e autoconhecimento*. Orientadora: Dra. Profa. Helena Ralha-Simões, 2001.
- RODRIGUES, Cátia Vieira. *A importância do voluntariado para o utente da SMC Lagos*. Anteprojeto da tese de investigação. Orientadora: Dra. Profa. Carolina Sousa, 2008

ARTIGOS ON-LINE

- COSTA VELOSO, Esmeraldina. *As Universidades da Terceira Idade em Portugal: Um contributo para a análise da sua emergência*. Imprensa da Universidade Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316.2/4624> Acessado em: 2-Apr-2013 15:37:00.
- DOLL, Johannes. KARL, Fred. *Demência e Pedagogia Social*. Estudos interdisciplinares do envelhecimento, Porto Alegre, v. 10, p. 45-56, 2006.<http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4795/2701> (acessado em 05/08/2013).
- DOLL, Johannes. *Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade*. BCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 9-21-jan./jun. 2006.<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/60/0> (acessado em 05/09/2013).
- RUTIS - Rede de Universidades da Terceira Idade – www.rutis.org *Caracterização das Universidades da Terceira Idade em Julho de 2008*. (acessado em 10/02/2013).
- SWAIN, Tânia Navarro. *Velha? Eu? Autorretrato de uma Feminista* <http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/anahi1.htm> (acessado em 08/03/2012).

SÍTIOS DA INTERNET PESQUISADOS:

- <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u92029.shtml> (acessado em 13/11/2013)
- <http://arnaldo-antunes.lyrics.com.br/letras/08719/> (acessado em 13/11/2013)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mauricinho> (acessado em 13/11/2013)
- <http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm> (acessado em 16/11/2013)
- <http://aulete.uol.com.br/peda%C3%A7o> (acessado em 16/11/2013)
- http://www.unoesc.edu.br/sites/default/files/cristiane_terezinha_isele_0.pdf (acessado em 16/11/2013)
- http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main
- http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros
- <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfilidosos2000.pdf> acessado em 15/06/2010
- <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf> acessado em 15/06/2010
- <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/ibge-indica-que-analfabetismo-cai-menos-entre-maiores-de-15-anos.html>
- <http://www.ee.usp.br/REEUSP/upload/html/546/body/v34n4a08.htm>, acessado em 13/03/2013.

http://www.ibge.gov.br/english/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=317&id_pagina=1 acessado em 15/06/2010
<http://www.ibge.gov.br/mtexto/pnadcoment1.htm> acessado em 15/06/2010
<http://www.ibge.gov.br/mtexto/ism.htm> acessado em 15/06/2010
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf> acessado em 15/06/2010
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf> acessado em 15/06/2010
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000033.pdf> acessado em 15/06/2010.
http://www.researchgate.net/publication/19450170_Dynamics_of_a_stressful_encounter_cognitive_appraisal_coping_and_encounter_outcomes. Acessado em 02/02/2013.

MÚSICAS CITADAS

ANTUNES, Arnaldo. CAVALCANTI, Péricles. *Jovens e Velhos*. Disco: Senhas. Intérprete: Adriana Calcanhoto. Gravadora: Columbia. 1992.

BARBARÁ, Mario. NAPP, Sérgio. *Desgarrados*. Disco: XI Califórnia da Canção Nativa do RS. Gravado ao vivo em Uruguaiana. Produtor fonográfico: K-tel do Brasil, Coml Ltda. 1981.

LEE, Rita. CARVALHO, Roberto. *Cor de Rosa Choque*. Disco: Rita Lee & Roberto de Carvalho. Gravadora: Som Livre, SIGLA. 1995.

VELOSO, Caetano. *Trem das Cores*. Disco: Cores e Nomes. Gravadora: Polygram. 1984.